UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E LITERATURA ALEMÃ

JOÃO JOAKIM THORÉN WAGNER

Paracelso – pioneiro, plural, polêmico:

Traduzir para resgatar uma personalidade histórica marginalizada

Versão corrigida

São Paulo

2019

JOÃO JOAKIM THORÉN WAGNER

Paracelso – pioneiro, plural, polêmico:

Traduzir para resgatar uma personalidade histórica marginalizada

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Alemã do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sampaio Xavier de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Tinka Reichmann

Versão corrigida

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

W133p Wagner, João Joakim Thorén
Paracelso – pioneiro, plural, polêmico: Traduzir
para resgatar uma personalidade histórica
marginalizada / João Joakim Thorén Wagner;
orientador Paulo Sampaio Xavier de Oliveira. São
Paulo, 2019.
166 f.

Dissertação (Mestrado)– Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Língua e Literatura Alemã.

1. Tradução. 2. Skopostheorie. 3. Paracelso. 4.
Von den ersten drei Essentiis. 5. História da
Ciência. I. Oliveira, Paulo Sampaio Xavier, orient.
II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): João Joakim Thorén Wagner

Data da defesa: 27/06/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dr. Paulo Sampaio Xavier de Oliveira

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 02/09/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

WAGNER, João Joakim Thorén. **Paracelso – pioneiro, plural, polêmico:** Traduzir para resgatar uma personalidade histórica marginalizada. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em Língua e Literatura Alemã.

Aprovado em: 28 / 06 / 2019

Banca examinadora

Profa. Dra. Lenita Maria Rimoli Pisetta

Instituição: FFLCH - USP

Julgamento: aprovado

Profa. Dra. Luciana Villas Bôas

Instituição: UFRJ (FFLCH)

Julgamento: aprovado

Profa. Dra. Cristina de Amorim Machado

Instituição: UEM - Externo

Julgamento: aprovado

AGRADECIMENTOS

A ideia e a oportunidade de realizar este trabalho se apresentaram após uma grande mudança ocorrida em minha vida, uma verdadeira guinada. Foram várias as contribuições importantes para o êxito desta empreitada e quero aqui manifestar meu agradecimento por elas.

Em primeiro lugar, agradeço à minha esposa Ana Paula pelo apoio incondicional à reviravolta que resolvi dar em minha vida e que, de outra forma, não poderia ter acontecido, e assim o presente trabalho em si não teria tido chance de se realizar.

Aos meus pais, tenho a agradecer, mais que pela transmissão e manutenção do alemão na família, por terem proporcionado desde muito cedo, ambiente de estímulo à leitura e a oportunidade de convivência, já de infância, com diversos idiomas, circunstância essencial e precondição indispensável para vislumbrar, num momento de crise, um caminho alternativo e para o êxito na guinada de vida, que desaguou neste trabalho. Numa nota ainda mais pessoal, neste ponto, cabe também render homenagem ao meu avô materno de criação, Ivar Knut Alexis Thorén, professor universitário de sueco, e que, em minha tenra infância, me proporcionou numerosas seções de leitura. Certamente abriu caminhos...

A Suzana Lakatos agradeço pela forma tão obstinada e persistente de, em circunstâncias de crise pessoal, insistir em me apontar um novo caminho, direcionando-me rumo à já citada guinada.

No âmbito da concepção e realização desta dissertação, revelou-se preciosa uma conversa despretentosa com Américo Sommerman, editor. Foi ele que me indicou a grande dificuldade de se encontrar textos de Paracelso em português e, desta forma, inadvertidamente, desencadeou a sequência de eventos que acabou por resultar nesta dissertação.

Igualmente, agradecimentos aos professores dos diversos departamentos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas que contribuíram em minha formação em Letras – português e alemão – e me dotaram do ferramental necessário para esta empreitada.

À CAPES, pela concessão de bolsa que resultou nesta dissertação. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

RESUMO

WAGNER, J. J. T. **Paracelso – pioneiro, plural, polêmico:** Traduzir para resgatar uma personalidade histórica marginalizada. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Este trabalho se propõe a elaborar uma tradução comentada de um tratado médico de Paracelso, importante ator na individualização de diversas áreas modernas de conhecimento a partir da Alquimia. A imagem geralmente associada a ele se mostra marcada pelas campanhas difamatórias havidas que, provavelmente, facilitaram que a influência de suas ideias fosse progressivamente diminuída e posta de lado. Especificamente na esfera da língua portuguesa, a disponibilidade de textos seus é limitada, sendo, essencialmente, restrita a algumas (poucas) traduções indiretas. O *corpus* para a tradução propriamente dita compõe-se de três versões, num corte diacrônico, do tratado *Von den ersten drei Essentiis*: a edição de 1589, pouco após a morte de Paracelso, a edição de 1930, ainda em *Frakturschrift* e muito parecida com a de 1589, e a edição de 1965, apresentada já em alemão moderno e em fonte *Antiqua*. No cotejo destas edições observaram-se diferenças sugestivas da existência de propostas (escopos) individuais para cada edição. A primeira como texto técnico, a segunda como texto de divulgação, de cunho histórico, e a terceira, de cunho também histórico, mas voltada para o público moderno. Para a chamada *Skopostheorie*, o escopo ocupa posição central numa tradução e em seu redor, e diretamente condicionadas por ele, gravitam todas as decisões tradutórias. Por esta valorização dada ao escopo, que, para este trabalho, foi diverso daqueles apresentados no *corpus*, optou-se pela *Skopostheorie* como balizamento teórico dos trabalhos. Assim, o escopo regeu a definição das soluções propostas para os diversos desafios de tradução encontrados. Dentre eles estão as mudanças linguísticas decorrentes da passagem do tempo, a presença de elementos do latim no texto-fonte (na forma de palavras e presença de declinação) e os variados recursos que Paracelso empregou para contornar limitações linguísticas impostas pelo *Frühneuhochdeutsch* (tais como neologismos e germanizações, com diferentes graus de preservação e incorporação efetiva no alemão moderno).

Palavras-chave: Tradução, *Skopostheorie*, Paracelso, *Von den ersten drei Essentiis*, História da Ciências

ABSTRACT

WAGNER, J. J. T. **Paracelsus – pioneering, plural, polemic: Translating in rescue of a marginalized historical personality.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

This paper proposes to elaborate a commented translation, from German to Portuguese, of a medical treatise of Paracelsus, an important actor in the individualization of several modern areas of knowledge from Alchemy. The image usually associated with him is strongly influenced by defamatory campaigns moved against him by his contemporary peers and that have made it easier for the influence of his ideas to be progressively diminished and set aside. Specifically in the sphere of the Portuguese language, the availability of his texts is limited, being essentially restricted to (a few) indirect translations. The corpus for the translation itself consists of three versions, in a diachronic section, of the treatise *Von den ersten drei Essentiis*: the 1589 edition, shortly after the author's death, the 1930 edition, still in *Fraktur* type font and very much like the one of 1589, and the edition of 1965, already presented in modern German and *Antiqua* font. In the comparison of these editions, were found differences suggestive of the existence of individual purposes (scopes) for each edition. The first one as a technical text, the second as a text of divulgation, of a historical nature, and the third, also historical, but aimed at the modern public. Within the chosen theoretical framework, known as *Skopostheorie*, the scope occupies a central position in a translation and around it, and directly conditioned by it, gravitate all the translation decisions. This importance attached to scope was decisive as the scope for this work, was different from the others presented in the corpus. Thus, the scope governed the definition of the solutions proposed for the various translation challenges encountered. Among them are linguistic changes deriving from the passage of time, the presence of Latin elements in the source text (in the form of words and presence of declination) and the varied resources that Paracelsus used to circumvent language limitations imposed by the *Frühneuhochdeutsch* (such as neologisms and germanizations, with different degrees of preservation and effective incorporation into modern German).

Keywords: Translation, *Skopostheorie*, Paracelsus *Von den ersten drei Essentiis*, History of Sciences.

ZUSAMMENFASSUNG

WAGNER, J. J. T. **Paracelsus – Pluralistischer Pionier und Polemiker: Übersetzen um eine marginalisierte historische Persönlichkeit zu bergen.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2019.

Zielsetzung der vorliegenden Arbeit ist die Erstellung einer kommentierten Deutsch-Portugiesisch Übersetzung eines medizinischen Traktats von Paracelsus, einer wichtigen Figur in der Ableitung – aus der Alchemie – verschiedener Wissenschaftsbranchen. Noch heute wird sein Name mit einem von persönlichen Attacken geprägten schlechten Ruf verbunden. Dadurch wurde der Einfluss seiner Ideen progressiv geschwächt und beiseitegeschoben. Spezifisch im Rahmen der portugiesischen Sprache ist der Zugang zu Texten von Paracelsus beschränkt und geschieht im Wesentlichen mittels einiger (wenigen) indirekten Übersetzungen. Das Korpus besteht aus drei Versionen des Traktats *Von den ersten drei Essentiis*: der Erstausgabe von 1589, erschienen kurz nach Paracelsus' Tod, einer Ausgabe von 1930, noch in Frakturschrift und der Erstausgabe sehr nah, und einer Ausgabe von 1965 in Neuhochdeutsch gefasst und mit *Antiqua*-Druckschrift. Der Vergleich dieser Ausgaben erwies Unterschiede die auf verschiedene, ausgabenspezifische Zielsetzungen hinweisen: die erste als Fachtext, die zweite als historische-wissenschaftliche Verbreitung, und die dritte ebenfalls als Verbreitung, aber den modernen Leser anvisierend. Die *Skopostheorie* deutscher Prägung räumt dem Ziel, bzw. dem Skopus eines zu übersetzenden Textes eine zentrale Stellung ein. Um ihn herum und direkt durch ihn bedingt kreisen alle Übersetzungsentscheidungen. Dieser hohe Stellenwert des Skopus, der für diese Arbeit sich von den Skopen des Korpus unterschied, führte zur Wahl der *Skopostheorie* als theoretische Fundierung. Darum steuerte der Skopus die Definition der Bearbeitungsvorschläge für die angetroffenen Übersetzungsherausforderungen, wie z.B. zeitbedingte sprachliche Veränderungen, Anwesenheit lateinischer Elemente im Ausgangstext (wie etwa Wörter und Deklinationen) sowie einiger vorgeschlagenen Neuerungen zur Umgehung sprachlicher Begrenzungen des Frühneuhochdeutsch – z.B. Neologismen und Verdeutschungen mit unterschiedlichem Erfolg und Einverleibung ins Neuhochdeutsche.

Schlüsselwörter: Übersetzung, *Skopostheorie*, Paracelsus, *Von den ersten drei Essentiis*, Geschichte der Wissenschaften

Digitalisierung gefördert durch die Deutsche Forschungsgemeinschaft • DFG

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001

Sumário

Preâmbulo e Introdução	1
Parte I – Paracelso (1493/1494 – 1541)	6
1. Introdução	6
2. Paracelso (1493/1494 – 1541)	10
2.1. O personagem histórico	11
2.2. A pessoa	12
2.3. Biografia sumária	13
3. Duas grandes polêmicas envolvendo Paracelso	15
3.1. Basel: enfrentando o <i>establishment</i>	15
3.2. Nürnberg: a polêmica sífilis-guaiaco	18
4. Alquimia	20
5. Paracelso: ruptura ou continuidade?	26
5.1. Paradigma	26
5.2. Galenismo: os quatro humores aristotélico-galênicos	30
5.3. Antigalenismo: Tria Prima	32
Parte II – Fundamentação teórica	37
6. Hermenêutica e escopo	37
7. <i>Von den ersten drei Essentiis</i> – Um mesmo texto em várias versões ...	39
7.1. Edição Huser	41
7.2. Edição Sudhoff	44
7.3. A Coletânea de Peuckert	46
7.4. Esta dissertação	48
8. A Tradução de <i>Von den ersten drei Essentiis</i>	51
8.1. Traduzir é para indecisos? – A inevitabilidade do decidir	51
8.2. <i>Skopostheorie</i> – Teoria do escopo	54
8.3. Tradução funcionalista	59

8.4. Um cheque em branco ao tradutor?	61
Parte III - Comentários sobre a tradução	67
9. Das decisões tradutórias na tradução de <i>Von den ersten drei Essentiis</i> 67	
9.1. Introdução	67
9.2. Devem ser assinaladas as intervenções do tradutor?	67
9.2.1. <i>Intervenções referentes a aspectos sintáticos</i>	68
9.2.2. <i>Intervenções referentes a aspectos lexicais</i>	68
9.2.3. <i>Intervenções relativas ao contexto da obra</i>	70
9.3. Paracelso já vislumbrava terminologia como a concebemos modernamente?.....	70
9.4. Contornando as carências do <i>Frühneuhochdeutsch</i>	73
9.4.1. <i>Os neologismos de Paracelso</i>	73
9.4.2. <i>Germanizações em Von den ersten drei Essentiis</i>	74
9.4.2.1. <i>Formas de germanização não incorporadas ao alemão moderno</i> .	74
9.4.2.2. <i>Formas de germanização com incorporação localizada e limitada</i>	74
9.4.2.3. <i>Formas de germanização com ampla incorporação localizada</i>	75
9.4.3. <i>Palavras latinas totalmente assimiladas pelo alemão</i>	76
9.5. Traduzir ou não os elementos latinos? Como decidir?	78
9.6. Declinação – como tratar?	79
10. Desafios de tradução gerados pela passagem do tempo	81
10.1. Alterações de aspectos semânticos observadas no alemão	81
10.2. A alteração de sentido ao longo do tempo e as notas de tradutor	83
10.3. A alteração de sentido ao longo do tempo e o escopo de trabalho....	84
11. Preterindo o texto Peuckert.....	85
12. Considerações Finais	87
13. Tradução de <i>Von den ersten drei Essentiis</i>	91
Parte IV - Bibliografia	102

Anexos	I
Anexo I – Tradução lado a lado de <i>Von den ersten drei Essentiis</i>	I
Anexo II Trechos com tradução baseada na edição Huser	XIV
Anexo III <i>Von den ersten drei Essentiis</i> - Edição Huser	XIX
Anexo IV <i>Von den ersten drei Essentiis</i> – Edição Sudhoff	XXIX
Anexo V – Von den ersten drei Essentiis – Coletânea Peuckert	XXXIX

Preâmbulo e Introdução

Com a queda definitiva do Império Romano ocidental, por convenção assinalada pela tomada de poder por Odoarco em 476 d.C., acentuou-se o processo de degradação e desagregação que vinha se manifestando na estrutura de estado do Império Romano, refletindo-se na própria fragmentação política. No período histórico seguinte, que veio a ser conhecido como Idade Média, este quadro veio a se acentuar ainda mais, especialmente em áreas como ensino e transmissão de conhecimentos. Em sua esteira, observou-se a progressiva degradação do domínio de latim, que havia sido traço de união no Império Romano. Na Idade Média, o latim, embora mantendo a posição de língua de prestígio, sofreu crescentes dificuldades em sua difusão entre a população, dada a precariedade dos recursos de ensino disponíveis. Disso resultou gradual concentração dos falantes de latim em certos estratos da sociedade. Como os textos existentes eram herança de Roma, estavam escritos em grego e, principalmente, em latim. Ou seja, o domínio de latim e o acesso a conhecimentos herdados de Roma podem ser considerados como percorrendo trajetórias paralelas, e correlatas, de decadência.

Na Europa ocidental, a progressiva concentração do conhecimento especializado da Antiguidade acabou por gerar ilhas de conhecimento. A principal destas verdadeiras cápsulas de sobrevivência foi a Igreja. Da conjunção desta concentração de conhecimentos médicos, de particular interesse para este trabalho, com a precariedade das estruturas estatais e o caráter caritativo de muitos trabalhos da Igreja resultou que entidades religiosas eram as únicas disponíveis e capacitadas para oferecerem algum suporte médico.

Por outro lado, no mundo muçulmano, uma quantidade relevante de textos de sábios da Antiguidade não só se mantinha preservada na forma de traduções para o árabe, como numerosos sábios as estudavam e, partindo delas, desenvolviam novos trabalhos. Os desenvolvimentos alcançados por estes estudiosos acabaram por alcançar também a Europa, em especial através dos contatos culturais que se verificaram em circunstâncias como as Cruzadas ou a convivência cultural em regiões de ocupação muçulmana, como Península Ibérica ou Sicília. Foi por esta rota que nomes como Avicena e Averróis chegaram à Europa e se tornaram figuras de destaque e referência na medicina.

Ao final da Idade Média, em especial a partir do chamado Humanismo, num movimento certamente inflado pela chegada das levas de fugitivos do avanço das tropas otomanas sobre Constantinopla, ocorreu uma revalorização da Antiguidade, seus

conhecimentos e autores. Houve neste momento a (re)descoberta de vários textos sobreviventes da Antiguidade, muitos deles escritos em grego, cujo domínio era, então, bastante restrito. Através de traduções para o latim, eles tornaram-se novamente disponíveis, ainda que limitado a quem dominassem este idioma. Voltando o olhar especificamente para a Medicina, observa-se que neste momento histórico ocorreu um movimento de crítica aos ensinamentos médicos então correntes. Este *corpus* médico, com forte influência do mundo muçulmano, se vê posto em xeque, e defende-se retomada incondicional da doutrina médica da Antiguidade (em especial Hipócrates e Galeno).

Esta é a conjuntura em que Paracelso, Philip Theophrast Bombast von Hohenheim (1493-1541), nasce, desempenha seu trabalho profissional como médico e propõe sua teoria da doença. Recorrendo extensivamente à sua bagagem de conhecimentos de Alquimia, ele se opõe à teoria hipocrático-galênica dos quatro humores para explicar a ocorrência de doenças. Em substituição aos humores não bem definíveis, Paracelso propõe três “essências” materiais como fundamentos para explicar o fenômeno. Ou seja, num momento em que ocorria um enaltecimento muito acentuado dos mestres e doutrinas médicas da Antiguidade, num movimento contra as inovações vindas do mundo muçulmano, Paracelso lança um modelo contestando justamente os mestres antigos, além das referidas inovações.

Não bastasse confrontar diretamente a doutrina que estava sendo (re)proposta, Paracelso também adotou outras posturas de enfrentamento com o *status quo*. Assim, por exemplo, ele atacou diretamente diversas convenções aceitas e seguidas pela comunidade médica de sua época. Recusava-se a seguir certos padrões de vestuário estabelecidos para os médicos e, não bastasse se recusar a usar as ricas vestes prescritas, criticava explicitamente colegas de profissão que o fizessem.

Além disso, Paracelso também fazia questão de manter certa distância do latim: recorria de forma extensiva ao vernáculo de sua época, fazendo uso extensivo do *Frühneuhochdeutsch*, forma inicial do alemão padrão moderno. Isto ocorria tanto em suas palestras enquanto lecionava na universidade de Basel, quanto em seus escritos, dos quais só alguns foram publicados em vida. Dado o elevado status de que gozava o latim em círculos eruditos, esta opção representava, em certa medida, um ultraje adicional à comunidade acadêmica.

A atuação de Paracelso deixou repercussões em numerosas áreas de conhecimento, muitas das quais apenas se estabeleceram como tais muito mais tarde. Diversas o consideram mesmo figura fundadora, dentre estas podemos citar: Farmácia,

Química e Toxicologia. Considerando a amplitude na abrangência de sua atuação, não pode deixar de causar estranheza a sua limitada presença em estudos e textos históricos.

Para este trabalho, selecionou-se um tratado seminal da doutrina de Paracelso: *Von den ersten drei Essentiis*, em que ele apresenta a sua teoria para explicar a doença. Em lugar dos quatro “humores”, de definição difícil, propostos na doutrina hipocrático-galênica, é apresentada a chamada *tria prima*, composta por três “princípios” ou “essências”, de características materiais, para explicar as doenças.

O impulso inicial para este trabalho pode ser localizado em uma conversa do autor da dissertação com um editor. Nela, foi mencionada a escassez generalizada de textos de Paracelso em português, o reduzido número de edições existentes e sua baixa disponibilidade, além de serem traduções indiretas e não feitas partir de texto em alemão. A familiaridade prévia deste autor com a figura de Paracelso, adquirida em graduação anterior, em Química, associada com a segunda graduação em Letras (alemão), despertou o interesse em elaborar e propor um projeto de mestrado tendo como objeto uma tradução direta de texto de Paracelso.

Como primeiro passo, selecionou-se o texto de partida. O corpus de partida se compõe, além de uma versão do tratado em alemão moderno (“edição Peuckert”) e da versão original (“edição Huser”), também de uma versão intermediária (“edição Sudhoff”). Na análise destas três versões, logo se evidenciou ser indispensável ter-se em mente ser, no mínimo, questionável considerar-se que elas todas apresentem os mesmos objetivos, os mesmos propósitos: o mesmo escopo. O simples distanciamento histórico entre elas, somado às relevantes mudanças culturais, inclusive linguísticas, verificadas ao longo do tempo já tornaria esta suposição questionável. Logo, fica clara a importância de levar em conta o (provável) propósito que cada uma das versões incluídas no *corpus* se propõe a atender. Dentre as diversas correntes teóricas da tradução, a chamada *Skopostheorie* (teoria do escopo), proposta inicialmente por Vermeer (REISS e VERMEER 1984), foi julgada a mais adequada, justamente por colocar o escopo de um texto como ponto focal de suas atenções.

Para esta dissertação, colocou-se como objetivo, primeiramente, a realização de tradução comentada do tratado selecionado diretamente do alemão para o português. Atribuiu-se atenção especial a possibilitar ao público-alvo – considerado como composto de falantes nativos do português e com interesse pela figura de Paracelso, por História (especialmente, história das ciências) ou alguma das áreas de atuação de Paracelso – o acesso a uma obra de sua autoria em tradução direta do alemão. Adicionalmente, buscou-

se proporcionar aos leitores uma visão contextualizada do texto trabalhado, fornecendo informações adicionais, p. ex. através de notas de rodapé, com vistas a uma boa compreensão. Por outro lado, visou-se, também, alcançar um texto de chegada que, ao invés de ser totalmente transparente ao leitor lusófono, reproduzisse algo das dificuldades que o texto-fonte impõe, mesmo ao leitor germanófono moderno. Estas dificuldades se apresentam tanto na esfera da própria língua, quanto da estrutura do raciocínio, própria da época, adotada por Paracelso. Com vistas a este último objetivo, intervenções estruturais no texto foram limitadas à manutenção da compreensibilidade; não se buscou apresentar reformulações mais extensas do que o estritamente necessário e inevitável.

Esta dissertação divide-se, para além da bibliografia, em três grandes partes, subdivididas, por sua vez, em itens, e subitens, numerados de forma sequencial. Em complemento ao corpo principal do texto, há também quatro anexos. São eles:

- a compilação dos segmentos da tradução cotejados, lado a lado, com o texto-fonte usado;
- a compilação dos trechos em que houve discordância em relação ao texto proposto por Peuckert (a versão mais recente) e preferência pela versão Huser (a mais antiga);
- o cotejo dos trechos em que houve preferência pela versão Huser, comparando com a versão Peuckert e a tradução deste trabalho;
- o texto integral de *Von den ersten drei Essenitiis*, nas versões Huser, Sudhoff e Peuckert.

A segmentação do corpo principal do texto reflete a diferença do conteúdo tratado em cada uma das partes. Deste modo, a primeira parte é dedicada a apresentar um conjunto de informações sobre contexto e conjuntura consideradas necessárias à adequada leitura e compreensão do texto-fonte, *Von den ersten drei Essenitiis*. Primeiramente, é apresentada uma visão geral do contexto histórico em que Paracelso viveu e teve sua atuação e, a seguir, é trazida uma visão panorâmica referente à pessoa de Paracelso, nas vertentes histórica e biográfica. Nesta parte, também se considerou importante destacar

duas grandes polêmicas em que Paracelso esteve envolvido, por ilustrarem bem traços de sua personalidade.

Também foi considerado importante oferecer visão geral de outros tópicos. Assim, a Alquimia é apresentada, por ter sido ela a base de partida, tanto em aspectos teóricos quanto práticos, da atuação de Paracelso. Considerou-se, igualmente, pertinente a inclusão de uma breve discussão sobre o entendimento de Kuhn da ideia de “paradigma”, para uma melhor compreensão do conflito verificado entre o modelo então vigente, o galenismo, e o antigalenismo proposto por Paracelso.

Na segunda parte ocorre o tratamento dos aspectos vinculados à dimensão teórica do trabalho de tradução. Tomando como ponto inicial o conceito de “escopo” apresentado originalmente pela Hermenêutica, parte-se de uma análise das três versões de *Von den ersten drei Essenitiis* que compõem o *corpus* de partida e, levando em conta as diferenças de propósito observáveis, estabelece-se uma comunicação com a *Skopostheorie* (teoria do escopo), a teoria de tradução selecionada para nortear esta dissertação, que é objeto de discussão específica.

Já a terceira parte apresenta comentários e conclusões resultantes da execução da tradução propriamente dita e de considerações feitas ao longo dos trabalhos. A primeira questão que se apresentou dizia respeito à pertinência, ou não, de explicitar as intervenções do tradutor e a forma de, eventualmente, sinalizá-las. Como outras definições que se fizeram necessárias, temos o tratamento a ser dado à dimensão terminológica, inesperada inicialmente, e encontrada no texto-fonte. Outra definição necessária dizia respeito ao tratamento a ser dado às soluções a que Paracelso recorreu para contornar as limitações linguísticas impostas pelo *Frühneuhochdeutsch*, e como lidar com algumas questões apresentadas, p. ex, por certos elementos latinos. O tópico final a demandar definição foi a forma de tratar os desafios de tradução decorrentes de mudanças linguísticas geradas pela passagem do tempo.

Parte I – Paracelso (1493/1494 – 1541)

1. Introdução

Ao final da Idade Média, diante do progressivo avanço das tropas do Império Otomano, que conquistavam territórios ao convergir sobre Constantinopla, a capital do moribundo Império Bizantino, intelectuais e artistas já estavam há tempos em fuga de lá (SANTOS 2004, p. 60). Já havia ocorrido sensibilização para a existência de visões e concepções de mundo distintas daquelas prevalentes na Europa. Este foi um dos efeitos secundários do contato direto com os povos muçulmanos, ocorrido durante as cruzadas. Isto facilitou a aceitação dos estímulos gerados pelo influxo de ideias e influências trazidos pelos refugiados de Constantinopla. Estes, que traziam consigo seus conhecimentos e as suas bibliotecas contendo obras de autores antigos, gregos, romanos e sarracenos, perdidas ou desconhecidas no Ocidente, geraram renovado interesse pelos autores clássicos da Antiguidade, tanto nas Belas Artes e Arquitetura, quanto em Literatura e Ciências. Resultou também uma secularização da forma de viver, conduzindo a um distanciamento da Escolástica e aprofundando posturas críticas à tradição (REITHER 1957, pp. 207-208).

Dentre as grandes alterações da época mencionamos: Copérnico (1473- 1543) concebe o modelo planetário heliocêntrico (embora este só seja apresentado postumamente), Bartolomeu Dias (ca. 1450-1500) dobra o Cabo das Tormentas (logo rebatizado de Cabo da Boa Esperança), Colombo (1451–1506) alcança a América, em 1499 Vasco da Gama (1469-1524) alcança as Índias e Fernão de Magalhães (1480-1521) circumnavega a Terra.

Ressurgiu, pela mão dos refugiados de Constantinopla, o interesse e estudo de textos, literários e científicos, estátuas, prédios, dentre outros, da Antiguidade. Inicialmente esta retomada de interesse pelos antigos gera o Humanismo, que logo deságua na chamada Renascença, cuja faceta mais luminosa e bem conhecida é ligada à retomada artística, representada por nomes como Donatello (1386?–1466) e Botticelli (1445?–1510) e na Itália do chamado *quattrocento*, Leonardo da Vinci (1452-1519), Michelangelo Buonarroti (1475-1564), Ticiano (1477-1576), Rafael (1483-1519), para citar apenas alguns. Vários deles se destacam em mais de uma área. Assim, Michelangelo é um reconhecido expoente em pintura, escultura e arquitetura. Já da Vinci é exaltado como pintor, mas também como anatomista e inventor visionário. Em sua atuação pode-

se entrever a outra vertente do Humanismo/Renascença e, em geral, menos exaltada: a retomada do interesse pela bagagem científica da Antiguidade.

1414	Descoberta do manuscrito <i>De re architectura</i> de Marcus Vitruvius Pollio, o único tratado de arquitetura da Antiguidade preservado.
1423	Giovanni Aurisipa traz de Constantinopla numerosos manuscritos (Platão, Xenofonte, Diodoro, Plutarco, Ésquilo, Sófocles, entre outros), contribuindo grandemente para a preservação de conhecimentos da Antiguidade.
1422	1º cerco otomano a Constantinopla
1453	Queda de Constantinopla Término da Guerra dos Cem Anos
1439	Gutemberg introduz o uso de tipos móveis na imprensa
1470	Primeira edição de “Educação Oratória”, de Quintiliano, importante guia educacional romano e considerado “guia do Humanismo”.
1472	Criação, pela família Médici, da Biblioteca Laurenziana, em Florença.
1475	Nascimento de Michelangelo Buonarroti
1485	Bartolomeu Dias contorna o cabo da Boa Esperança
1487	1ª publicação de <i>Malleus maleficarum</i> , obra-guia da Inquisição
1491	Assinatura do Tratado de Tordesilhas
1492	Cristóvão Colombo chega à América Niccolò Leonico (1482-1524) publica <i>De Plinii et plurium aliorum in medicina erroribus</i> gerando forte controvérsia quanto à autoridade dos autores antigos Tradução, para o latim, de <i>Enéades</i> , de Plotino.
1495	Nova edição das obras de Aristóteles
1497	Tradução de <i>Metamorfoses</i> , de Ovídeo.
1498	Tradução da <i>Poética</i> de Aristóteles Vasco da Gama atinge as Índias
1502	Joan Alvenar, médico, escreve a peça <i>Libellus ad evitandum et expellendum morbum gallicum ut nunquam revertatur</i> , tratando da sífilis
1505	Tradução de <i>Fortuna romanorum</i> , de Plutarco, e de <i>Tranquillitate animi</i> , de Sêneca.
1508	Publicação de <i>Arte poética</i> , de Aristóteles.
1508-1512	Michelangelo pinta a Capela Sistina
1517	Lutero anuncia suas teses (Reforma)
1519	Huldrych Zwingli lança as bases do Calvinismo
1522	Circum-navegação do globo pela expedição de Fernão de Magalhães
1525	Publicação das primeiras edições modernas de Galeno e Hipócrates
1529	Cerco a Viena pelos otomanos
1532	Publicação de <i>O Príncipe</i> , de Maquiavel.
1543	Publicação do modelo heliocêntrico de Copérnico

Tabela 1: Eventos de destaque, aproximadamente contemporâneos de Paracelso

No contexto deste trabalho, o interesse maior recai especialmente sobre as repercussões que afetam a medicina. Na recepção feita na Idade Média, das obras tanto de Aristóteles quanto de Avicena (ibn Sina), foi mantida a visão defendida pelos gregos antigos de que a medicina apresentava aspectos tanto de *scientia* (entendida como conhecimento) quanto de *ars* (entendida tanto como “arte”, quanto como “habilidade”). Desta bipartição acabou resultando uma divisão da medicina em teoria e prática, separando os profissionais dedicados ao estudo da chamada filosofia natural, e com formação acadêmica, daqueles dedicados ao exercício prático da medicina.

O conhecimento transmitido na formação dos profissionais médicos era essencialmente aquele já contido nos textos hipocráticos e de Galeno. Apenas após 1450 começou a haver questionamentos a este respeito, como será abordado logo adiante. Ainda assim, esse *corpus* de conhecimento seguiu em uso na formação médica até o séc. XVI (SIRAISI 2012, p. 496).

A medicina medieval se apresentava eivada de traços teológicos, como a ideia de castigos divinos por vida pecaminosa, e as causas das doenças eram supostas no campo metafísico, transcendendo as observações empíricas da situação do paciente e sua evolução. Isto limitava seriamente abordagens terapêuticas racionalmente fundamentadas. Nomes como Hipócrates, Galeno e Avicena ocupavam posição de quase-deuses e apesar de centenárias, ou mesmo milenares, suas obras eram aceitas acriticamente (UNIBASEL 2010, p. 1, p. 4).

Durante a maior parte da Idade Média, clérigos em geral eram praticamente os únicos a ainda possuírem letramento. Com isso, eram essencialmente os únicos com acesso às traduções para o latim dos textos antigos. Associado às atividades de caridade desenvolvidas em numerosos mosteiros, com o tempo, isso acabou por transformar muitos destes em centros de cuidados médicos. Essa situação se manteve até 1163, ano em que houve a proibição desta prática por parte de clérigos. Foi então que barbeiros, que já praticavam sangrias desde o séc. XI, começaram a gradual transição para o cirurgião-barbeiro, compartilhando a prática cirúrgica com carrascos e charlatões diversos. Foi apenas no séc. XVIII que a cirurgia gradualmente adquiriu status de conhecimento acadêmico (BERNOULLI 1994, pp. 334-335; SANTOS 2003, p. 334).

O entusiasmo humanista pela herança da Antiguidade grega levou à (re)descoberta de numerosos textos médicos e sua (re)tradução para o latim evidenciou falhas e até erros ocorridos nas traduções medievais (NUTTON 1997, p. 6; SIRAISI 2012, p. 497), o que causou um movimento de retorno ao conhecimento antigo, de afastamento dos acréscimos

à doutrina médica antiga ocorridos durante a Idade Média, especialmente os de origem muçulmana, cuja credibilidade se viu abalada. Surge o chamado “neogalenismo” (PORTO 1997, p. 569; BYK-GULDEN-LOMBERG GmbH 1970, p. 39). Um nome de grande destaque nesse processo foi o médico humanista Nicolo Leoniceno (1428 – 1524), que antes de se dedicar à medicina foi filósofo. Talvez tenha sido o mais importante tradutor de textos gregos para o latim renascentista. Em 1524, possuía a maior coleção conhecida de textos científicos, filosóficos e médicos gregos, sendo ao menos 65 manuscritos, além de numerosos textos de comentadores aristotélicos. Rejeitava categoricamente as informações do mundo árabe e de seus comentadores medievais e considerava que os numerosos erros e falhas de tradução dos textos gregos comprometiam toda a ciência neles baseada, advogando retorno aos originais e retradução criteriosa para o latim. Leoniceno derrubou Avicena como principal figura de referência teórica e pôs em seu lugar Dioscorides, Galeno e Hipócrates. Resultou desse movimento a retomada do modelo humoral galênico de doença e tão importante foi sua atuação que seu discípulo Giovanni Manardi (1462-1536) se tornou o primeiro neogalenista moderno (NUTTON 1997, pp. 4-8).

Nos sécs. XV e XVI, ou seja, exatamente no período do nascimento e atuação de Paracelso, a medicina não era uma área de trabalho autônoma, se apresentava mais como intersecção de diversas outras áreas já consolidadas. Desse modo, na acepção moderna, pode ser questionável o uso tanto de “ciência” quanto de “medicina” (SIRAISI 2012, p. 495). Nesse sentido, a obra de Paracelso pode ser encarada como ponto de articulação não só entre a Idade Média e a Modernidade, mas também entre as ciências naturais e a arte da cura (SCHIPPERGES 1993, p. 73). De todo modo, ao menos nas cidades, o cenário com o qual os doentes se deparavam apresentava uma gama variada de profissionais para atendê-los:

- *médicos acadêmicos*: eram detentores do mais elevado status e sua formação incluía extenso treinamento filosófico, causando grande repercussão da Filosofia na Medicina (SIRAISI 2012, pp. 492-496);
- *cirurgiões-barbeiros*: eram profissionais sem educação universitária, tinham, porém, treinamento em anatomia. Com perfil mais manual de trabalho, ocupavam-se principalmente de situações como tratamento de feridas, redução de fraturas, extração de dentes, amputações. A separação legal das funções de cirurgião e barbeiro se deu, na Inglaterra, por decreto real em 1540, mas foi apenas no séc. XVIII que a cirurgia

conseguiu alcançar status acadêmico, e o renomado cirurgião-barbeiro francês Ambroise Paré veio a ser considerado patrono dessa nova especialidade (PORTO 1997, p. 569; TAJADOD 2014, p. 62; BERNOULLI 1994, pp. 334-335);

- *exorcistas, empíricos e curandeiras* de diversas correntes, muitas vezes concorrentes.

A fronteira entre acadêmicos e empíricos muitas vezes era fluida e pouco clara (BERNOULLI 1994, p. 334-335; BONDIO 2003, p. 220).

A Medicina do séc. XV e começo do séc. XVI, como mencionado, se apresenta não como uma área definida em si, mas como uma área de encontro de intercâmbio de pessoas com variadas linhas de estudos da natureza e muitos textos de cunho científico não eram elaborados por profissionais na área em questão. Pode mesmo ser questionável aplicar as acepções modernas de “Medicina” e “Ciência”.

O pano de fundo, aqui delineado, precisa necessariamente ser levado na devida conta para permitir leitura e compreensão adequadas da obra, da atuação de Paracelso, sua recepção e repercussões.

2. Paracelso (1493/1494 – 1541)

Phillip foi seu nome de batismo, Theophrast foi acrescentado pelo pai possivelmente em homenagem ao famoso discípulo de Aristóteles, talvez indício de elevadas expectativas da parte de seu pai (RADL 1913, p. 63). Bombastus von Hohenheim era o sobrenome do pai. Para o surgimento da alcunha *Paracelso*, Deichmann (1986) e Radl (1913) apresentam explicações diversas:

- seria uma tradução greco-romana de “Hohenheim” significando “próximo ao céu” (DEICHMANN 1986, p. 207);
- seria uma alusão ao famoso médico romano Celso, uma forma de se proclamar superior aos mestres da Antiguidade (RADL 1913, p. 63).

A adoção desta versão latinizada do nome, conforme era hábito muito difundido na época, ocorreu provavelmente enquanto era estudante. Tornou-se, assim, Philippus Theophrastus Aureolus Bombastus von Hohenheim. Além de *Paracelso*, também era conhecido como *Germanus* e *Suevus*, sendo que há textos de sua autoria assinados como *Eremita* e *Helvetius Eremita*. Já os detratores o chamavam, por exemplo, de *Cacophrastus*. (RADL 1913, p. 63).

2.1. O personagem histórico

A posição de Paracelso é ímpar na história das ciências. Foi importante no estabelecimento da forma moderna da Medicina, teve destacada participação no surgimento, a partir da Alquimia, de novas áreas de estudos, como Química, Farmácia, Toxicologia, Mineralogia. Apresenta, diz Marx (1941, p. 960), a primeira descrição formal de uma doença ocupacional, em seu tratado *Von der Bergsucht*, no qual também apresenta considerações quanto a medidas de prevenção. Mesmo a Psicologia, sem vínculo aparente com as áreas anteriores, relata Webster (1995, pp.107-108), atribui importância à atuação de Paracelso. Ele foi dos primeiros a defender a existência de vínculo causal de certos quadros psicológicos com doenças físicas, os chamados quadros psicossomáticos. Mesmo séculos depois de sua morte, Paracelso ainda influencia a psicoterapia, por exemplo, através da retomada de certas ideias suas por Carl Gustav Jung.

Curiosamente, por muito tempo Paracelso despertou pouco ou nenhum interesse acadêmico relevante, ao contrário de outros nomes de destaque, como Lavoisier ou Newton. Paracelso geralmente é visto com desconfiança, sendo muitas vezes antes associado com charlatanismo, bruxaria e superstição do que com trabalho científico e racional. Uma explicação poderia ser sua personalidade impulsiva, irascível e confrontadora, que lhe angariou numerosos contratempos e dissabores. Alvo de críticas e censura e forçado muitas vezes a fugir para evitar prisão, Paracelso não teve muitas possibilidades de apresentar à posteridade a sua versão dos eventos. Sobreviveram praticamente apenas os relatos de seus adversários e detratores, justamente os que se empenhavam em lhe denegrir a imagem, que acabaram por construir esta visão negativa a seu respeito.

Dirigindo a atenção para o contexto médico em que está inserido *Von den drei ersten Essentiis*, o texto objeto desta dissertação, tem-se que Paracelso viveu e atuou profissionalmente numa época em que purgas, sangrias, enemas e uso de ventosas com objetivo de restabelecer o equilíbrio dos humores galênicos eram práticas médicas comuns e compunham boa parte do elenco de recursos acessíveis ao médico comum. Também ainda era amplamente difundida, e muitas vezes usada como única ferramenta com fins de diagnóstico, a chamada uroscopia.

Ao longo de suas extensas andanças, Paracelso atuou como médico militar e nesta função vivenciou a crueza do tratamento dado aos feridos em batalha. Relata Stillmann

(1917, p. 397) que abundavam cauterizações de ferimentos com uso de ferro em brasa ou óleo fervente e que era crença médica generalizada que a infecção fosse parte da cura natural de feridas e chegava mesmo a ser induzida pelos médicos. Em oposição a isto, Paracelso chamava a cauterização de *Henkerskunst* – arte de carrasco – e, embora se opusesse ao uso de sutura, advogava limpeza e proteção das feridas, considerando que a própria ação da natureza se encarregava da cura. Seu tratado *Die große Wundarzney*, pode ser considerado como documento precursor da ideia de preocupação com antisseps. Para alcançar este fim em escala local, lançava mão de substâncias quimicamente bem definidas e identificáveis, como sais de cobre, prata, arsênio e chumbo, embora não tivesse ciência do seu mecanismo de atuação (KEEL 2001, p. 5). Desta abordagem acabou por se originar a chamada Iatroquímica, precursora da Farmoquímica moderna.

2.2. A pessoa

Paracelso (1493/1494 – 1541) chamava a atenção já pelo aspecto físico peculiar. Era de estatura baixa (em torno de 1,5 m), franzino e imberbe, tinha voz aguda e era precocemente envelhecido. Circulou por muito tempo portando uma espada que teria lhe sido dada por um carrasco e que era quase da mesma altura que ele próprio (RADL 1913, p. 85; DOOLAN 2004, p. 22). Ela se associou tão intensamente a Paracelso que acabou por ser incorporada à sua iconografia e pode ser observada em diversas representações gráficas suas, como medalhas e xilogravuras (WEBER 1893, p. 65).

Radl (1913, p. 17) relata que Paracelso destoava dos demais médicos também por suas atitudes. Da mesma forma que ele repudiava os ensinamentos dos mestres da Antiguidade, Paracelso, como já mencionado, se recusava a usar as sedas, veludos, correntes, pedrarias (legítimas ou não) e rendas, habituais entre os médicos. Preferia usar trajes populares.

O conjunto de impressões que causava despertava reações muito fortes. Foi acusado de corromper a juventude e de difamar a categoria médica, de ser um ébrio, de só saber tratar sífilis, entre outras coisas. Durante sua permanência em Basel¹, da qual trataremos mais adiante, também foi acusado de não ter passado pelo processo de seleção prescrito para o cargo de médico da cidade e de indevidamente ocupar dois cargos públicos ao mesmo tempo. Igualmente foram postos em dúvida a sua formação médica e

¹ Os topônimos serão mantidos em sua forma original, à medida que isto não comprometer a compreensão. Onde se julgar haver necessidade, será mencionada, na primeira ocorrência, a forma aportuguesada.

seu conhecimento de latim – já que recorria ao alemão ao invés de usar o latim, a língua de prestígio da época (RADL 1913, p. 86).

2.3. Biografia sumária

O alemão Wilhelm Bombast von Hohenheim (1428? – 1488?), pai de Paracelso, formado na universidade de Tübingen por volta de 1481, era descendente ilegítimo da antiga dinastia dos Bombast, da cidade Hohenheim, hoje parte de Stuttgart. Era médico respeitado em Maria-Einsiedeln, centro de romaria na Suíça, e de sua união com uma serva de sobrenome Ochsner, vinculada ao mosteiro da cidade, nasceu Paracelso (ZEKERT 1941, p. 289; BERNOULLI 1994, p. 335).

Em 1502, aos nove anos de idade e já órfão de mãe, Paracelso mudou-se com o pai para Villach, em Kärnten, na atual Áustria. Em 1516, equipado com os então habituais conhecimentos de línguas antigas, Paracelso iniciou as andanças que viriam a ser uma constante em sua vida. Há poucas certezas quanto aos locais por onde passou. Ele próprio mencionou em sua obra *Chirurgische Bücher* ter visitado a Hungria, a Transilvânia (na atual Romênia) e a Valáquia (na atual Romênia). Teria circulado pela Alemanha, França e Itália (Pádua e Bolonha dentre outras cidades), Espanha (Barcelona, Granada, Sevilha), Portugal e Inglaterra. Atuou como médico na Holanda (1517), Dinamarca e Suécia (Estocolmo, Uppsala, durante a guerra de 1518 entre os dois países), Brandemburgo, Prússia, Lituânia, Polônia, Croácia e talvez Rodes, Samos e Creta. Em 1522 estava em Veneza (BERNOULLI 1994, p. 335; BOLOGA 1930, p. 96; ZEKERT 1941, p. 209, pp. 290-291).

Em 1524, Paracelso se estabeleceu como médico em Salzburg e ali esteve durante a passagem de ano para 1525. Foi quando, sabidamente, redigiu algumas obras de cunho teológico. Vivia-se um período turbulento, de convulsão social, na região sul da Alemanha e vizinhanças, durante o qual ocorreram diversas revoltas de camponeses. Como, em certa medida, alguns textos de Paracelso permitiam leitura de que tomava partido dos camponeses rebelados, ele se viu forçado a se evadir rapidamente da cidade em 1525 (ZEKERT 1941, p. 291; UNIBASEL 2010, p. 3).

Fugido de Salzburg, Paracelso chegou a Straßburg em maio de 1526 e, já em dezembro do mesmo ano, foi nomeado médico da cidade. Cabe sublinhar que em 1526 Paracelso ainda não havia publicado nenhuma obra. A velocidade desta nomeação sugere a existência de uma reputação muito relevante, provavelmente decorrente das curas que

realizava e da qual não sobreviveu registro. Em 1526, ele adquiriu direitos de cidadania em Straßburg e conseguiu ser admitido na guilda dos cirurgiões da cidade. Logo recebeu o convite que o levaria a Basel (BAYON 1941, p. 70; MURRAY 1958, p. 563; ZEKERT 1941, p. 291).

Entre final de 1527 e fevereiro de 1528, Paracelso residiu em Basel, após ter sido contratado como médico da cidade e também lecionou na Universidade da cidade. Este importante e polêmico período será abordado em maiores detalhes mais adiante (ver **3.1**). Em 1529, após a saída precipitada de Basel, Paracelso havia se estabelecido na região de Nürnberg. Aqui, no castelo de Beratzhausen, ele escreveu sua relevante obra *Paragranum*. Nesta época, se viu envolvido em nova polêmica, agora girando em torno da sífilis e o seu tratamento, episódio que também será retomado mais adiante (ver **3.2**). Insatisfeito por ter suas publicações alvo de censura, Paracelso abandonou Nürnberg (ZEKERT 1941, p. 291).

Após passagens pelas cidades de Ulm e Memmingen, em 1536 Paracelso se encontrava em Augsburg, ocupado com a redação de obras e atendimento a pacientes. Fornece em seu *Buch von den tartarischen Krankheiten*, indícios que permitem supor que, também nesta cidade, sua estada tenha estado envolta em polêmica. Menciona ter sido admoestado, possivelmente por um médico da cidade, e instado a moderar as críticas que fazia aos médicos (TELLE 1972, p. 06). Tendo em vista o perfil de personalidade e a história pregressa de Paracelso, tal anedota parece muito crível.

No final de setembro de 1537, Paracelso, apesar da boa recepção que teve em Viena, acabou por novamente despertar animosidade da comunidade médica local, que conseguiu impedir completamente a impressão da obra *Defensiones* na cidade (ZEKERT 1941, p. 292). Em 5 de agosto de 1541, Paracelso chegou a Salzburg atendendo a chamamento feito pelo príncipe-bispo da cidade, Ernst von Bayern (1500–1560). Em 21 de setembro, Paracelso fez registrar em cartório o seu testamento e, três dias mais tarde, faleceu aos 48 anos.

Sequer a causa de sua morte foge às incertezas e às polêmicas que envolvem tantos aspectos de sua vida. Enquanto alguns a atribuem a uma bebedeira monumental, que teria causado uma queda fatal, outros a atribuem a uma briga durante uma bebedeira e outros ainda a atribuem a sequelas de seus trabalhos com produtos perigosos – cirrose hepática combinada com nefrite, causadas por exposição a arsênico e mercúrio. (BERNOULLI 1994, p. 336; ZEKERT 1941, p. 294; DEICHMANN 1986, p. 207; WEBER 1893, p. 62).

3. Duas grandes polêmicas envolvendo Paracelso

3.1. Basel: enfrentando o *establishment*

Ao final de 1526, quando Paracelso estava em Straßburg, o filósofo e humanista Erasmo de Roterdã encontrava-se em Basel, hospedado na residência de seu editor, Johannes Froben (Frobenius), conhecido e conceituado em toda a Europa. Frobenius já havia publicado, em 1516, um importantíssimo Novo Testamento Grego da autoria de Erasmo – *Novum Instrumentum Omne*. Estavam agora tratando da publicação da tradução de um texto de Galeno (DOOLAN 2004, p. 22). Frobenius estava às voltas com um grave problema de saúde que os médicos não estavam conseguindo debelar e havia crescente risco da amputação de um pé².

Chamado de Straßburg para tratar Frobenius, Paracelso conseguiu evitar a amputação e restabelecer Frobenius. Nesta ocasião, foi-lhe possível estabelecer contato direto com Erasmo, adepto fervoroso do galenismo (BAYON 1941, p. 70) e até mesmo prescrever-lhe um tratamento médico. O contato se manteve, ao menos, até a morte de Frobenius (MURRAY 1958, p. 560, p. 563). Isto não deixa de ser irônico, tendo em vista que logo a oposição de Paracelso ao galenismo iria se revelar em toda sua extensão.

Tanto Frobenius quanto Erasmo intercederam por Paracelso e obtiveram sua nomeação para a posição de médico da cidade. O posto de médico da cidade em Basel havia sido criado já em 1355, na transição da medicina clerical para a medicina laica. Também nessa época, se confirmou a proibição aos farmacêuticos de exercerem atividades médicas e foram regulamentadas tanto a formação de médicos quanto as atividades de barbeiros e parteiras. Competia ao médico da cidade o combate a doenças infecciosas, em especial peste e cólera (BLASER 1957, p. 144). Cabia-lhe também a inspeção de farmácias (ELZE 1942, p. 592).

Na fiscalização das farmácias os conhecimentos químicos de Paracelso se revelariam importantes e foi com ferrenho empenho que ele combateu o conluio tácito existente entre médicos e farmacêuticos, de prescrição e venda de medicações ou desnecessárias ou em quantidades maiores que as necessárias ou ainda com adulterações em sua composição, em detrimento dos pacientes. Isso certamente gerou ressentimento entre os farmacêuticos, além de aprofundar o antagonismo com os médicos (ELZE 1942, p. 592).

² Atualmente se considera que pode ter sido um quadro associado a diabetes senil (BERNOULLI 1994, p. 335; UNIBASEL 2010, p. 3).

A posição de médico da cidade se encontrava vinculada à Universidade de Basel, cuja criação havia sido autorizada por bula papal de Pio II, de novembro 1459, tendo sido inaugurada em 1460. O vínculo era especificamente com a cadeira de Física, Medicina e Cirurgia (BLASER 1957, pp. 144-145). A nomeação de Paracelso para a posição havia sido feita por autoridades municipais, apesar de estas não terem realmente jurisdição sobre a universidade e Paracelso estaria convicto de ter sido nomeado para uma posição de docente pleno na universidade (BERNOULLI 1994, p. 335). Infelizmente, não sobreviveram registros que forneçam maiores detalhes sobre o assunto (BLASER 1957, p. 144). O processo de admissão de docentes exigia anuência formal da universidade e, eventualmente, também a realização de exames. A recusa categórica por parte de Paracelso de se submeter a estes trâmites o indispos, de imediato, com toda a comunidade universitária, os médicos em particular (ELZE 1942, p. 592). Ainda assim, em 21 de maio de 1527, Paracelso entregou declaração assinada afirmando ser graduado pela faculdade de Ferrara e passou a assinar como *beider Arztniey Doctor*³, em referência à Medicina e à Cirurgia (BAYON 1941, p. 71), que à época eram tratadas como totalmente distintas entre si. A afirmação de ter obtido não um, mas logo dois títulos acadêmicos, soa pouco razoável, especialmente se forem levadas em conta as extensas andanças que Paracelso teria feito entre 1516 e 1521, por um lado, e a duração de uma formação completa em medicina, por outro. Essa aparente incompatibilidade poderia ser contornada se admitida a hipótese de ter havido titulação *honoris causa* (BAYON 1941, p. 71).

De todo modo, houve o anúncio de palestras de Paracelso para 05 de junho de 1527 (BAYON 1941, p. 70). Já em sua segunda palestra, Paracelso toma uma atitude escandalosa, mesmo revolucionária: opta por não usar o latim, a língua padrão para eventos acadêmicos na universidade (UNIBASEL 2010, p. 44; BERNOULLI 1994, p. 336). Ao invés disso, ele usa o vernáculo – o alemão.

O alemão usado por Paracelso assemelhava-se muito à variante então popularmente usada na Suíça o que lhe permitia transcender o público puramente acadêmico, alcançando também os chamados leigos da medicina – cirurgiões-barbeiros, cirurgiões militares e alquimistas (UNIBASEL 2010, p. 44). A plateia de suas palestras alcançava público da ordem de 30 pessoas, bastante superior à meia dúzia habitual para outros palestrantes (BAYON 1941, p. 70). As palestras apresentadas por Paracelso eram bastante heterogêneas entre si. Algumas eram muito minuciosas, com explicação

³ Tradução: “doutor de ambas as medicinas”. Todas as traduções, exceto menção específica, são de minha autoria.

detalhada de cada termo, uso de comparações e imagens populares, outras vezes elas eram muito obscuras, beirando o incompreensível (RADL 1913, p. 72).

O alemão daquela época, sendo uma língua ainda em estado nascente, se mostrava pouco adequado ao ensino e ao trabalho científico como um todo, por exemplo, pela inexistência de vocabulário mais extenso e específico; não havia terminologia, como entendida hoje. Paracelso contornava estas dificuldades, tanto pelo recurso frequente a empréstimos da língua latina, quanto criando recursos terminológicos próprios (BERNOULLI 1994, p. 336; MURRAY 1958, p. 564).

Em 24 de junho de 1527, dia de São João, outro ultraje: Paracelso queimou publicamente, numa fogueira acesa por estudantes, um livro de medicina. Já não é possível estabelecer ao certo se foi uma obra de autor como Galeno ou Avicena ou apenas um compêndio menor. Este gesto parece emular a atitude de Lutero (1483–1546), alguns anos antes (10 de dezembro de 1520), ao queimar a bula papal (BAYON 1941, p. 70).

Pela maneira que havia chegado à sua posição, pelas polêmicas geradas em sua contratação, pelo perfil das palestras que proferia, pelas numerosas referências críticas, desairosas e mesmo ofensivas que fazia a seus colegas médicos, e também por optar pelo uso da língua alemã, dentre outros aspectos, Paracelso gerou muita animosidade. Certamente as numerosas curas de grande repercussão obtidas por ele serviram para acentuar ainda mais a oposição dos seus colegas acadêmicos, que, afinal, eram médicos na mesma cidade e, portanto, concorrentes na profissão (ELZE 1942, p. 592).

Também na esfera pessoal, Paracelso apresentava-se indigesto. Era visto em tabernas populares consumindo grandes quantidades de vinho, recusava-se a usar as vestes prescritas para sua profissão pelo *dress code* profissional, preferindo usar túnicas de trabalhador. Além disso, defendia publicamente que, para curar um doente, o médico deveria examiná-lo nos aspectos ambiental, físico e espiritual, ao invés de apenas recorrer a textos gregos (DOOLAN 2004, p. 22). Viu-se progressivamente questionado e combatido por segmentos da Igreja, da aristocracia e da universidade. Diversas acusações foram lançadas contra ele, nem todas infundadas: que não teria se submetido às provas exigidas, que ocuparia indevidamente dois cargos ao mesmo tempo, que corromperia a juventude, até mesmo charlatanismo (RADL 1913, p. 74, p. 86). O revés mais sério, contudo, certamente foi a morte súbita de seu amigo e protetor, Frobenius, em outubro de 1527.

A partida final de Paracelso acabou precipitada por uma disputa judicial. O cônego Cornelius von Lichtenfels havia pré-acertado com Paracelso uma remuneração para

tratamento de um desarranjo digestivo severo. Porém, após realizado tratamento bem-sucedido, o paciente recusou o pagamento, contestando o valor cobrado por Paracelso (ELZE 1942, p. 592). Paracelso recorreu à justiça, mas perdeu a causa. Revoltado desmedidamente, Paracelso se manifestou, verbalmente e por escrito, em termos ofensivos contra os médicos da cidade e o próprio tribunal (BERNOULLI 1994, p. 336). Diante do risco de prisão iminente, Paracelso fugiu, sob o manto da noite, no começo de fevereiro de 1528 (BAYON 1941, p. 70).

Em 1529, a Reforma venceu em Basel e a universidade, fiel ao catolicismo, acabou sendo fechada.

3.2. Nürnberg: a polêmica sífilis-guaiaco

Em 1493, pouco depois da descoberta da América (1492), irrompeu na Europa uma violenta epidemia de uma doença aparentemente nova, em forma muito agressiva: a sífilis. O primeiro grande surto relatado localizou-se inicialmente nos acampamentos das tropas de Carlos VIII, da França, durante o cerco que realizava a Nápoles. Por esta particularidade, a doença logo foi vinculada aos franceses, sendo chamada *morbo gallicum*. De Nápoles, a sífilis se espalhou pela Europa. A pronunciada virulência com que a doença se manifestava, com ulcerações e chagas dolorosas e desfiguradoras, levou muitos a tomarem o seu surgimento por um castigo divino por licenciosidade sexual e devassidão. Já em 1496, a natureza venérea da sífilis estava estabelecida e campanhas de prevenção e controle foram instituídas, atingindo bordéis e prostitutas (DEICHMANN 1986, pp. 207-208).

Com a grande repercussão gerada pela sífilis, não surpreende que dentre os primeiros textos produzidos pelas oficinas de imprensa, inovação introduzida havia pouco tempo e que oferecia facilidade para tiragens grandes, estivessem diversos panfletos dedicados, de uma forma ou outra à doença. São os chamados *Pestblätter*, publicações geralmente com imagens e texto de advertência sobre doenças. No âmbito deste trabalho, merece destaque um impresso feito por xilogravura, com texto e ilustração de Wolfgang Hamer, datado por volta de 1490, provavelmente um dos primeiros textos sobre sífilis. Nesta mesma época, também Albrecht Dürer elaborou uma famosa xilogravura retratando um sífilítico para um *Pestblatt* (EISLER 2009, p. 51; SUDHOFF 1908, p. 375).

A origem da sífilis é uma polêmica de direito próprio, que persiste até os dias atuais. Há numerosos estudos dedicados à questão, sem ter sido ainda possível chegar ao fundo da questão. Há três correntes principais:

- teria sido trazida da América logo, após a descoberta por Colombo;
- seria uma doença já existente no Velho Mundo desde a Antiguidade;
- teria resultado da combinação de cepas americanas com cepas europeias; dando origem a um patógeno até então inexistente e, inicialmente, extremamente virulento.

Já em 1519, pouco após o início da epidemia, o famoso humanista alemão Heinrich von Hutten (1488-1523), portador de sífilis, publicara, em Mainz, um tratado louvando o uso medicinal da madeira de guaiaco, tratamento a que se submetia (DEICHMANN 1986, p. 208). *De Guaiaci medicina et morbo gallico liber unus* é possivelmente o primeiro relato, bastante meticoloso, de um tratamento pela ótica do paciente. Logo foi traduzido para vários idiomas.

Guaiaco, *Guaiacum officinale* (*Zygophyll*), que era também chamada de *lignum vitae*, é uma planta originária do Caribe e era usada no tratamento da sífilis, porque os médicos da época julgavam que cada doença deveria ser tratada usando recursos da região em que tivesse se originado. A planta era usada em fumigações e em preparações para uso interno no tratamento de sífilis. Em 1523, von Hutten morreu vitimado pela sífilis - o tratamento não curava a doença (DEICHMANN 1986, p. 207; JILLINGS 1995, p. 5).

Após a morte de von Hutten, Paracelso, que estava em Nürnberg, publicou um texto no qual ridicularizava não só von Hutten, mas o próprio tratamento usando guaiaco. Em seus escritos atacando o uso do guaiaco, Paracelso também criticava um cardeal não nomeado, associado ao uso terapêutico do guaiaco (DEICHMANN 1986, pp. 208-209; WEIMANN 1961, p. 193). Neste ponto cabe salientar que este tratamento havia sido introduzido com a intermediação do então bispo de Gurk, posteriormente cardeal, primaz e conselheiro do imperador do Sacro Império, Maximilian I (1459 – 1519), Matthäus Lang (1468-1540).

Na polêmica que se seguiu, houve a contraposição do uso de mercúrio ao uso de guaiaco no tratamento de sífilis: a polêmica “herbalistas” versus “metalistas”, na qual Paracelso atacava não só “herbalistas”, mas também “metalistas” que prescrevessem dosagens excessivas de mercúrio. Com esta atitude, Paracelso conseguiu se indispor tanto com os médicos, em geral protestantes, quanto com os comerciantes, em boa parte católicos (DEICHMANN 1986, pp. 208-209), isto no contexto do surgimento da

Reforma, quando o mundo se dividia progressivamente entre católicos e protestantes, de forma cada vez mais agressiva.

Em 1529, Paracelso começa a publicar a obra sobre sífilis *Von der Frantzösischen kranckheit Drey Bücher*, porém apenas o primeiro dos três volumes vem a lume. Os outros dois, apesar de prontos, inicialmente não foram publicados, por imposição dos censores. Foram publicados no ano seguinte, mas apenas em edição clandestina (DEICHMANN 1986, p. 208; WEIMANN 1961, p. 196). Parece muito provável que por trás desta censura, embasada em um parecer da universidade de Leipzig, cujo decano era Heinrich Stromer von Auerbach (ca.1476-1542) e que tinha vínculos de amizade com a família Fugger, efetivamente estivesse uma reação de pessoas poderosas interessadas na manutenção do comércio de guaiaco. Lembre-se que as então muito influentes famílias Welser e Fugger (na época uma das mais ricas de todo o mundo), de Augsburg, tinham Nürnberg como centro de operações comerciais e haviam obtido de Carlos V, então no trono do Sacro Império Romano-Germânico em sucessão a Maximilian I, o monopólio do comércio da madeira de guaiaco, em troca de apoio financeiro para sua eleição para o trono. Portanto, o tratamento com guaiaco representava fonte de muito dinheiro (UNIBASEL 2010, p. 5).

4. Alquimia

Neste ponto, antes de tratarmos mais de perto a atuação de Paracelso, parece indicado lançar um breve olhar sobre o fundamento do qual ele partiu para propor as suas ideias: a Alquimia.

Os artesãos do Antigo Egito possuíam grande habilidade na manipulação de ouro, prata e pedras preciosas na fabricação de objetos, como testemunham achados arqueológicos em tumbas datadas de 2500 a.C. Também dominavam a fabricação de imitações de ouro e obtenção de superfícies douradas. Os chamados papiros de Estocolmo e de Leiden, que carregam os nomes das cidades em que estão armazenados hoje, são evidências documentais, ainda que parciais, do know-how prático que os egípcios possuíam. Encontrados na primeira metade do séc. XIX, estes papiros documentam explicitamente procedimentos para, por exemplo, tingimento de tecidos, vidro e gemas, obtenção de metais e fabricação de imitações de ouro e prata, entre outros testemunhos

de conhecimentos de química aplicada. Datando do séc. III a.C., tratam de conhecimentos certamente já disponíveis havia tempos.

O séc. III a.C. é também o período em que viveu, em Alexandria, um dos primeiros autores alquímicos que pode ser identificado: Zózimo de Panópolis. Ao contrário dos papiros de Estocolmo e de Leiden, os escritos de Zózimo parecem ser propositalmente obscuros ao não-iniciado. Embora isso faça com que porções de suas obras não nos sejam compreensíveis, é possível apontar elementos indicativos de vasto conhecimento de química prática.

Nos laboratórios alquímicos de Alexandria eram empregadas diversas técnicas e equipamentos que, em sua essência, seguem inalterados até hoje. Praticava-se, p. ex, dissolução, filtração, cristalização, sublimação e iniciou-se o desenvolvimento da destilação. Usavam-se diversas fontes de aquecimento, como banho de areia e de água, este último atribuído a Maria, a judia, alquimista de ca. 270 a.C., daí seu nome “banho-maria”. Após a conquista do Egito pelos muçulmanos, em 641 d.C, teve início o processo de tradução de textos alquímicos, entre muitos outros, para o árabe. A mais importante coleção de traduções alquímicas é atribuída a Jabir ibn Hayya (ca. 721 – ca. 815), conhecido no Ocidente como Geber. Embora não se saiba ao certo quanto deste *corpus* é efetivamente de sua autoria, a influência que veio a exercer na Europa foi muito forte e duradoura.

Em princípios do séc. XII, surgiu o interesse de estudiosos europeus pela Alquimia, através das primeiras traduções de textos alquímicos divulgando os conhecimentos acumulados pelo mundo islâmico. As traduções ocorreram principalmente em regiões de contato entre as culturas árabe e europeia – Sicília e Península Ibérica. A língua de chegada era sempre o latim, a língua da ciência, na época e ainda pelos 500 anos seguintes. Foi apenas em 1661, que com o texto *Sceptical Chymist*, o alquimista Robert Boyle não só depôs o sistema de quatro elementos e três princípios com que a Alquimia trabalhava, como também introduziu a ideia moderna de elemento químico. Além disso, em *Sceptical Chymist* ele também marcou o declínio gradual do latim como língua da ciência e sinalizou o virtual fim da Alquimia como área relevante de estudos científicos (READ 1933, p. 264, p. 266).

Baseados em ideias apresentadas por Aristóteles, os alquimistas do mundo muçulmano Jābir ibn Hayyān e Ibn-Sina (Avicena) consideravam que os metais se formassem no seio da terra através da interação de duas “exalações” ou “vapores”, emanados por esta, quando aquecida pelo sol. Uma, dita esfumaçada e úmida, foi

chamada de *mercúrio*⁴. A outra, dita seca e terrosa, foi chamada de *enxofre*. Na visão de Aristóteles, estas exalações, presas no seio da terra, formariam os metais. As diferenças entre os metais eram atribuídas a diferenças na qualidade do *mercúrio* e do *enxofre* que os compunham (RAMPLING 2016, p. 9; READ 1933, p. 257). Deste modo, o chumbo teria sua cor escura por ser composto de *mercúrio* e *enxofre* impuros, enquanto o ouro, por sua baixa reatividade, teria em sua origem *mercúrio* e *enxofre* de elevada pureza e numa relação perfeita (RAMPLING 2016, pp. 9-10).

A ideia de os metais serem compostos de *mercúrio* e *enxofre* pode ser derivada da observação empírica da frequente ocorrência conjunta de ouro e enxofre e pode também estar associada com a possibilidade do uso de mercúrio na extração de ouro de minérios (KAUFFMANN 1985, p. 41). O modelo *mercúrio-enxofre* também justificaria a recuperação da forma original de metais após dissolução em meio corrosivo. Esta observação empírica era incompatível com os ditames aristotélicos de que, uma vez perdida a forma de um objeto, esta não mais poderia ser recuperada. Já no modelo *mercúrio-enxofre*, se um metal fosse decomposto no *mercúrio* e *enxofre* que o compusessem, ele poderia ser integralmente regenerado a partir deles, numa simples retomada da condição inicial (RAMPLING 2016, p. 10). Cabe assinalar que o *enxofre* e o *mercúrio* em questão não são as substâncias que hoje a ciência designa por estes nomes. *Enxofre* e *mercúrio* faziam referência a substâncias ideais, sóficas ou filosóficas, das quais os elementos materiais, físicos, seriam apenas aproximações (KAUFFMANN 1985, p. 42). O modelo *enxofre-mercúrio* se manteve por muito tempo até ser ampliado, por Paracelso, com a adição de um terceiro componente – *sal*.

Nem *mercúrio* nem *enxofre* devem ser entendidos como “mercúrio” e “enxofre” quando usados pela Química ou Física. Ainda assim, a ideia implícita no modelo de haver sempre a presença de *enxofre*, agora provavelmente entendido como alguma forma variante do enxofre propriamente dito, substância combustível, em toda a matéria serviu de ponto de partida para a propositura da teoria do flogisto⁵. Voltaremos a “paradigma” mais adiante (ver 5.1).

Na visão dos alquimistas do mundo muçulmano, na esteira de Aristóteles, enquanto os metais estivessem aprisionados na terra, passariam por processos de gradual

⁴ Será usado itálico para indicar palavras usadas com acepção distinta da corriqueira.

⁵ Teoria surgida para explicar observações empíricas envolvendo liberação de calor e variações de massa em reações químicas, especialmente envolvendo queimas.

amadurecimento e evolução em direção à perfeição: ouro. Partindo desta visão, era tentadora a ideia de se buscar encontrar algum recurso que pudesse acelerar artificialmente essa “maturação”. Conforme o modelo aristotélico, todas as coisas, inclusive o *mercúrio* e *enxofre*, são compostas de quatro elementos básicos e quatro qualidades, respectivamente água/ fogo/ ar/ terra e quente/ frio/ úmido/ seco (READ 1933, p. 255; KAUFFMANN 1985, p. 41), através de combinações destes em proporções diferentes. Daí decorre que, através da alteração destas proporções, seria de se esperar poder-se alcançar a transmutação de substâncias.

A crença na possibilidade da transmutação de metais comuns em metais nobres certamente foi reforçada por observações empíricas, tais como a obtenção de prata partindo de galena, um minério de chumbo em que é comum haver inclusão de prata, e a possibilidade de fabricação de ligas parecendo ouro. Ligas deste tipo já são mencionadas nos referidos papiros de Estocolmo e de Leiden (READ 1933, pp. 251-257). Os seguidores da escola de Jabir acreditavam até mesmo ser possível isolar-se as qualidades frio/calor/secura/umidade em formas puras, através de procedimentos muito complicados e trabalhosos. Uma vez purificadas, as qualidades poderiam ser misturadas em proporções adequadas e usadas para tratar metais, corrigindo-lhes a sua “aurividade”.

De forma concomitante com os primeiros contatos da Europa com os conhecimentos alquímicos vindos do mundo muçulmano, verificavam-se progressos na técnica da destilação. Em princípios do séc. XII, já era possível a obtenção de destilado de vinho com concentração de etanol suficientemente elevada para lhe conferir caráter inflamável. Logo se descobriu que este destilado límpido e incolor, parecendo água, possuía capacidade de elevar o espírito humano, preservava carne de putrefação e que também era de ingestão segura. Partindo da teoria aristotélica, considerava-se ser possível obter, por destilação alquímica de substâncias terrenas, uma essência celeste, uma “quintessência”. O álcool obtido por destilação logo foi associado a esta ideia e identificado como a quintessência do vinho. Foi o primeiro solvente orgânico obtido pelo homem e sua capacidade de extrair e concentrar em si componentes de vegetais parecia representar uma segunda via, além da destilação, de retirar destes sua respectiva, assim chamada, quintessência. Deste modo, o álcool poderia ser usado como veículo para ministrar quintessências de ervas ou drogas a pacientes, na forma de extratos.

Logo ocorreu a associação de várias técnicas (destilação, sublimação, extração, etc.) entre si e a sua aplicação à obtenção de remédios (RAMPLING 2016, p. 13; WEYER 2018, p. 431). Um nome que se destacou nesta frente foi Jean de Roquetaillade/Johannes

de Rupescissa (ca. 1310 a 1366/1370), que, em sua obra *De consideratione quintae essentiae rerum omnium* (1521), firmou a designação “quintessência” em sua denotação farmacêutica. Escrevendo sob a influência de Rupescissa, no primeiro quartel do séc. XVI, Hieronymus Brunschwig (1450-1512) e Philipp Ulstadt (14?? – 15??) também publicaram obras tratando de aspectos relacionados à técnica de destilação, respectivamente *Liber de arte distillandi de simplicibus* (1500) e *Coelum philosophorum seu de secretis naturae liber* (1525). Existem deste período outras obras, que oferecem um panorama dos conhecimentos científicos químicos. Podemos citar *De La Pirotechnia*, de Vannuccio Biringuccio (1480-1539), publicado em 1540, *De Re Metallica*, de Georg Bauer (1494-1555, conhecido como *Agricola*), publicado em 1556, e *Beschreibung allerfürnemisten Mineralischen Ertzt, unnd Bergwercks arten, wie dieselbigen, unnd eine jede insonderheit, der Natur und Eigenschafft nach, auff alle Metale Probirt*, de Lazarus Ercker (ca. 1529 – 1594). Descrevem de forma clara a preparação de enxofre, ácidos minerais, entre outros.

Porém, linguagem clara não era o padrão da época. Textos alquímicos muitas vezes eram tortuosos. Alguns são altamente alegóricos na linguagem, outros usam nomenclaturas codificadas ou ainda outros recursos para evitar que segredos alquímicos caíssem em mãos “erradas”, precaução necessária pois os alquimistas eram perseguidos pela Inquisição. Além disso, é comum se observar a presença de excertos descontextualizados, imagens representando processos, entre outras dificuldades (NUMMEDAL 2011, p. 333).

Dentre as repercussões mais relevantes que Rupescissa teve foi a influência sobre Paracelso e suas ideias, que viriam a gerar a *quimiatría*. Separação o puro do impuro, que já era prática corrente em práticas alquímicas e farmacêuticas, se viu alçada a outro patamar pelo aperfeiçoamento da destilação e a ideia de quintessência. Neste conceito estava embutida a visão de existir um princípio medicinalmente ativo em matérias-primas minerais, vegetais e animais e que ele precisaria ser obtido na forma de quintessência através de técnicas (al)químicas de purificação, como destilação, sublimação, extração ou cristalização, para separá-lo dos componentes impuros, inativos e sem valor (WEYER 2018, pp. 432-433). Esta abordagem levou a um crescente interesse pela vertente médica da Alquimia, acabando por resultar finalmente, na moderna Farmoquímica.

A Alquimia foi considerada pela visão moderna, por muito tempo, como simplesmente uma mistura de conhecimentos, que hoje seriam chamados de química, astrologia e ocultismo, entre outras áreas (READ 1933, p. 251), e que se ocuparia

essencialmente da busca da transmutação de metais. Mais recentemente, considera-se a Alquimia como um corpo doutrinário único, embora apresentando três vertentes, segundo Hedesan (2016, p. 552):

- Alquimia da transmutação dos metais, *chrysopoeia*, que se ocupava da fabricação de ouro artificial, por exemplo através da obtenção da pedra filosofal, *lapis philosophorum*, que seria capaz de efetuar esta transformação.
- Alquimia “médica”, que trabalhava com finalidades médicas, inclusive a preparação do elixir da longa vida.
- Alquimia “espiritual”, que não se ocupava de aspectos materiais, mas buscava a evolução e o melhoramento pessoal.

Tomando por base diversos aspectos da obra de Aristóteles, que diziam poder a arte humana imitar ou aperfeiçoar a natureza, a Alquimia encampou a ideia de aperfeiçoamento como um princípio fundamental. Por considerar possível a transmutação dos metais, alguns alquimistas passaram a buscar métodos de imitar o suposto processo natural de digestão e maturação que ocorreria com os metais nas entranhas da terra até alcançar o ouro, o metal perfeito (NEWMAN 2011, p. 316; RAMPLING 2016, pp. 10-11).

A Alquimia de transmutação se viu acompanhada de oposição desde muito cedo e por muito tempo. Foi condenada em uma bula papal (*Spondent quas non exhibent*, de 1317, do papa João XXII) e condenada pela Inquisição (*Tractatus contra alchimistas*, do inquisidor aragonês Nicholas Eymerich – c. 1316 a 1399). Também na esfera secular, ela enfrentou proibições: na França, por Carlos V (1380), na Inglaterra, por Henrique IV (1403/4) e Henrique VI (1452), nas cidades de Veneza (1488) e Nürnberg (1493). Todas estas proibições, contudo, não foram capazes de eliminar a prática da alquimia de transmutação em certas cortes que buscavam reforçar as suas finanças (HEDERSAN 2015, p. 556).

Uma vez demonstradas as possíveis aplicações médicas de quintessências e destilados, a Alquimia “médica”, mais tarde chamada de Iatroquímica, ganhou muito destaque. Sua figura mais importante foi Paracelso, que defendia a Alquimia como conjunto de técnicas e procedimentos que alteram uma substância, tornando-a apta a servir a um novo propósito. Nesta linha, ele encarava a própria digestão dos alimentos como um processo alquímico, uma purificação, com o organismo extraindo dos alimentos aquilo de que necessita e descartando o resto, inservível. A direção deste processo estaria a cargo de uma entidade chamada *archeus*. Na visão de Paracelso, por exemplo, o *archeus*

situado no estômago governa o processamento e aproveitamento dos alimentos, descartando as partes sem valor e distribuindo aquelas nutritivas para os outros órgãos. Em cada órgão o respectivo *archeus* controlador procede a sua seleção específica e descarta as partes sem valor: o pulmão, através da tosse; o cérebro, através de secreção nasal; os rins, por meio da bexiga; o coração, através de emanção vaporosa. Enquanto estes processos transcorrerem normalmente, não ocorreria acúmulo de rejeitos e não se instalaria nenhum quadro de doença (WEYER 2018, p. 434).

5. Paracelso: ruptura ou continuidade?

5.1. Paradigma

Para melhor se entender a inconveniência de se tomar *enxofre* e *mercúrio* por “enxofre” e “mercúrio”, respectivamente, será útil tratarmos da ideia de “paradigma”. Este conceito foi inicialmente apresentado por Kuhn (1977; 1998) e a seguir apresentamos breve resenha das ideias do autor.

Na visão de Thomas S. Kuhn (1977, p. 2), as comunidades científicas são compostas pelos praticantes de uma certa modalidade de ciência, que compartilham objetivos. Têm em comum sua educação e formação profissional, formas de expressão em suas comunicações e certa homogeneidade nos julgamentos profissionais. Exibem também perfil semelhante de leituras profissionais e delas extraem conclusões semelhantes. Comunidades científicas compartilham um assim chamado “paradigma”, termo primeiramente proposto pelo autor em *The Structure of Scientific Revolutions*, de 1962, sendo empregado para designar desde uma conquista científica concreta até um conjunto de crenças e concepções científicas (KUHN 1977, p. 1).

Paradigmas são compartilhados pelos membros de uma comunidade científica e os identificam e distinguem como grupo específico e separado (KUHN 1977, p. 2), podendo ser determinados com relativa facilidade (KUHN 1998, p. 68). São fontes de padrões de soluções e de métodos considerados aceitos e aceitáveis pela comunidade científica que o adota e na época em que vige. Eles agem como modelos orientadores do trabalho científico e fornecem as tradições coerentes e específicas da pesquisa científica. Oferecem regras e padrões à prática científica (p. 30), a ponto de geralmente sequer haver questionamento quanto à origem da legitimidade atribuída à escolha de um dado problema ou solução (p. 71). Por esta razão, uma alteração de paradigma pode exigir

mudanças profundas, na comunidade científica e mesmo em toda a ciência que o segue (pp. 137-138). Estando filiado ao paradigma vigente, o cientista prescinde de justificar os conceitos integrantes do paradigma que ele empregar, pois seu público-alvo já os conhece, aceita e compartilha. A explicação destes conceitos fica a cargo de obras específicas, introdutórias (p. 40).

Durante sua formação, um cientista desenvolve sua capacidade de identificar analogias entre um problema novo e um outro já conhecido e resolvido anteriormente. Aprende a estabelecer pontes com uma sensação, uma ideia, e daí, com um formalismo científico já estabelecido. Sabe-se que, através de treinamento, é possível alterar a resposta despertada por um determinado estímulo; deste modo, é possível aprender-se a reconhecer um número maior de tons de cores, num processo de reprogramação da reação ao estímulo visual (KUHN 1977, p. 9, p. 11); perfumistas e degustadores aperfeiçoam e refinam por treinamento uma habilidade inata. Analogamente, a forma que um cientista responde a um problema pode ser condicionada, por treinamento, durante sua formação. Um paradigma, quando adotado, define o perfil dos problemas que serão considerados admissíveis e “solucionáveis” (KUHN 1998, p. 60). Define também a forma de abordagem a ser usada. Deste modo, é possível, por exemplo, um físico e um químico darem respostas divergentes sobre um mesmo fenômeno. Partem de bagagens distintas de experiências, de paradigmas diferentes (pp. 75-76), portanto, farão leituras distintas, podendo chegar a respostas distintas, ainda que ambas façam descrição de facetas distintas da mesma realidade. Da mesma forma que filtra os problemas “admissíveis”, o paradigma também orienta os trabalhos científicos, podendo condicionar os resultados, como ilustra o exemplo a seguir. Durante as investigações da eletricidade, nos sécs. XVIII e XIX, ocorreu a invenção da chamada garrafa de Leyden (KUHN 1998, p. 37), primeira forma de acumuladores de eletricidade, conhecidos inicialmente como “condensadores” e hoje chamados “capacitores”. Este invento só foi possível porque havia uma linha de trabalho que encarava a eletricidade como sendo “fluido elétrico” e que buscava “condensar” e “engarrafá-lo” (KUHN 1998, p. 37; p. 88). Isto não teria ocorrido por mero acaso ou a partir de premissa (paradigma) diferente.

Segundo Kuhn, mesmo a interpretação e aceitação de resultados empíricos está sob influência do paradigma vigente. Os resultados dos trabalhos que Lavoisier (1743-1794) publicou deixam claro que, antes de mais nada, ele havia se convencido da insuficiência da teoria paradigmática do *flogisto*, desdobramento longínquo da visão alquímica que considerava os metais como sendo formados de *mercúrio* e *enxofre* (ou

mercúrio, enxofre e sal – a chamada *tria prima*). Efetivamente, mais do que demonstrar a descoberta do oxigênio, Lavoisier, ao introduzir a teoria da combustão, acabou por lançar um novo paradigma, que viria a revolucionar toda a Química. Por ter permanecido preso à teoria do flogisto, Joseph Priestley (1733–1804), outro prestigioso cientista envolvido nos trabalhos de descoberta e identificação do oxigênio, acabou impedido de reconhecer e admitir a existência do oxigênio (KUHN 1998, pp. 82-83).

A força direcionadora e condicionante de um paradigma pode ser ilustrada por um experimento simples realizado por Bruner e Postman (1949). Nele, pediu-se aos participantes que identificassem cartas de um baralho especialmente preparado. Em meio a cartas normais, facilmente identificadas, havia algumas modificadas, com as cores dos naipes invertidas. Estas últimas exigiam mais tempo para reconhecimento ou sequer eram reconhecidas. Após algumas repetições, a maioria dos participantes conseguia reconhecer todas as cartas, porém alguns permaneceram incapazes de romper o condicionamento da associação de certos naipes com determinadas cores (KUHN 1998, p. 147).

No processo de sua formação profissional, o futuro cientista é confrontado com exercícios e problemas, de complexidade crescente, sempre reproduzindo o perfil das realizações científicas já ocorridas (p. 72). Estes exercícios e suas soluções padronizadas funcionam como exemplos-padrão e permitem a aquisição de conceitos e do simbolismo generalizante da comunidade científica específica do cientista em formação. Guardam semelhança com a brincadeira de buscar reconhecer formar e rostos em nuvens (KUHN 1977, p. 10). Nas palavras de Kuhn:

A esta altura deveria estar claro que os cientistas nunca aprendem conceitos, leis e teorias de uma forma abstrata e isoladamente. Em lugar disso, esses instrumentos intelectuais são, desde o início, encontrados numa unidade histórica e pedagogicamente anterior, onde são apresentados juntamente com suas aplicações e através delas. Uma nova teoria é sempre anunciada juntamente com suas aplicações a uma determinada gama concreta de fenômenos naturais; sem elas não poderia nem mesmo candidatar-se à aceitação científica. (KUHN 1998, p. 71)

Da mesma maneira que formas uma vez reconhecidas nas nuvens não mais desaparecem, lembra Kuhn (1977, p. 10) que estudantes de ciências, uma vez expostos aos exemplos modelares, irão tentar aplicar as regras ali representadas, juntamente com o formalismo e simbolismo correspondentes, aos problemas que enfrentarem. A bagagem adquirida pelo estudante condiciona as respostas que o cientista, uma vez formado, dará aos problemas encontrados e deste modo restringe a abrangência da investigação científica (KUHN 1998, p. 87).

O trabalho científico rotineiro seleciona problemas com base na premissa do conhecimento do mundo pela ciência e leva observações inexplicáveis a serem omitidas (p. 84), para evitar confrontação do paradigma estabelecido. Estas ocorrências configuram as chamadas “anomalias”, algo que viola o ditame do paradigma. Seu acúmulo pode mesmo levar o paradigma vigente a ser questionado. A tomada de consciência da existência destas “anomalias” desencadeia trabalhos investigativos até haver ajuste do paradigma e só então a “anomalia” é assimilada ao paradigma, i.e., à “ciência” (p. 78). Kuhn (1998) defende ainda que anomalias irreconciliáveis com o paradigma vigente podem fazer surgir um novo paradigma (pp. 115-116; p. 131). Isto passa pela instauração de uma crise, conforme observado várias vezes na História, podendo abrir caminho para uma nova percepção da realidade. A adoção do novo paradigma implica o abandono da forma de ciência que o paradigma anterior preconizava e o gradual desaparecimento da escola anterior, em boa medida, pela conversão de seus seguidores à nova escola (p. 39; p. 55) ou o seu gradual falecimento.

Segundo Kuhn (1998), para ocorrer o descrédito de um paradigma é necessária a existência de uma proposta potencialmente substituta, sob pena de os cientistas caírem em descrédito profissional (KUHN 1998, p. 108; p. 110). Na busca por um novo paradigma, o cientista elabora teorias provisórias, especulativas e descartáveis caso não corroboradas por dados empíricos (pp. 118-119). Elas fornecem foco na investigação, na forma de observação e das experiências e as crenças admissíveis, embora não tenham o condão de determiná-las (p. 23).

Desta forma, é válido considerar-se que a atuação de Paracelso, na medida em que se contrapunha à concepção vigente e propunha a adoção de um novo entendimento, constituía uma ruptura do *status quo*. Por outro lado, Paracelso não contestava a totalidade dos fundamentos da visão vigente. Diversas das premissas fundamentais então vigentes eram efetivamente admitidas e embasavam a nova concepção que ele propunha. Portanto, pode-se encarar a mudança representada pela atuação de Paracelso, por um lado, como uma modificação, uma revisão, ainda que muito significativa, do paradigma vigente. Afinal, a doutrina de Paracelso retoma e reaproveita elementos fundamentais do modelo dos quatro humores. Neste sentido, seria possível considerar-se haver uma continuidade. Por outro lado, a nova proposta apresenta aspectos irreconciliáveis com a visão estabelecida. E por esta visão, a proposta de Paracelso representa uma ruptura com o entendimento de Medicina vigente e a proposição de uma concepção diferente.

5.2. Galenismo: os quatro humores aristotélico-galênicos

No início do séc. XVI, tanto os aristotélicos quanto os galenistas consideravam a existência dos elementos “terra”, “água”, “ar” e “fogo”, que se associavam a quatro qualidades – “quente”, “frio”, “úmido” e “seco” – uma doutrina, já então, de grande antiguidade (DEBUS 1967, p. 129). Ela teve seus primórdios no séc. VI a.C., quando os elementos mágicos e religiosos começaram a perder a sua predominância na antiga cultura grega (BOS 2009, p. 30). Empédocles da Sicília (495 a.C. a 435 a.C.) apresentou a ideia de elementos fundamentais, sob a designação de *raízes*. Todas as coisas do universo seriam compostas de combinações específicas de *terra*, *água*, *ar* e *fogo*, que não poderiam ser subdivididos em nada mais simples (NATH 2012, p. 11).

Aristóteles (384 a.C.–322 a.C.), partindo das ideias de Empédocles, desenvolveu um modelo da dinâmica dos elementos. Eles se movimentariam em linha reta e em direção única. Fogo e ar subiriam, água e terra cairiam, sempre rumo ao seu “lugar natural”: pedras, compostas principalmente de *terra*, tenderia a cair; fumaça, composta principalmente de *ar* e *fogo*, tenderia a subir. Deste modo, os elementos, não só comporiam o universo, como também determinariam seu movimento. Aristóteles ainda acrescentou um quinto elemento (a já referida “quintessência”), argumentando que objetos celestiais teriam de ter componentes mais “puros” que os terrenos (NATH 2012, pp. 12-13).

A teoria humoral de saúde e doença pode ser considerada originária da medicina grega da Antiguidade. Em claro paralelo com os elementos aristotélicos, ela considerava existirem quatro assim chamados *humores*: *sangue*, *flegma*, *bile amarela* e *bile negra*, cada um produzido em uma região específica do corpo (AYOUB 1995, p. 332). Existiriam em equilíbrio no indivíduo são e a ocorrência de excesso pronunciado de algum deles seria causa das doenças (p. 332). Por exemplo, foi proposto que excesso de *bile negra* estaria vinculado a derrames (MOOG e KARENBERG 2006, p. 123). Havia associação amplamente aceita dos quatro humores corporais com os quatro elementos e as quatro qualidades, propostas pelo filósofo grego Empédocles, combinados em pares. Os humores que constituem o corpo seriam, então:

sangue – quente e úmido, vinculado à primavera e à infância.
flegma – quente e seca, abundante no inverno e no corpo de idosos.
bile amarela – úmida e fria, abundante no verão e na juventude.
bile negra – fria e seca, forte presença no outono e em pessoa maduras.

(AYOUB 1995, p. 333)

Fig. 1: Esquema demonstrando a correlação de elementos e qualidades
(in KAUFFMAN 1985, p. 41)

Para poder haver situação de saúde, seria condição necessária o atendimento de algumas condições (BALZER e ELEFTHERIADIS 1991, p. 208):

- mistura adequada dos humores;
- intensidade qualitativa relativa equilibrada dos humores;
- proporção relativa adequada dos humores, característica individual de cada pessoa.

Numa pessoa saudável, os humores se apresentariam em proporção adequada e própria de cada pessoa. A doença se manifestaria em caso de falta ou excesso, global ou localizado, de algum dos humores. Alguns tratados hipocráticos chegam mesmo a considerar que os humores além de comporem o corpo, também teriam influência sobre o estado mental da pessoa (BOS 2009, p. 30). A ocorrência de desequilíbrio, com prevalência ou falta de algum dos humores, além de causar doença, permitiria a manifestação da chamada tipologia de temperamento do doente. Estas tipologias eram: *colérico*, *melancólico*, *flegmático* e *sanguíneo*, vinculadas respectivamente a excesso de *bile amarela*, *bile negra*, *flegma* e *sangue*. A manutenção do balanço humoral era considerada atribuição do médico que, para tanto, recorria, de modo preventivo, a regulação da dieta e, de modo corretivo, a sangrias e purgas, para eliminar eventual excesso de algum dos humores (AYOUB 1995, p. 332)⁶.

⁶ Modernamente foi aventada a possibilidade de existir alguma fundamentação empírica para a propositura dos quatro humores. O hematologista britânico R. G. MacFarlan (1907 – 1987; *apud* AYOUB 1995, p. 334) descreveu que o sangue de pacientes, acometidos de certas doenças, apresentam separação em quatro fases distintas: 1) um sedimento de células vermelhas, cuja parte mais escura poderia ser associada à bile negra;

Galeno de Pérgamo (129 d.C.–199 d.C.) foi, até o século XVII, figura de autoridade e tido como fonte confiável de informações médicas. Fez extensa compilação, organização e algumas glosas de termos da matéria médica de sua época usando manuscritos antigos (PEREIRA 2007, p. 11). O trabalho de Galeno apresenta a primeira descrição razoavelmente completa, ainda que não isenta de ambiguidades (BOS 2009, pp. 35-36), da teoria dos humores em que ele, assim como Aristóteles, centrou sua teoria médica (p. 30). É de sua autoria a definição dos contornos finais da concepção, que permaneceu em posição prevalente durante um milênio e meio (BÜTTNER 1990, p. 269). Contrariando os filósofos platônicos de sua época, Galeno reafirmou a influência dos humores sobre o estado psíquico do paciente (PEREIRA 2007, p. 11). A influência dos humores sobre a parte mental e o temperamento das pessoas, mencionada anteriormente, ocorreria porque as características da alma seriam determinadas pela proporção relativa dos humores e estes, por sua vez, seriam influenciados pela dieta e pelas atividades diárias da pessoa (BOS 2009, pp. 35-36). Como Galeno assumia postura de médico, não de filósofo moralista, a descrição do temperamento de uma pessoa não implicava necessariamente enfocar qualidades ou vícios morais, nem juízo de valor. Como se considerava existir uma relativa continuidade entre o temperamento “físico” e o “moral”, o objetivo desta análise era buscar informações sobre o quadro de saúde ou doença do paciente.

5.3. Antigalenismo: Tria Prima

O primeiro a questionar de modo mais consistente e contundente a doutrina dos humores foi Paracelso, que não aceitava a teoria de Galeno, fundamento da maioria das obras médicas de autores da Antiguidade (DEICHMANN 1986, p. 207). Paracelso acabou por propor uma nova visão em que o corpo era considerado como sede de processos (al)químicos. Paracelso despertou a ira do *establishment* médico, entre diversas outras coisas, por seus ataques a Galeno e seus trabalhos. Rejeitava o paradigma dos humores e em seu lugar propunha um outro, próprio, em que ponderava a existência de princípios materiais como substâncias ativas: *mercurius*, *sulphur* e *sal*. Sua proposta completa abrange também aspectos espirituais e propõe a existência de um macrocosmo e um

2) a parte mais clara e vermelha deste sedimento seria associada ao sangue, sendo proporção relativa dependente do grau de oxigenação do sangue; 3) uma fase sem coágulos que seria a flegma; 4) o soro sanguíneo, no topo, que seria a bile amarela.

microcosmo, interligados entre si. A abordagem química de questões médicas, desvinculada dos aspectos espirituais, conduziu à Iatroquímica, que se revelou adversária poderosa da medicina galênica, sem, contudo, conseguir substituí-la plenamente (BOS 2009, p. 38).

Paracelso admite o conceito aristotélico-galênico dos quatro elementos (*terra, água, ar e fogo*), mas, ao contrário dos alquimistas até então, os considera insuficientes para explicar a imensa variedade do mundo (NATH 2012, pp. 13-14). Ele também toma emprestados de Aristóteles o nome das qualidades, mas lhes atribui outros significados. Assim, em sua proposta, por exemplo, *fogo* pode dar origem a um resultado *frio* (DANIEL 2006, p. 135). Na visão neoplatônica de Paracelso, os elementos propriamente ditos seriam de ordem espiritual e os elementos de mesmo nome observáveis aqui na Terra seriam apenas aproximações imprecisas.

Conforme mencionado anteriormente (ver 4), já existia, então, um modelo alquímico para explicação da origem dos metais. Propunha que fossem compostos de *sulphur* e *mercurius*, sendo as suas características e propriedades determinadas pelas proporções relativa dos dois e pelos seus respectivos graus de pureza (READ 1933, p. 257). *Sulphur* e *mercurius* representavam respectivamente a inflamabilidade/ combustibilidade e o caráter metálico, a chamada *metalicidade*. Este modelo possivelmente decorreu de observações empíricas, como a frequente ocorrência de enxofre em minas de ouro, de que o mercúrio permite extrair o ouro de minério triturado (KAUFFMAN 1985, p. 41) e de certos fenômenos verificados em processos de obtenção e fusão de metais. O modelo *sulphur-mercurius* marca o surgimento de orientação química para explicar os minerais (MULTHAUF 1958, p. 51).

Paracelso expande o modelo *sulphur – mercurius* propondo a existência de um nível adicional de sutilidade, que seria responsável por conferir a forma e a essência interior das substâncias (NATH 2012, pp. 13-14). Em sua proposta, o modelo é expandido e passa a incluir *sal*. *Sulphur*, *mercurius* e *sal*, conjuntamente, ficaram conhecidos como *tria prima*, modelo que passou a ser usado para explicar toda a Natureza (DEBUS, 1967, p. 129). Contudo, a definição exata do que seja cada um deles, concretamente, não era clara; eles eram tomados mais como “princípios” sutis do que como substâncias físicas. Alguns filósofos chegam mesmo a considerar a existência de paralelo entre *tria prima* e a Santíssima Trindade cristã. *Tria prima* pode também ser considerado um eco do trio espírito/alma/corpo, corrente entre os alquimistas, ou dos estados físicos – gás/líquido/sólido (KAUFFMAN 1985, p. 42). Aos componentes do *tria prima* eram

atribuídas propriedades que permitiam sua identificação por procedimentos químicos normais. Deste modo:

- *Sal* representaria a estabilidade, a não-volatilidade, ou a parte de cinza/sedimento da matéria e a ele se atribui a solidez e a presença de cor. (DEBUS 1967, p. 131; BORZELLECA 2000, p. 3; BERNOULLI 1994, p. 337)
- *Sulfur* responderia pela combustibilidade, estrutura e substantividade (BORZELLECA 2000, p. 3; DEBUS 1967, p. 131). A ideia de atribuir a combustibilidade a um componente específico, *sulphur*, serviu posteriormente de base à teoria do *flogísto*, proposta por Georg Ernst Stahl (1660-1734) (READ 1933, p. 259), para explicação dos fenômenos de transferência de calor.
- *Mercurius* representaria a liquidez ou a parte volátil da matéria (BORZELLECA 2000, p. 3; BERNOULLI 1994, p. 337).

Conforme Paracelso, todas as coisas do mundo seriam compostas de conjuntos *sulphur*, *mercurius* e *sal* em proporções diferentes e específicas por substância ou corpo (BIANCHI 1994, p. 19). Esta seria a explicação para as diferenças observadas entre os metais. O ouro seria o metal perfeito e isto se daria por ele ser composto de *sulphur*, *mercurius* e *sal* os mais puros e em proporção perfeita. Extrapolando este raciocínio, deveria ser possível a transformação de um metal em algum outro por meio da adição de *sulphur*, *mercurius* e *sal* filosóficos, isto é, na condição mais pura, tal como encontrada no mundo ideal. Esta seria a premissa teórica da transmutação dos metais, tão almejada pelos alquimistas (KAUFFMAN 1985, p. 4; READ 1933, p.256).

A aceitação por Paracelso dos quatro elementos aristotélicos fica clara pela citação explícita deles em trabalhos mais tardios (DANIEL, 2006, pp. 132-123). Admitindo-se que cada elemento aristotélico seja composto por *sulphur*, *mercurius* e *sal*, em seu fracionamento ele gera um conjunto *sulphur*, *mercurius* e *sal* com características próprias, diferentes daquelas dos conjuntos originários dos outros elementos (BIANCHI 1994, pp. 21-22). A rigor, cada substância existente daria origem a um conjunto *sulphur*, *mercurius* e *sal* específico. A partir deste ponto, a proliferação de tipos de *sulphur*, *mercurius* e *sal* gera um emaranhado de tal ordem que fica difícil acompanhar a evolução do pensamento de Paracelso (BERNOULLI 1994, p. 337).

Durante uma transformação da matéria, processo que hoje seria chamado de reação química, os princípios são levados a manifestar as qualidades intrínsecas associadas a eles. Desta forma, na queima de madeira formam-se chamas, fumaça e

cinzas. As chamas proviriam do *sulphur*, a fumaça do *mercurius* e as cinzas seriam originadas pelo *sal* (BERNOULLI 1994, p. 337). Para Paracelso e seus seguidores, *sulphur*, *mercurius* e *sal* não faziam referência às substâncias fisicamente disponíveis de mesmo nome; entendiam eles que faziam referência às contrapartes “filosóficas”, existentes no mundo ideal, à chamada forma sófica (KAUFFMAN 1985, p. 42). Não é difícil explicar por que é inadequado se tomar *sulphur*, *mercurius* e *sal* como sendo correspondentes, respectivamente, a enxofre, mercúrio e à classe química dos sais. Como mencionado na discussão acima (ver 5.1), um paradigma reflete a comunidade científica que o segue e a sua visão de mundo. Por extensão, é necessária a devida cautela no trato das ideias e termos de um paradigma para se evitar mal-entendidos. Deste modo, *sulphur* e *mercurius* integram a concepção alquímica, designando as supostas exalações da terra que originariam os metais. Foi expandida por Paracelso pela inclusão de *sal*. Por outro lado, “enxofre”, “mercúrio” e a classe química “sal” fazem parte da visão da ciência moderna, especificamente da Física e da Química. A necessidade especial de atenção e critério no trato com “enxofre” e “mercúrio” fica sublinhada por, mesmo entre Química e Física haver entendimentos específicos. Embora ambas façam vínculo com os chamados elementos químicos, os entendimentos são diferenciados. Enquanto a Química entende “elemento químico” como referência a um conjunto de partículas de matéria com propriedades químicas homogêneas, sendo que as propriedades físicas podem apresentar alguma variação (isótopos), para a Física, “elemento químico” automaticamente implica a constância do número de prótons presentes no núcleo atômico. O termo “sal” faz referência a uma classe de compostos caracterizada por resultar da reação de neutralização entre um ácido e uma base (álcali). Ou seja, *sulphur/mercurius/sal* e enxofre/mercúrio/sal fazem referência a modelos e visões de mundo distintas, daí a impropriedade de se tomar um grupamento pelo outro.

Conforme Paracelso, todas as coisas do mundo seriam compostas do conjunto *sulphur*, *mercurius* e *sal* nos quais podem ser decompostas mediante uso de métodos adequados (BIANCHI 1994, p. 19). Também por procedimentos adequados específicos, seria possível extrair de objetos e substâncias do mundo físico componentes parciais – *quinta essential*, *arcanum* e *tincture*. Seriam formas purificadas, derivadas da substância inicial e com efeito terapêutico (HILLER 1942, p. 564). O conhecimento para proceder a estas separações e purificações era conhecido como *scientia separationis* (BIANCHI 1994, p. 19). A separação do puro a partir do impuro, do bom a partir do mau, do remédio a partir do veneno (p. 21), é considerada por Paracelso a verdadeira função e vocação da

Alquimia. Ele chega mesmo a descrever a Alquimia como absolutamente indispensável em qualquer preparação de remédio (pp. 20-21). De certo modo, considera que a Alquimia seja a arte de levar à completude, para benefício do Homem, aquilo que a Natureza deixou em imaturidade (p. 20). Atribuía tanta importância a este aspecto que chegou a eleger a Alquimia como um dos pilares da sua visão da Medicina, juntamente com Filosofia, Astronomia e Virtude (BORZELLECA 2000, p. 3)

Paracelso foi o primeiro a descrever o funcionamento do metabolismo no organismo em analogia a um laboratório de alquimista. Para ele, o funcionamento dos órgãos e do organismo pode ser considerado como sendo alquímico, pois eles também separam o puro do impuro (BORZELLECA 2000, p. 3). Para além disso, ele acreditava que a Alquimia em nada diferiria do funcionamento da Natureza (BIANCHI 1994, p. 20-21). Dentro da doutrina da *tria prima*, a doença seria desencadeada se algum dos princípios se “exaltasse”, gerando desequilíbrio e separação entre eles. As consequências causadas pela desarmonia entre os princípios variavam conforme o princípio em desequilíbrio (pp. 22-23):

- *sulphur*: torna-se inflamado, levando à “fusão” do corpo.
- *sal*: torna-se insolúvel, rígido, causando corrosão da parte do corpo em que estiver depositado e também ulcerações.
- *mercurius*: deixa de fluir pelo corpo e de transportar fluidos sutis.

O modelo galênico postulava a cura pelos opostos – o desequilíbrio de um humor seria corrigido pelo recurso a humor contrário – enquanto o modelo de Paracelso advogava a cura pelos semelhantes – um veneno no organismo seria combatido pelo mesmo veneno, mas com grande cuidado quanto à dosagem (BORZELLECA 2000, p. 3).

Parte II – Fundamentação teórica

Paracelso foi autor de um conjunto de textos muito extenso. Neles tratava de assuntos muito variados, indo de religião e misticismo, passando pela Alquimia e chegando à Medicina e Química. Apenas um número reduzido de seus textos veio a ser publicado em vida.

Muito afortunada para a preservação da obra de Paracelso foi a atuação de Johannes Huser (c. 1545 – 1597/1604), que cedo coletou numerosos textos de Paracelso, de próprio punho ou cópias diretas, e baseado neles fez cuidadosa edição dos textos que tratavam de diversos temas e que foram publicados em 10 volumes, em Basel, no período de 1589 a 1591. Os textos desta edição são, em relação às obras de Paracelso, o que se tem de mais próximo de um texto “original” e, para os fins deste trabalho, a chamada edição Huser (VON HOHENHEIM, 1589) será encarada como sendo o texto original⁷. Recorreremos também a duas edições posteriores: a edição conduzida por Sudhoff (VON HOHENHEIM, 1930) e uma coletânea editada por Will-Erich Peuckert (1895-1969), originalmente em 1965 (PEUCKERT 2010).

6. Hermenêutica e escopo

A Hermenêutica é uma área de estudos e conhecimento que se ocupa da cognição e da interpretação de textos e símbolos para alcançar o seu significado. A necessidade, independente da sua origem, de interpretação se apresenta constantemente, toda vez que se esteja lidando com itens cujo significado se queira apreender (MATZAVINOS, 2016).

Conhecida já desde a Antiguidade, a Hermenêutica era importante, especialmente do ponto de vista religioso, por ser usada na interpretação das mensagens dos oráculos e de outros chamados sinais dos deuses. Lidava também com outros textos, por exemplo, as obras de Homero. Neste caso, abordava-se tanto o plano de palavra e sentenças quanto o plano de significados mais encobertos.

A difusão progressivamente mais ampla do uso da escrita, gerando necessidade cada vez maior de interpretações de textos, ampliou igualmente o campo de aplicação da Hermenêutica. Gradualmente, se desenvolveram hermenêuticas setoriais, específicas

⁷ Por fugir ao escopo da presente dissertação, não será feito aprofundamento na discussão envolvendo a noção de “texto original”.

para certos campos de conhecimentos e estudos. Dentre estas ramificações, possivelmente as mais relevantes foram a hermenêutica jurídica e, principalmente, a hermenêutica bíblica. Dentre as práticas interpretativas havia uma vertente conhecida como *accessus ad autores*. Uma das formas de abordagem envolvia o seguinte conjunto de perguntas, segundo Matzavinos (2016, p. 2):

- **Quem** é o autor?
- **Qual** é o assunto do texto?
- **Por que** o texto foi escrito?
- **Como** o texto foi escrito?
- **Quando** o texto foi escrito/publicado?
- **Onde** o texto foi escrito/publicado?
- **Em qual meio** o texto foi publicado?

Na Renascença, a Hermenêutica seguiu tendo aplicação localizada, com o objetivo principal de interpretação de alguma passagem de texto que apresentasse dificuldades de compreensão. Embora vinculado a esta visão, o filósofo Spinoza (1632-1677) defendeu em seu *Tractatus theologico-politicus*, de 1670, que não fosse dada aos milagres bíblicos uma leitura literal, que estes teriam explicação científica. De forma indireta, estava defendendo a ideia de que o objetivo proposto para um texto interfere na leitura que deve ser lhe dada, afinal, o objetivo da Bíblia, claramente, não é ser um texto científico.

No texto *Idea boni interpretis et malitiosi calumniatoris*, de 1630, o teólogo alemão Johann Conrad Dannhauer (1603-1666) chega a propor uma Hermenêutica geral, relevante para todas as ciências e aplicável à interpretação de textos e falas de todos os autores, embora ainda voltada, essencialmente, para a interpretação. Sublinhamos que Dannhauer já destacava a importância, entre outros, da ideia central do texto e dos objetivos a que ele se propunha. A sua proposta de uma Hermenêutica geral, contudo, não encontrou condições favoráveis para prosperar. Um pouco mais tarde, outro teólogo alemão, Johann Martin Chladni – Chladenius, na forma latinizada – (1710-1759), defendeu levar-se em conta o ponto de vista apresentado em um texto para se poder ter uma interpretação e compreensão adequada dele. Nesta época estava em plena validade a ideia do *princípio universal da interpretação textual*. Ele já era conhecido e aplicado na retórica clássica e diz que: “todos os detalhes de um texto devem ser compreendidos a partir do *contextus*, do conjunto, bem como do sentido unitário para o qual o todo está orientado, o *scopus*” (GADAMER 1999, p. 276, grifos do autor).

A constituição de uma Hermenêutica geral, a chamada “desregionalização da Hermenêutica”, a levou a deixar de ser apenas ferramenta auxiliar de interpretação a serviço das diversas áreas de conhecimento (Filologia, Teologia, Direito, etc.). Foi um processo gradual, de certa forma iniciado efetivamente com Schleiermacher (1768-1834), que levou a Hermenêutica a deslocar o seu foco principal de interpretação para enfocar também a compreensão (DUQUE-ESTRADA 2010, p. 50). Schleiermacher considerava a compreensão e a interpretação como sendo parte uma da outra. A importância disto se acentua no trato com documentos escritos, pois o autor pode não estar presente e a leitura pode se dar fora do contexto original do discurso, acentuando a importância de se levar em conta o *scopus* (escopo) original (ainda que inferido) do texto em análise.

7. *Von den ersten drei Essentiis* – Um mesmo texto em várias versões

Respondendo à importância que, conforme evidenciado acima, o *scopus* historicamente tem, vamos focar nele, e, ampliando as considerações, verificar onde chegaremos. Como já mencionado, em uma abordagem hermenêutica todos os detalhes de um texto se orientam pelo *scopus*. Por consequência, centrando foco no escopo de um texto em consideração, deve ser possível fazer inferências a seu respeito a partir de análise de aspectos observáveis no próprio texto.

O *corpus* selecionado para embasar este trabalho é composto de três edições diferentes, em corte diacrônico, de um mesmo tratado médico de autoria de Paracelso. Trata-se do tratado *Von den ersten drei Essentiis* nas edições de autoria de Huser e Sudhoff e na coletânea elaborada por Peuckert. Mesmo um cotejo simples, envolvendo apenas aspectos formais, dispensando qualquer conhecimento da língua-fonte, já permite identificar pontos de aproximação e distanciamento entre as edições (Fig. 2).

Edição Huser
(1589)

Sein wirkung ist dreifach: Eine ist des Salzs/die nimpt
hin/durch purgieren/mundificieren/balsamieren/vnd derglei-
chen andere solche weg/vnnd herschet vber das/ so zu der feu-
luna geht.

Edição Sudhoff
(1930)

Sein wirkung ist dreifach: eine ist des salzs, die nimpt
hin durch purgieren, mundificieren, balsamieren und der glei-
chen ander solche weg und herschet uber das so zu der feu-
lung gehet.

Edição Peuckert
(1965)

Seine Wirkung ist dreifach: eine ist des Salzes, die nimmt hin durch Purgieren, das ist Abführen, Mundificieren, das ist Reinigen, Balsamieren und andere dergleichen Wege, und herrschet über das, so zur Faulung geht.

Fig. 2: Um mesmo trecho nas três edições (WAGNER; OLIVEIRA, 2019)

Como aspecto formal comum aos três textos, observa-se o uso de dois pontos (“:”) e pontos finais. Porém, logo salta aos olhos que as versões Huser e Sudhoff compartilham tipos gráficos essencialmente idênticos, diferentes daqueles da versão Peuckert, que usa tipos gráficos familiares ao leitor de hoje. Parece legítimo supor, ainda que preliminarmente, a existência de algum traço comum entre as duas primeiras versões e ausente na terceira.

Por outro lado, uma observação mais detida revela a existência de pontos compartilhados apenas entre as versões Sudhoff e Peuckert: ao passo que na versão Huser se observa o uso de barras (“/”) para efetuar a separação de elementos textuais (ainda que não fique evidente o critério exato de uso), as versões posteriores apresentam uso de vírgulas para separar os sintagmas, conforme é o padrão no alemão moderno, associado à ausência do uso de barra para separação, aspecto que os aproxima.

Para uma investigação mais aprofundada, já não é possível prescindir do conhecimento da língua-fonte, pois analisaremos os textos do *corpus* com relação ao seu conteúdo. Para tanto recorreremos ao seguinte conjunto de perguntas proposto por Krappmann (2017):

- O que o autor do texto-fonte queria transmitir aos receptores iniciais e qual posição assume perante este conteúdo?
- A quem era direcionado o texto-fonte? Que receptores o texto de chegada deve alcançar?
- Que estratégias foram empregadas para a transmissão da oferta de informação presente no texto-fonte?
- De que gênero e de que tipo textual se trata e qual função o texto fonte desempenhava na cultura-fonte (KRAPPMANN 2017, p. 86)?⁸

⁸ 1) Was wollte der Autor des Ausgangstextes den ursprünglichen Rezipienten vermitteln und welche Stellung nimmt er zu dem Inhalt? 2) Für wen war der AT [Ausgangstext] bestimmt, welche Rezipienten soll der ZT [Zieltext] erreichen? 3) Welche Strategien wurden zur Vermittlung des Informationsangebots

Adicionalmente, também será levado em conta um outro conjunto de perguntas propostas com objetivo semelhante por Nord (1988, p 41), e esquematizado a seguir:

QUEM	transmite	O QUE	num texto com	QUE FUNÇÃO
		COM QUE PROPÓSITO		
		A QUEM		
		POR QUE MEIO		
		ONDE		
		QUANDO		
		PORQUE		

SOBRE QUE	ele diz ou ele não diz	O QUE	usando que	ELEMENTOS NÃO-VERBAIS	com que	EFEITO
		EM QUE SEQUÊNCIA		PALAVRAS		
				ORAÇÕES		
				TOM		

7.1. Edição Huser

O tratado *Von den ersten drei Essentiis* está inserido no terceiro volume, publicado em 1589, da chamada edição Huser (VON HOHENHEIM, 1589). Esta edição certamente teve entre seus objetivos documentar e divulgar as ideias de Paracelso. Foi a primeira publicação de parte relevante dos textos do autor. O editor Johannes Huser (c. 1545-1597/1604) recolheu, como já mencionado, numerosos escritos de Paracelso, entre manuscritos e cópias, e, baseado neles, compilou os doze volumes da edição que atualmente carrega o seu nome.

A edição Huser certamente apresenta diversos aspectos interessantes e que convidam a investigações mais detalhadas e aprofundadas. Assim, por exemplo, estudos correlacionando textos médicos de Paracelso com outros textos médicos de sua época ou estudos contextualizando a produção textual do autor no âmbito da ascensão da produção de livros impressos certamente oferecerão novas chaves de leitura para uma compreensão

in der Ausgangssprache eingesetzt? 4) Um welches Genre und um welchen Texttyp handelt es sich und welchen Zweck erfüllte der AT [Ausgangstext] in der Ausgangskultur?

mais ampla. Por se considerar que estes trabalhos expandiriam em demasia a abrangência desta dissertação, decidiu-se deixar estas investigações para possíveis trabalhos futuros.

O tratado em foco nesta dissertação apresenta a visão de Paracelso em relação à origem das doenças. Introduz uma proposta, nova para a época, para a explicação das doenças. Apresenta a chamada *tria prima* (*mercurius, sulphur e sal*), em contraponto aos quatro humores aristotélico-galênicos, como sendo fonte de explicação. Lança também a ideia de que as doenças devem ser agrupadas em estruturas chamadas *arbor morborum* – árvore das doenças – e propõe a existência do chamado *archeus*, vinculado aos diversos órgãos, governando o seu respectivo funcionamento. Depreende-se disto que Paracelso buscava interlocução na esfera de especialidade profissional, queria transmitir informações de cunho científico e divulgar a teoria que estava propondo. Esta leitura encontra respaldo nas numerosas ocorrências de palavras e expressões em latim, então, a língua de cultura.

O texto apresenta também indícios de que Paracelso tinha como alvo, pelo menos parcialmente, a comunidade médica, como ilustra a passagem em que ele se dirige aos leitores médicos de forma direta e explícita (**Fig. 2**).

Fig. 2: Trecho da edição Huser⁹

Há também uma passagem em que ele dá aos médicos orientações relativas à forma pela qual um médico deveria se expressar na comunicação com o paciente para se diferenciar dos não-médicos (**Fig. 3**).

⁹ Tradução: “se vocês, de outro modo, quiserem ser chamados de medici e, de livre e espontânea vontade, fazer os seus doentes saudáveis”.

Fig. 3: Trecho da edição Huser¹⁰

A passagem na **Fig. 3** ilustra simultaneamente um ponto adicional de interesse: Paracelso defende o uso de linguagem específica, especial e diferenciada, dando a entender ser ela mais preta de sentidos que a linguagem convencional. Pode-se entrever aqui uma consciência (nascente?) da existência deste tipo específico de linguagem e de sua importância, sendo que somente no séc. XX a Terminologia veio a se estabelecer como área própria de estudos, especialmente em sua dimensão semântica.

Em contraste com os indícios acima citados, chama a atenção o texto ter sido redigido em sua maior parte em alemão, mais especificamente no assim chamado *Frühneuhochdeutsch*, um estágio inicial do *Neuhochdeutsch*, a forma atual do alemão em sua norma padrão. A opção feita pelo uso do vernáculo representa um rompimento com o padrão de sua época, de usar o latim como língua na elaboração de textos, especialmente aqueles revestidos de alguma importância. O latim era inquestionavelmente a língua de prestígio. A opção de Paracelso pelo uso do vernáculo lhe acarretou dificuldades, pois o *Frühneuhochdeutsch* ainda carecia de recursos linguísticos mais refinados, impondo limitações específicas como as apontadas por Marx (1941, p. 958), por exemplo, de vocabulário. Por outro lado, desta forma estava se abrindo acesso a conhecimentos da área médica a fatias da população que não dominassem o latim. Como categorias profissionais que Paracelso pode ter tido em mente, é possível citar os cirurgiões e os cirurgiões-barbeiros, que à época não estavam integrados à carreira médica.

¹⁰ Tradução: “Mas você deve falar deste modo: “Isto é *morbis leseoli*”. E é por esta razão: assim você engloba *curam*, *proprietatem*, *nomen*, *qualitatem dispositionem* e *artem* e *scientiam tuam* numa [única] designação.”

7.2. Edição Sudhoff¹¹

Apesar de toda a polêmica que Paracelso e posteriormente os seus seguidores geraram, o seu movimento gradualmente perdeu ímpeto, se enfraqueceu, e acabou por ser posto de lado. A progressiva queda de interesse fez, inevitavelmente, decair a disponibilidade e acessibilidade aos textos de Paracelso. No final dos anos 1920, começo dos anos 1930, houve uma nova edição abrangente dos textos de Paracelso (VON HOHENHEIM, 1930). Ela se deveu ao empenho de um professor de História da Medicina na Universidade de Leipzig, Karl Sudhoff (1853-1938). A edição Sudhoff reproduz o texto da edição Huser de forma bastante próxima, mas não idêntica. Pode-se constatar que houve intervenções no texto da edição, todas de pequena monta. No caso do tratado *Von den ersten drei Essentiis*, destacamos, sem absolutamente esgotar o assunto, as seguintes diferenças:

- um uso dos sinais de pontuação diferente do atual, pois as convenções pertinentes se modificaram ao longo do tempo;
- alterações de grafia envolvendo, por exemplo, os pares **i/j**, **i/y**, **s/ß**, **ê/eh**;
- usos diferentes da duplicação de consoantes;
- substituição de **n/m** finais por sinal diacrítico;
- mudanças no uso de maiúsculas;
- alterações de declinações.

Em função da própria pequena monta, estas intervenções não chegam a ser capazes de interferir seriamente na leitura e compreensão. As alterações tiveram abrangência provavelmente comparável àquela que se verificaria em uma reedição no Brasil, atualizada para a nova ortografia, de uma obra, por exemplo, de Machado de Assis ou mesmo de Monteiro Lobato.

Toda reedição tem entre seus objetivos aumentar a disponibilidade de cópias da obra. Certamente, isto se aplica à edição Sudhoff de modo especialmente pronunciado. Afinal, qualquer exemplar sobrevivente da edição Huser seria peça histórica, de valor significativo sob diversos pontos de vista e ficaria guardada, bem protegida, em biblioteca ou museu, inacessível ao público em geral. Desta forma, pode-se assumir que fazia parte

¹¹ Por considerações análogas às apresentadas em 7.1, também aqui optou-se por não expandir as investigações para além do texto em si.

do *scopus* da edição Sudhoff (re)abrir o acesso do público-alvo à obra de Paracelso, com um mínimo de alterações no texto.

A edição Sudhoff, impressa na Alemanha no começo do séc. XX, usou *Frakturschrift*, mais conhecida no Brasil como “escrita gótica”, que permaneceu em uso na Alemanha até a 2ª Guerra Mundial. Os tipos usados na edição Sudhoff, embora não idênticos aos usados na edição Huser, claramente pertencem à mesma classe tipográfica, conforme pode ser observado nas figs. 3 e 4, que trazem a confrontação tipográfica de um mesmo trecho.

Fig. 4: Trecho da edição Huser

Fig. 5: O mesmo trecho da edição Sudhoff

Desta forma, a edição Sudhoff se aproxima muito de uma reprodução da edição Huser. Talvez pusesse até ser considerada como uma “reedição revisada”. Apesar disto, não seria correto considerar-se ter havido manutenção plena no seu propósito. Assim como o aspecto tipográfico, também o provável público-alvo manteve certas características daquele da edição inicial. Do mesmo modo que a classe médica no séc. XVI, em princípios do séc. XX, em especial pessoas com escolaridade elevada, tinham conhecimento das chamadas letras clássicas, sendo muitas vezes fluentes tanto em latim quanto em grego. Em sua época, o uso do latim por Paracelso não impunha uma barreira à compreensão por parte dos leitores visados e parece lícito supor que aos leitores da edição Sudhoff também não constituísse um empecilho relevante à compreensão. Para um falante nativo de alemão, a manutenção do uso do *Frühneuhochdeutsch*, apesar de eventualmente dificultar um pouco, também não deveria configurar um obstáculo intransponível à compreensão adequada do texto.

No começo do séc. XX, Paracelso já era há muito personagem histórico e a sua proposta teórica já não dava conta da evolução do conhecimento médico. Com isto, o objetivo inicial de apresentar conhecimento novo também já não era aplicável. Assim, a apresentação e difusão de conhecimento científico novo não estaria entre os objetivos da edição Sudhoff. Por outro lado, o próprio fato de este professor de história da Medicina ter se empenhado fortemente na realização da edição é sugestivo de que entre seus objetivos estivesse (re)apresentar Paracelso à comunidade médica, ainda que sob o viés de estudo histórico. Houve, portanto, alteração do *scopus* em relação à edição Huser, mesmo que só pela inclusão desta vertente de interesse histórico.

7.3. A Coletânea de Peuckert

Will-Erich Peuckert (1895-1969) foi professor na Universidade de Göttingen, trabalhando, entre outros, com estudo de folclore e superstições. Elaborou uma compilação em cinco volumes de textos de autoria de Paracelso ou atribuídos a ele. Esta edição compõe-se de seleção de textos de Paracelso abrangendo, além da temática médica e de filosofia natural, textos de várias outras linhas de investigação do autor. Teve sua primeira publicação em 1965 e uma reedição em 2010. Em comum com as duas edições anteriores consideradas neste trabalho, certamente busca aumentar a disponibilidade de textos de Paracelso, que já era um personagem histórico e, portanto, não há expectativa de difundir conhecimentos novos. Aparentemente, também Peuckert busca franquear a seus leitores o acesso a textos de Paracelso, com o objetivo, possivelmente principal, de divulgação da sua atuação.

A coletânea Peuckert apresenta diferenças importantes em relação às duas anteriores. A primeira e mais evidente é que o texto não está escrito em *Frakturschrift*¹², mas sim em escrita latina, que em tipografia é conhecida como *Antiqua*. Isto é reflexo claro da mudança gráfica ocorrida ao final da 2ª Guerra Mundial na Alemanha, com o abandono do uso generalizado da *Frakturschrift*. Este foi o desenlace de uma concorrência histórica entre as fontes “góticas” (*Frakturschrift*) e a “escrita latina” (*Antiqua*), que conviveram desde o séc. XV, sendo que a partir do séc. XVI se estabeleceu, na região da Alemanha, uma segmentação: tendencialmente, a escrita latina era usada para textos estrangeiros ou científicos, enquanto a *Frakturschrift* prevalecia em

¹² Um histórico da disputa entre *Frakturschrift* e *Antiqua* no período 1871-1945 pode ser encontrado em Rück (1994).

textos literários ou escritos para alemães. Durante o nacional-socialismo, houve tentativas de estabelecer a *Frakturschrift* como a única admitida e, talvez por isso, ainda hoje seja associada ao período. Curiosamente, o próprio governo nacional-socialista determinou, em 1941, a proibição do uso da *Frakturschrift* (UECK, 2017; BEINERT, 2018). A coletânea Peuckert, portanto, já não poderia partir da premissa que os seus leitores tivessem plena habilidade de leitura de *Frakturschrift*, daí, provavelmente, a opção de transpor o texto para *Antiqua* (Fig. 6).

Seine Wirkung ist dreifach: eine ist des Salzes, die nimmt hin durch Purgieren, das ist Abführen, Mundificieren, das ist Reinigen, Balsamieren und andere dergleichen Wege, und herrschet über das, so zur Faulung geht (PEUCKERT 2010, p. 322).

Fig. 6: O mesmo trecho apresentado nas Figs. 4 e 5, agora da coletânea Peuckert

Uma segunda diferença importante diz respeito ao *Frühneuhochdeutsch*, com o qual Peuckert também demonstra preocupação. Podem-se observar diversas pequenas intervenções no plano sintático, com o claro propósito de aproximação ao padrão moderno da língua alemã para, deste modo, facilitar o entendimento pelo leitor. Outra diferença facilmente observável diz respeito às palavras e expressões em latim inseridas no texto. Considerando que nos anos 1960 já não era razoável supor-se que o leitor médio possuísse conhecimento significativo de latim, a preocupação do organizador com este aspecto se reflete no texto pela inclusão, após várias das palavras latinas, da respectiva tradução para o alemão ou de paráfrase explicativa. Isto ocorre, em especial, com palavras latinas que não foram assimiladas no alemão. Outras, reconhecíveis pelo falante moderno de alemão, não receberam qualquer complemento explicativo. Novamente se configura a existência de escopo diverso daquela das edições anteriores.

Seine Wirkung ist dreifach: eine ist des Salzes, die nimmt hin durch Purgieren, das ist Abführen, Mundificieren, das ist Reinigen, Balsamieren und andere dergleichen Wege, und herrschet über das, so zur Faulung geht.

Fig. 7: Novamente o mesmo trecho, com paráfrase explicativa em destaque

Uma tradução pode ser entendida como o processo pelo qual um certo conteúdo, presente em uma língua de partida e usando o seu código de comunicação e os seus recursos, é (re)expresso em um novo ato de fala, usando os recursos e o código de comunicação de uma outra língua, a língua de chegada. De forma mais concisa, podemos

considerar que “tradução é, portanto, uma atividade comunicativa que envolve a transferência de informação através de fronteiras linguísticas” (BASSNET 2011, p. 1)¹³. Contudo, a situação delineada acima parece ser mais bem abrangida por esta outra definição:

Tradução é um subtipo de comunicação interlingual, intercultural e mediada, que se verifica quando os participantes do evento comunicativo (presentes ou afastados por séculos e oceanos) requeiram um mediador familiarizado com as diferentes linguagens e culturas envolvidas (VIAGGIO 1998, p. 126)¹⁴.

Neste ponto, cabe recapitular a classificação que Jakobson (1959) faz da tradução. Segundo o autor, as traduções podem ser subdivididas em três tipos fundamentais:

- Tradução intralingual ou reformulação é uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- Tradução interlingual ou tradução propriamente dita é uma interpretação de signos verbais por meio de alguma outra língua.
- Tradução intersemiótica ou transmutação é uma interpretação de signos verbais por meio de signos ou sistemas de signos não-verbais (este tipo não é aplicável a este trabalho). (JAKOBSON 1959, p. 233 [grifos do autor])

Deste modo, poderíamos considerar que o trabalho de Peuckert, essencialmente, consiste em uma tradução intralingual com a presença de alguns elementos de tradução interlingual.

7.4. Esta dissertação

Todas as três edições mencionados acima se situam dentro do ambiente da língua alemã (considerada de forma ampla) e dentro do ambiente cultural alemão. Esta dissertação tem dentre seus objetivos dar um passo adicional de distanciamento em relação ao texto “original” de Paracelso: a passagem do alemão para o português. O objetivo é de possibilitar ao falante de português o acesso ao tratado Paracelso selecionado e assim contribuir para (re)apresentar Paracelso, personagem envolto em

¹³ Translation is therefore a communicative activity that involves the transfer of information across linguistic boundaries.

¹⁴ Translation is a subtype of interlingual, intercultural and mediated communication, that intervenes when the participants in the communicative event (co-present or centuries and oceans apart) require a mediator conversant with the different languages and cultures involved.

muito mistério e mistificação e pouco conhecido no Brasil, destacando sua atuação e sua importância na história de diversos campos do conhecimento científico. O público-alvo é composto essencialmente por pessoas interessadas em história das ciências, alguns por possuírem vínculos pessoais (por exemplo, profissionais da área de Medicina, Farmácia, Química e outras áreas em que Paracelso tenha exercido influência), alguns por laços profissionais outros (como historiadores, profissionais de Letras) e, eventualmente, mesmo leigos do público geral, sem vínculo propriamente identificável como fonte específica de interesse.

O atendimento aos objetivos propostos para o presente trabalho apresenta vínculos com duas modalidades de afastamento: contato entre duas línguas/culturas diferentes entre si e o afastamento temporal de um texto elaborado há aproximadamente 500 anos. Para se atingir os objetivos, houve recurso tanto ao texto “original” da edição Huber quanto ao texto da coletânea Peuckert. O trabalho de tradução foi desenvolvido a partir do texto “Peuckert” em cotejo com as duas outras versões. A seleção do texto “Peuckert”, ao invés da edição Huser, como ponto de partida, o que pode parecer questionável para alguns, fornece o ponto de apoio para tratamento do distanciamento temporal e se encontra respaldada na concepção apresentada por Rajagopalan:

[...] uma leitura do texto é uma extensão do próprio texto. Isto é, nenhum texto surge “inafetado” pelas suas sucessivas leituras. Cada nova leitura acrescenta algo a esse texto e é completamente incorporado ao “significado” do texto, assim que o significado do texto – na medida em que algo assim existir – pode ser descrito como aquilo que está sofrendo constantes mudanças, apesar da sensação ilusória de que seja o mesmo e idêntico objeto com o qual se está lidando em ocasiões sucessivas. (RAJAGOPALAN, 2009b, p. 45 *apud* RAJAGOPALAN 2013, p. 106)

A opção decorre da decisão de emular, em certo sentido, o escopo identificado como sendo o desta coletânea. Também o presente trabalho se propõe a permitir ao leitor (especificamente falante de português) acesso a um texto de Paracelso, tanto no que diz respeito ao tratamento dado ao *Neufriühhochdeutsch*, quanto aos termos latinos presentes no texto. Assim sendo, decisões tomadas por Peuckert foram reavaliadas (mantidas ou revistas *ad hoc*) à luz do perfil traçado para o escopo desta tradução para a o português.

Para a tradução interlingual de *Von den ersten drei Essentiis*, houve necessidade de diversas decisões de tradução; algumas geradas por dificuldades compartilhadas com Peuckert, outras pertinentes apenas à passagem do alemão para o português. As decisões de tradução que se apresentaram envolveram questões como as mudanças ocorridas na língua alemã ao longo do tempo, as mudanças no perfil do público-alvo (p. ex.: habilidade

de leitura de *Frakturschrift*, conhecimento de latim, compreensão do *Frühneuhochdeutsch*).

Outra situação enfrentada na tradução de *Von den ersten drei Essentiis* são as ocorrências de palavras, isoladas ou em pequenos grupamentos, de origem latina; algumas usadas como empréstimo direto, outras usadas em formas “germanizada”. Estas formas germanizadas podem ser separadas em três grupos:

- propostas que acabaram por ser plenamente assimiladas no alemão moderno, passaram a fazer parte do alemão rotineiramente falado, a ponto de hoje ser difícil reconstruir o estranhamento que podem ter causado naquela época (por exemplo *provozieren*).
- aquelas que não conseguiram ser incorporadas definitivamente ao alemão e continuam a causar estranhamento mesmo a falantes nativos, mas que um falante de português consegue reconhecer facilmente, pois integram o vocabulário habitual da língua portuguesa, de origem latina (um exemplo seria o par “*purgieren*” – “*purgar*”).
- as propostas que acabaram não incorporadas ao alemão e também em português não apresentam presença vigorosa. A sua presença causa estranhamento tanto na língua-fonte quanto na língua de chegada. Pode-se citar como exemplo “*mundifizieren*”, que não foi incorporada no alemão e tem presença limitada no português, por exemplo, através de “*imundo*” e palavras cognatas.

O próprio fato de o português ser uma língua latina e carregar traços claros desta origem é um aspecto a ser pesado em algumas decisões de tradução. Conforme se pode observar acima, há situações em que o recurso ao léxico latino causava e, em alguns casos ainda hoje causa, estranheza a um falante de alemão. Já para um falante de português, pode não ocorrer nenhum estranhamento, uma vez que o item lexical latino em questão foi mantido e se encontra plenamente incorporado ao português.

O objetivo a que o presente trabalho se propõe apresenta aspectos vinculados a ambas as modalidades de afastamento descritas: contato entre duas línguas/culturas diferentes entre si e o trabalho com um texto elaborado há aproximadamente 500 anos.

8. A Tradução de *Von den ersten drei Essentiis*

8.1. Traduzir é para indecisos? – A inevitabilidade do decidir

A situação delineada acima para *Von den ersten drei Essentiis* já deixa clara a necessidade de tomada de diversas decisões. Segundo Tirkkonen-Condit (1993, p. 5), o processo decisório necessário em uma tradução é uma evolução que, saindo do mais genérico e abrangente, vai em direção ao mais específico e detalhado. É uma sequência de decisões em que cada uma vai definindo os rumos das decisões subsequentes e direcionando o trabalho. Cada decisão a tomar vê sua abrangência condicionada e limitada pelas escolhas anteriormente tomadas, num afunilamento contínuo. Neste sentido, o processo tradutório como um todo pode ser encarado como um encadeamento de escolhas em sucessão. Um ponto que será absolutamente indispensável e decisivo precisa estar claro de saída: o critério que irá pautar e nortear o processo decisório.

A definição, por exemplo, do escopo de uma tradução, é uma decisão que pode envolver numerosos atores participantes, cada qual podendo ter um conjunto específico de interesses. A título de exemplo, podemos citar como partes envolvidas e com interesses nas decisões de tradução: o autor do texto-fonte, se ainda vivo, ou os detentores dos direitos sobre o texto-fonte; quem encomenda a tradução; o editor; o próprio tradutor; os leitores. Cada um destes atores precisa, ainda que não ouvido diretamente, ter ao menos seus (supostos) interesses levados em consideração em diversos momentos de tomada de decisão. Diante da quantidade potencialmente grande e da possível variedade de interesses, o risco de ocorrer conflito de interesses é concreto. Este cenário, porém, não se aplica integralmente à situação que envolve a tradução proposta neste trabalho. Embora as instâncias aludidas continuem existindo, muitas delas são unificadas na figura do próprio tradutor e autor deste trabalho. Por se tratar de trabalho acadêmico, sem pretensões comerciais, houve ampla liberdade em diversos aspectos como na seleção do texto-fonte, definição do público-alvo, seleção do escopo, dentre outros. Neste sentido, cabe relativizar e contextualizar o entendimento a ser dado a “tradutor”. Há que se manter em vista a ocorrência de superposição de papéis em uma mesma pessoa: o tradutor, que acaba por incorporar funções que poderiam pertencer a outro(s) ator(es) no âmbito de uma tradução comercial. Embora isto agilize bastante certas tomadas de decisão, por eliminar eventual conflito de interesses e a necessidade de discussões e negociações para se alcançar uma definição, pode não ser plenamente representativo da realidade de trabalho não-acadêmico. Assim sendo, ao se tentar extrapolar para outros contextos certas

funções e responsabilidades, neste texto atribuídas ao “tradutor”, pode ser necessário fazer correções para levar em conta o elenco de atores interessados em uma determinada situação específica. Ou seja, “tradutor decide” pode ter de ser entendido como “o conjunto dos atores interessados envolvidos decide”.

Uma tradução necessariamente também é, ela própria, um texto de pleno direito e, deste modo, aplica-se o já referido *princípio universal da interpretação textual* da retórica clássica. Ou seja, a tradução deve apresentar um objetivo para o qual todos os seus aspectos possam convergir. Ela precisa apresentar um *scopus*, um propósito, e todas as decisões tomadas precisam estar alinhadas com ele.

Uma vez definido o escopo, a primeira e mais relevante decisão a ser tomada, e ela própria subordinada ao escopo, é a definição da estratégia de tradução a ser adotada. Schleiermacher (2010) postulou existirem duas possibilidades antagônicas: “Ou o tradutor deixa o autor tão sossegado quanto possível e leva o leitor ao seu encontro, ou ele deixa o leitor tão sossegado quanto possível e leva o autor ao seu encontro¹⁵” (SCHLEIERMACHER 2010, p. 56). Estes polos foram posteriormente chamados de tradução *domesticadora* e *estrangeirizante*, na esteira das ideias de Lawrence Venutti (1998). Esse caráter dicotômico, embora tenha sido, de uma forma ou outra, encampado por vários teóricos da tradução que se seguiram a Schleiermacher, não necessariamente é uma unanimidade. Já um contemporâneo de Schleiermacher, o conhecido escritor e poeta alemão Johann Wolfgang von Goethe, que também se dedicou a estudos da tradução, divergia deste posicionamento, defendendo ser possível, e mesmo preferível, a adoção de um caminho intermediário. Este entendimento pode ser depreendido, por exemplo, de seu famoso discurso em memória do igualmente poeta e também tradutor Christoph Martin Wieland (1733-1813). Nele, Goethe (2010, p. 30) alude à existência de duas máximas, cada uma representando um dos extremos propostos por Schleiermacher. Diz ele: “Nosso amigo, que também neste assunto buscava o caminho do meio-termo, se empenhava por combinar as duas [máximas], mas como homem de sentimentos e de bom-gosto preferia, em caso de dúvida a primeira [domesticadora]¹⁶.”

Também mais modernamente, há vozes que destoam da visão dicotômica de Schleiermacher. Assim, por exemplo, Oliveira (2016, p. 106) aponta que já no próprio

¹⁵ Entweder der Übersetzer läßt den Schriftsteller möglichst in Ruhe, und bewegt den Leser ihm entgegen; oder er läßt den Leser möglichst in Ruhe und bewegt den Schriftsteller ihm entgegen.

¹⁶ Unser Freund, der auch hier den Mittelweg suchte, war beide zu verbinden bemüht, doch zog er als Mann von Gefühl und Geschmack in zweifelhaften Fällen die erste Maxime vor.

texto seminal do autor *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens*, apresentado em 1813, existe polarização entre o projeto político de enriquecimento linguístico e cultural da língua alemã, por um lado, e as repercussões de suas ideias sobre língua de outro; entre o “pragmático” e o “epistêmico”. Argumenta o autor que Schleiermacher não só distingue tradução escrita (*Übersetzung*) de tradução oral (*Dolmetschen*), como defende a superioridade da primeira sobre a segunda.

Desse modo, por esta dupla escala eleva-se o tradutor cada vez mais sobre o intérprete, até o seu domínio mais próprio, a saber, o das produções da arte e da ciência, nos quais, por um lado, a capacidade combinatória livre própria do autor e, por outro, o espírito da língua com o seu sistema de intuições e matizações das disposições mentais, são tudo; o objeto não domina de modo algum, mas é dominado pelo pensamento e pela mente, mais ainda, com frequência apenas surge pelo discurso e apenas existe com ele. (Braida 2010, p. 43, p. 45)¹⁷

O autor prossegue, que, para Schleiermacher, a tradução escrita (*Übersetzung*) se segue à assimilação, pelo tradutor, do conteúdo a ser transmitido. É após esta assimilação que o tradutor passa a ser encarado como (co)autor, que precisa tomar decisões referentes à elaboração do texto traduzido. Para se assenhorar do referido conteúdo, o tradutor precisa fazer a recepção, a interpretação (*Deutung*) do texto-fonte e esta etapa fica diminuída, escamoteada no raciocínio de Schleiermacher. Ainda segundo Oliveira (2016), é justamente esta diminuição da importância atribuída ao intérprete que permite o estabelecimento da tradicional dicotomia. Sem esta diminuição, ao invés da polarização ter-se-ia um contínuo de opções.

Como será aprofundado mais adiante, a recepção que o tradutor faz de um texto é sujeita a condicionamentos culturais que a influenciam. Assim sendo, ainda que fosse apenas por este aspecto, não é capaz de levar o leitor até o *autor*, necessariamente levará o leitor até *o seu entendimento do autor*, pois a bagagem cultural, momento de vida, história pessoal são absolutamente únicos e influenciam a recepção que o tradutor fará do texto-fonte. Além destes aspectos pessoais do tradutor, também há as influências que a cultura de chegada (por exemplo através das normas de tradução) e o público-alvo exercem e que deixam suas marcas na tradução feita, ou seja, as traduções feitas refletem as características da cultura de chegada, no momento de sua realização. Estão, portanto,

¹⁷ Auf dieser zwiefachen Stufenleiter also erhebt sich der Uebersetzer immer mehr über den Dolmetscher, bis zu seinem eigenthümlichsten Gebiet, nämlich jenen geistigen Erzeugnissen der Kunst und Wissenschaft, in denen das freie eigenthümliche combinatorische Vermögen des Verfassers an der einen, der Geist der Sprache mit dem in ihr niedergelegten System der Anschauungen und Abschattung der Gemüthsstimmungen auf der anderen Seite alles sind, der Gegenstand auf keine Weise mehr herrscht, sondern von dem Gedanken und Gemüth beherrscht wird, ja oft erst durch die Rede geworden und nur mit ihr zugleich da ist (Schleiermacher 2010. p. 42; p. 44).

vinculadas à cultura de chegada, não à cultura-fonte. A essa característica, Oliveira (2016) chama de caráter de *Ouroboros*¹⁸ da tradução dita ‘escolástica’, que atende às necessidades e à perspectiva do (con)texto de chegada, mesmo quando se propõe a apresentar o pensamento ‘do autor’.

Uma vez definida a estratégia de tradução a ser adotada, surge a necessidade de tomadas de decisão em níveis mais baixos, de menor abrangência e de maior detalhamento. Para Tirkkonen-Condit (1993, p. 9), em entendimento com foco voltado para o texto-alvo, há duas posturas distintas possíveis diante delas. Uma considera que as escolhas tenham caráter dicotômico, com situações de certo-errado (visão tradicional, que toma a “fidelidade” ao texto-fonte como parâmetro exclusivo), enquanto a outra considera existir um contínuo de opções possíveis, condicionadas em sua aplicabilidade por restrições de caráter sociocultural apresentadas pela cultura-fonte e/ou cultura receptora (abordagem com foco privilegiado no texto-alvo).

8.2. *Skopostheorie* – Teoria do escopo

Destacando a importância do escopo, Windle e Pym (2011, p. 7) o definem conceitualmente como sendo “o objetivo ou propósito que uma tradução se propõe alcançar na situação de recepção”¹⁹. Ressaltando a centralidade da importância atribuída pela sua teoria de tradução (*Skopostheorie*), afirma Vermeer (1998, p. 45) “O escopo do traduzir e da tradução determinam a estratégia de tradução”²⁰. Mantendo a atenção posta no *scopus* e tomando este conceito como *Leitmotiv* de nosso raciocínio, cabe neste ponto, mencionar que ao final dos anos 1970 foi apresentada toda uma teoria da tradução que apresenta a ideia do *scopus* como fio condutor: a chamada *Skopostheorie* – teoria do escopo (VERMEER, 1978). No mesmo texto em que Vermeer (1978, pp. 99-100) apresenta esta nova teoria de tradução, ele também cunhou um novo termo, lançando um neologismo no alemão: *Translation* – “*translação*”²¹. Como *translação*, o autor agrupa

¹⁸ Conceito tradicionalmente representado por uma cobra ou dragão devorando a própria cauda.

¹⁹ The concept of Skopos, described as the aim or purpose that a translation is designed to carry out in the situation of reception.

²⁰ The skopos of translating and translation determines the translating strategy.

²¹ A introdução por Vermeer do neologismo “Translation” acabou efetivamente assimilada por teóricos (alemães) que se alinham com sua proposta teórica. Assim pareceram questionáveis, no âmbito deste trabalho, tanto a opção pela manutenção simplesmente de “Translation” quanto a substituição por “tradução”. Deste modo, optou-se pela adoção, em português, de *translação*, *translator*, etc. para tentar preservar aspectos com repercussões até de cunho terminológico. Decidiu-se usar fonte em itálico para assinalar distinção de outras denotações correntes, notadamente a de uso astronômico, referente ao movimento de corpos celestes. Em pontos em que as considerações de tradução sejam de caráter mais

“tradução”, lidando com textos fixados por escrita, ou outro recurso, e passíveis de retrabalho, e “interpretação”, que lida com textos não fixados, de retrabalho impossível. *Translação* é definida como sendo a transferência de um texto de uma língua A para uma língua Z²².

Em texto posterior, Vermeer conjuntamente com Katharina Reiß, detalhou e refinou a *Skopostheorie* (REISS, VERMEER, 1984). Neste texto os autores estruturam o conjunto abaixo reproduzido de regras hierarquicamente encadeadas, que norteiam esta teoria da tradução (REISS e VERMEER 1984, p. 119):

1) Uma *translação* é condicionada pelo escopo.

Por escopo entende-se, aqui, o propósito a que a *translação* se propõe, o fim ou o efeito que ela busca alcançar. O escopo de uma *translação* pode reproduzir aquele do texto-fonte, mas também pode divergir dele. Pode acontecer mesmo de haver propósitos específicos, e diferentes, para partes específicas do texto-fonte trabalhado. Uma condição necessária, porém, é que o escopo faça sentido e seja justificável no âmbito da cultura de chegada.

2) Uma *translação* é uma oferta [*Angebot*], no âmbito de uma cultura e língua de chegada, sobre uma oferta de informações [*Informationsangebot*] em uma cultura e língua de partida.

Uma *translação* envolve necessariamente, e antes de mais nada, recepção de texto. Inicialmente a recepção do texto-fonte feita pelo tradutor (designado pelo neologismo *translator*) e, em etapa posterior, a recepção do texto de chegada pelo receptor. Ora, qualquer recepção de texto necessariamente envolve a bagagem cultura do receptor envolvido, sendo condicionada por ela. Em *translação*, portanto, observa-se inescapavelmente um encadeamento de recepções, cada uma apresentando potenciais fontes de interferência e distorção, que aumenta cumulativamente, de modo proporcional ao número de agentes envolvidos no processo. Em consequência, o que uma *translação* oferece será sempre uma visão do texto-fonte, sendo, em maior ou menor medida, um recorte daquilo que é efetivamente apresentado no texto-fonte. O que a *translação* apresenta é um

amplo e não específicas da proposta de Vermeer e seus seguidores, a opção foi pelo uso de simplesmente “tradução”.

²² A título de profilaxia, note-se que o conceito de “transferência” da teoria do escopo não pressupõe a alegada “estabilidade dos significados” que está na base do discurso tradicional da tradução como “transporte”. Nesse sentido, a aparente proximidade dos termos é enganosa.

conjunto de informações sobre o texto-fonte que corresponde à leitura feita pelo tradutor do texto-fonte.

3) Uma *translação* reproduz uma oferta de informação [*Angebot*] de forma não-biunívoca.

“A característica que especifica a oferta [*Angebot*] de informações “*translação*” está presente na teoria geral [da *translação*] na forma de um hiperônimo, ele próprio uma *translação*. Chama-se “*transfer*”. (REISS; VERMEER 1984, p. 88)²³.

Transfer faz referência a qualquer passagem de um elemento, com potencial de significação, de um dado conjunto de signos para um outro elemento de um conjunto de signos diferente. Este processo não é afetado pela complexidade dos signos envolvidos, podendo ser uma palavra, uma sentença ou mesmo todo um texto e está sujeito a condicionamentos culturais. Pode se dar dentro do âmbito intralinguístico (ex. redigir uma ata de reunião), fora do âmbito linguístico (ex. pintar uma paisagem) ou envolvendo ambas as anteriores (ex. relatar uma ocorrência). Isto ocorre de forma compreensível, reproduzível e, “dentro de limites toleráveis de vagueza permanece reversível (mas não univocamente reversível)”²⁴ (REISS; VERMEER 1984, p. 89). O grau de reversibilidade é condicionado pelo escopo adotado para o trabalho, sendo que os autores identificam três tipos possíveis:

- *Transfer* não-reversível: por exemplo, paráfrases e intervenções do tradutor no texto,
- *Transfer* parcialmente reversível: também chamado de “tradução livre”,
- *Transfer* imitatório: aquele que ocorre sob a égide do escopo, a *translação* propriamente dita, no entendimento dos autores

4) Uma *translação* precisa ser internamente coerente.

O texto de chegada proposto deve permitir que o receptor, dentro do contexto da cultura de chegada, o interprete. Estranhamentos maiores só devem estar presentes na medida em que integrem o escopo adotado para o trabalho.

²³ Das spezifizierende Merkmal für das Informationsangebot, ‘Translation’ ist zunächst für eine allgemeine Theorie im Oberbegriff als Translation enthalten. Dieser heißt, Transfer’ (Reiss e Vermeer 1984, p. 88).

²⁴ Na fonte: “(innerhalb tolerierter Vagheitsgrenzen) umkehrbar bleibt (nicht: eindeutig umkehrbar ist)”.

5) A *translação* precisa ser coerente [i.e. condizente] com o texto-fonte.

Mantendo respeito pelos parâmetros estabelecidos pelo escopo adotado para o trabalho, o texto de chegada precisa se manter coerente com certos aspectos do texto-fonte:

- o conteúdo colhido do texto-fonte, i.e. fruto de ação intencional do autor em sua elaboração;
- a interpretação do texto-fonte feita pelo *translator* por ocasião de sua recepção do texto-fonte;
- o conteúdo acrescentado ou modificado por intervenção do *translator*, na condição de coautor do texto de chegada²⁵.

Ou seja, uma *translação* bem-sucedida deve permitir que na recepção ocorra interpretação coerente e sem maiores dificuldades.

6) As regras aqui apresentadas estão em ordem hierárquica de encadeamento.

Assim como as demais ações humanas, a tradução, tomada como caso específico do “ato de fala”, é vinculada à situação em que ocorre e com ela interage: é condicionada por ela e simultaneamente a altera. Existe, portanto uma relação importante da fala (e da tradução) com o contexto de sua realização.

Tendo em vista que o próprio conceito de escopo procede da hermenêutica, recorremos explicitamente à visão de Gadamer (2010, p. 238) de que numa tradução ocorre uma situação extrema do processo hermenêutico: ele é duplicado. Como primeiro passo ocorre a recepção por parte do tradutor, a seguir acontece a recepção por parte do receptor final, na língua de chegada. Ainda segundo o autor, todo entendimento decorre de uma interpretação e se dá no âmbito da língua. Já o Romantismo alemão ensinava que uma (boa) recepção pressupõe compreensão e interpretação do texto, o que acaba tornando todo tradutor um intérprete, cujos pensamentos influem diretamente no trabalho de “resgate” do sentido do texto-fonte, isto é, de atribuição de sentidos, da qual se compõem o próprio processo interpretativo. Ou seja, toda tradução é uma interpretação, pode-se mesmo encará-la como sendo a sua forma mais completa, pelo tradutor. Como

²⁵ Do ponto de vista epistêmico, e conforme a breve síntese hermenêutica apresentada acima, os três tópicos arrolados neste ponto (4) são variações do mesmo tema, na medida em que não há como separar assepticamente o que está contido no texto, é a interpretação do tradutor ou sua interferência no texto. A esse respeito, vide conceito de aplicação de H-G. Gadamer (1993 [1968]: 108-110).

em qualquer interpretação, uma tradução implica que o tradutor dá destaque a alguns aspectos em detrimento de outros – o que se verifica no próprio nível da percepção, podendo ocorrer fora do próprio plano das escolhas. Gadamer conclui que qualquer tradução séria será mais rasa e mais explícita que o texto-fonte (*ibid*, p. 236; p. 240; p. 244; p. 246). A tradução, pondera o autor, configura uma reprodução do texto-fonte guiada pela compreensão do tradutor, e não uma retomada do estado de espírito do autor do texto-fonte, por mais que o tradutor tenha se buscado se aproximar do autor (p. 240).

A interação de pessoas com o seu entorno ocorre através da percepção de mundo, que apresenta laços de condicionamento com a cultura do grupo ao qual o falante pertence. O condicionamento cultural também se manifesta, de modo comparável, nos signos linguísticos. Ou seja, existe influência cultural sobre a percepção de mundo e sobre os signos linguísticos. Assim, o autor de um texto, ainda que de modo inconsciente, experimenta o efeito deste conjunto de influências e restrições ao produzir o seu texto e parte, ainda que de forma não intencional, da premissa de que o receptor de seu texto compartilhe o conhecimento destas circunstâncias. Por esta razão, assim como o texto-fonte, uma tradução precisa ser considerada e tratada como “texto no seu contexto”.

Textos precisam, antes de mais nada, cumprir uma função comunicativa, e neste papel estão sujeitos a condicionamentos impostos por fatores como as conjunturas histórica e cultural do momento de sua elaboração, defende Christiane Nord (2016, p. 45). Estas circunstâncias influenciam aspectos como o uso da língua, conhecimento e visão de mundo do autor, entre outros (p. 43). Por este raciocínio, as comunicações estão sempre inseridas em, e condicionadas por, uma conjuntura e um ambiente dentro do qual ocorrem, definidos, entre outros, pelo ambiente cultural, o momento histórico e o local em que ocorrem (*ibid*, p. 43; NORD 2000, p. 18).

É importante lembrar, que de modo algum se pode negligenciar a distinção, apesar da íntima vinculação existente, de língua/linguagem e cultura, tomando uma pela outra. A linguagem empregada em textos é reflexo da cultura da qual é produto, exibindo, assim, marcas dos condicionamentos e das limitações que esta impõe (NORD 2000, p. 18). Isto é facilmente evidenciado através das diferenças culturais verificadas mesmo entre grupos de falantes de uma mesma língua, por exemplo, britânicos e norte-americanos, alemães e austríacos, portugueses e brasileiros (NORD 2000, pp. 5-6). Embora muitos defendam que estas situações representem variações de uma mesma língua, há diferenças identificáveis, em especial no plano da semântica. Toda pessoa recebe influências do ambiente (cultural) em que está inserida e, deste modo, os mesmos tipos de diferença

observáveis entre línguas muito distintas entre si também podem ser observados, ainda que em escala menor e mais limitada, no encontro entre formas variantes de uma mesma língua (KAPUŚCIŃSKA 2011, p. 215).

Em situação de contato entre duas línguas ou culturas, pode acontecer de não haver entre os comunicantes suficientes pontos em comum para permitir comunicação efetiva. Haverá, então, necessidade de tradução para permitir a criação das pontes necessárias (NORD 2016, p. 43). A ocorrência destas dificuldades decorre de diferenças culturais (NORD 2005, p. 869) que constituem uma chamada “barreira cultural”, potencialmente geradora de conflitos na comunicação e de incompreensão, já que a compreensão depende, entre outros aspectos, dos conhecimentos prévios e das expectativas, especialmente, do receptor (NORD 2002, p. 36). A autora sugere ainda que essa “barreira cultural” possa ser entendida como sendo composta de diversos “*rich points*” – “pontos de interesse”, abrangendo desde aspectos mais concretos e pontuais, como léxico e atos de fala, até pontos bastante abstratos e difusos, como valores e visões de mundo. Caberia então ao tradutor estar consciente desses “*rich points*” ao tomar decisões de tradução que podem ser, por exemplo, a manutenção do distanciamento cultural ou tornar a alteridade acessível (NORD 2005, p. 870).

Raciocínio análogo ao exposto acima pode ser desenvolvido com relação a textos antigos, uma vez que a simples passagem do tempo e as mudanças linguísticas e culturais associadas podem tornar inviável reconstruir a situação original de comunicação. De forma tão mais acentuada, quanto maior for a distância temporal entre a elaboração e a recepção.

8.3. Tradução funcionalista

Bühler (1934) e Jakobson (1960) estudaram as funções textuais que um dado texto pode desempenhar e constataram haver um número limitado de possibilidades. Retomando estas ideias, Nord (1994, p. 1) advoga que numa tradução deveria ser mantida, no texto de chegada, a função textual desempenhada pelo texto-fonte. A autora atribui ao tradutor o encargo de fazer esta transição atendendo a eventuais diferenças de convenção que possam existir. Adicionalmente, a autora considera necessário levar-se em conta também a passagem do tempo e os reflexos que ela pode apresentar sobre o entendimento da situação de comunicação. Um bom exemplo de alteração de função comunicativa seria o caso do romance *Gulliver's Travels*, de 1726, escrito por Jonathan Swift (1667-1745).

Originalmente um texto de sátira e crítica social, perdeu totalmente a capacidade para esta função comunicativa específica por causa das alterações sociais e econômicas verificadas na Grã-Bretanha desde a sua publicação. Encontrou novo posicionamento no âmbito de outra função comunicativa: tornou-se literatura infanto-juvenil. Pré-condição para permitir este reposicionamento foi uma alteração de escopo de texto, o propósito que se propunha alcançar. Este surgimento de um novo escopo, diferente do original, já estava abrangido como possibilidade pelas regras propostas por Reiss e Vermeer (1984). O exemplo de *Gulliver* ilustra bem os efeitos que a passagem do tempo pode desencadear, dentre outras consequências, alteração do escopo de um texto, por ocasião de uma reedição ou (re)tradução. Para Nord (2006, p. 33), uma tradução sempre precisa levar em conta o conjunto específico de circunstâncias culturais envolvidas e estas precisam ser consideradas na execução do trabalho. Traduzir significa fazer mediação responsável entre duas culturas, entre duas situações de comunicação, entre o autor do texto-fonte e os receptores do texto de chegada.

Um ato de fala, segundo Vermeer (1984, p. 95) visa alcançar um propósito e assim alterar uma situação existente. Como esta alteração depende da interação das partes envolvidas, é necessário que o ato de fala reflita as particularidades de cada caso. O ato de fala se amolda ao perfil de cada público-alvo. Ao texto é atribuída uma função a ser realizada e para tanto o texto é amoldado ao perfil do público-alvo de modo que cada público-alvo receba os estímulos necessários para esta função ser cumprida.

Argumenta Nord (2000, p. 2) que numa tradução, assim como faz o autor do texto-fonte, o tradutor também se dirige a uma plateia específica e o faz com um propósito específico. O perfil das particularidades envolvidas na tradução de um texto sofre influência não apenas da identidade das culturas em contato, mas também há interferência, até forte, de qual público particular a tradução se propõe a alcançar, seu público-alvo específico. Este perfil do público-alvo pode implicar a existência de novos fatores condicionantes. Pode haver, por exemplo, condicionamento culturalmente marcado relativo a aspectos estruturais da tradução, tais como a sequência de apresentação das informações e eventual necessidade de comentários no texto. Igualmente, o tradutor precisa levar em conta expectativas eventualmente preexistentes que digam respeito a padrões formais e estilísticos – ainda que seja para conscientemente evitá-los ou mesmo afrontá-los (*ibid.*, p. 5). A consciência da identidade, das necessidades e expectativas desse público-alvo escolhido, diz Nord (2005b, p. 17), permite ao tradutor ter maior clareza nas suas decisões de tradução.

Segundo Leal (2016, p. 2), a abordagem funcionalista considera uma tradução como sendo uma manifestação de comunicação entre culturas distintas, estando o texto-fonte em uma e o texto de chegada em outra. Nord (2000, pp. 5-6) considera que as funções comunicativas envolvidas na tradução devem ser avaliadas para cada caso, levando em conta o ambiente cultural de recepção, para permitir a inserção adequada da tradução dentro da estrutura literária da cultura de chegada. Em alinhamento com esta visão funcionalista, Siever (2012, p. 167) observa que o ato de tradução transcende o fenômeno linguístico, alcançando a dimensão de ato comunicativo, e ao tradutor passa a ser dada certa autonomia em relação ao autor do texto de partida. Esta autonomia seria inviável dentro de uma abordagem voltada prioritariamente para o texto de partida, em que este fosse tomado como parâmetro de referência para avaliar a qualidade de uma tradução e que considerasse “fidelidade” (o que quer que se entenda por este conceito) ao texto-fonte como pré-requisito. Esta nova autonomia do tradutor é possibilitada justamente pelo abandono da dicotomia certo-errado nas decisões tradutórias, já mencionada acima, aventada por Tirkonnen-Condit (1993), substituída por um contínuo de possibilidades com maior ou menor grau de conformidade com vários critérios, dentre eles o escopo adotado na tradução, de onde advém a sua legitimidade²⁶.

8.4. Um cheque em branco ao tradutor?

Pelo já exposto e considerando que a definição do escopo da tradução e do público-alvo cabem (ao menos em parte) ao tradutor e que são dele as decisões de tradução, Nord (2002, p. 35) pondera que poderia até transparecer ser o tradutor detentor de liberdade total na execução da tradução. Segue a autora, dizendo que, levada ao extremo, a ideia proposta de que qualquer procedimento de tradução poderia ser justificado por um escopo condizente, poder-se-ia delinear um cenário em que não haveria quaisquer restrições às intervenções e manipulações do texto, uma situação de “os fins justificam os meios”. Porém, não é isso que se verifica; efetivamente há limites à atuação do tradutor.

²⁶ Note-se que as abordagens tradicionais que defendem “fidelidade” ao texto-fonte e adotam rigidamente a dicotomia certo-errado, negam autonomia aos tradutores, gerando assim demanda teórica. Não evitam, porém, que estes, mesmo que sem se proporem a isso, acabem adotando, na prática, uma certa autonomia. Admitir o contrário implicaria que postura “fiel” gere a “fidelidade” tradicional, enquanto aceitar autonomia do tradutor seria dar-lhes carta branca para “infidelidade”.

Primeiramente, o tradutor está confinado dentro dos próprios limites do escopo definido. Além disso, segundo Leal (2016, p. 3), há fatores extratextuais (analisáveis antes da leitura) e intratextuais (referentes a características do texto) que precisam ser considerados e que podem impor limitações ao tradutor. Enquanto os fatores extratextuais se referem às circunstâncias de elaboração e uso do texto-fonte (autor, público-alvo visado, meio de comunicação usado, momento e local de elaboração), os fatores intratextuais abrangem aspectos como léxico, estrutura frasal, estilo e tema.

Em segundo lugar, conforme Nord (2002), uma tradução está sempre inserida num contexto específico de contato intercultural envolvendo duas culturas específicas. Pode haver em cada uma delas concepções específicas e culturalmente marcadas, às vezes mesmo conflitantes, acerca de pontos referentes ao trabalho tradutório. Cabe ao tradutor fazer a mediação responsável entre os dois lados, visando identificar e prevenir conflitos na comunicação (NORD 2002, p. 36). Como, em última instância, é o leitor que decide se uma certa tradução serve a seus propósitos e, portanto, é satisfatória ou não, o perfil do público-alvo deve servir como critério central a orientar decisões de tradução, estilísticas ou linguísticas. De acordo com esta abordagem, o resultado deve ser sob medida para as necessidades e expectativas específicas de cada público-alvo (NORD 2000, p. 1). Assim, fica claro que o êxito concreto da tradução escapa ao controle do tradutor, encontrando-se, efetivamente, em poder do receptor.

A influência do perfil do público-alvo se faz sentir na seleção de quais informações, e em que quantidade, são apresentadas. Para um texto ter boa aceitação e poder cumprir a sua função comunicativa, é necessário que apresente equilíbrio entre informações já conhecidas pelo receptor e informações novas. Informações conhecidas são aquelas que o tradutor sabe, ou supõe serem, de domínio do receptor; informações novas são aquelas com que o receptor ainda não conta. Excesso de um ou outro tipo tornará a tradução obscura ou desinteressante, respectivamente (NORD 2002, pp. 33-35). O nível de conhecimento prévio que o tradutor avalia estar disponível ao público-alvo influenciará diretamente este balanceamento (NORD 2000, pp. 2-3).

Na visão de Nord (2000, pp. 6-7), uma terceira limitação se apresenta. Quando um texto passa da sua língua e cultura de origem para a língua e cultura de chegada, ele se insere no repertório de textos desta cultura, que apresentam um determinado perfil de características e que muitas vezes também exibem intertextualidade. Estas características são reconhecidas intuitivamente no âmbito da cultura de chegada. A extensão em que o texto da tradução se conforma a estas características, das quais o falante nativo nem

sempre tem consciência, vai se refletir no grau em que um texto é considerado “aceitável” (*acceptable*), em se tratando de textos avulsos, ou “funcional” (*functional*), em se tratando de categoria de textos. Este parâmetro poderia ser entendido como uma medida do grau de inserção da tradução no ambiente de chegada, do quanto o texto traduzido assimilou características da cultura de chegada. Definir em que medida o texto se amolda à cultura de chegada é atribuição do tradutor, respeitando o escopo especificado para o trabalho. Novamente, percebem-se ecos do dilema descrito por Schleiermacher e já referido anteriormente: levar o autor ao leitor ou vice-versa?

Para Reiss e Vermeer (1984, p. 133), se, em função, por exemplo, do escopo definido, o texto traduzido tiver recebido uma função diferente daquela identificada para o texto-fonte, estabelece-se entre o receptor da tradução e o texto traduzido uma relação distinta daquela entre o texto-fonte e seu receptor. Nesta situação, o parâmetro importante passa a ser a “adequação” (*Adäquatheit*), entendida como a medida em que a seleção dos signos linguísticos da língua de chegada é condizente com a leitura específica dada pelo tradutor ao texto-fonte, sempre tendo o escopo definido como pano de fundo. Siever (2012, p. 168) sintetiza o assunto de forma ligeiramente diferente, entendendo *Adäquatheit* como a relação entre a realização linguística e o propósito de comunicação proposto. A ideia de fundo por trás desta visão é o entendimento de que o sentido de um texto se estabelece apenas quando da recepção, vinculado à forma que ela se verificar (p. 165).

Na *Skopostheorie*, segundo Nord (1997, p. 37), *Adäquatheit* é o conceito mais genérico, do qual a “equivalência” (ressalvada toda a polêmica envolvendo o termo) seria um caso particular. Considera que a “equivalência” pressupõe atendimento, pelo texto traduzido, de um escopo que preveja manutenção da função do texto-fonte. Ou seja, a “equivalência” é considerada como sendo a “equivalência funcional” no nível textual (REISS; VERMEER 1984, p. 166). Nord (1991, p. 27) ainda esclarece que a chamada “equivalência funcional” é exceção, não regra, podendo ser verificada na situação peculiar em que o aspecto mudança de função textual seja nulo.

Nord (2000, p. 1; 2006, pp. 32-33) pondera também que no modelo funcionalista, apesar da resistência de muitos teóricos da tradução, que ainda defendem a exclusividade do “texto-fonte” como parâmetro para avaliar a qualidade de uma tradução, é o atendimento ao escopo proposto (*Adäquatheit*) que serve de parâmetro para avaliar a qualidade de uma tradução.

Em caráter profilático e para prevenir confusões, cabe chamar atenção para o risco de se trocar termos semelhantes entre si, embora pertençam a teorias diferentes e sejam dotados de significados distintos. Tomemos, por exemplo, *Adäquatheit*, termo da *Skopostheorie*. Poderia eventualmente vir a ser confundido com *adequacy*, termo apresentado por Even-Zohar e retomado por Toury (2012, pp. 69-70). Nesse outro contexto teórico, o termo está associado com a ideia da existência de um *continuum*, tendo em um extremo *adequacy* (“adequação”, voltada ao texto-fonte e o contexto de partida) e no outro extremo *acceptability* (“aceitabilidade”, adesão às normas vigentes no contexto de chegada). Ou seja, na *Skopostheorie*, *Adequätheit* diz respeito à língua e cultura de chegada, tendo em vista um determinado escopo, ao passo que a *adequacy* proposta por Even-Zohar e Toury se aproxima mais da “equivalência dinâmica”, de Nida – sem com ela se confundir. *Mutatis mutandis*, *Adäquatheit* se assemelharia antes à *acceptability*²⁷.

Como decorrência do entendimento de que uma tradução é uma oferta de informações, no âmbito da cultura e língua de chegada, sobre uma oferta de informações na cultura e língua de partida, Siever (2012, p. 168) considera que deixa de existir a figura da tradução “única”, já que é o tradutor que escolhe aquilo que julga importante e que inclui em seu texto final. A explicação para tal é que o tradutor toma como ponto de partida do seu trabalho de tradução a interpretação que ele próprio fez quando da sua recepção do texto-fonte. Parte-se da recepção feita pelo tradutor, na condição inicial de leitor do texto-fonte, dentro de um dado contexto de recepção. Assim, a tradução funcionalista põe de lado a tradicional pressão exercida sobre o tradutor cobrando “fidelidade” – o que quer que se entenda por isso – ao texto original. Admite-se a inevitabilidade da existência da interpretação e das repercussões decorrentes.

Cabe salientar que, dado um escopo de tradução, o tradutor precisa encontrar um balanço entre a atenção dedicada ao texto-fonte e ao contexto de saída (*adequacy*, conforme Toury), por um lado, e a adesão às normas vigentes no contexto de chegada (*acceptability*, conforme Toury), por outro, para conseguir alcançar comunicação eficiente com seu público-alvo, cumprindo o escopo (*Adäquatheit*, da *Skopostheorie*). É tendo em vista este objetivo e essa demanda de equilíbrio, que se faz presente a necessidade de satisfatório balanceamento de informação “nova” e “conhecida”, mencionado acima. Como, segundo Toury (2012, p. 70), as duas línguas/culturas colocadas em contato por ocasião de uma tradução podem ter qualquer grau de

²⁷ Para evitar confusões desta natureza, usaremos os termos na forma proposta pelos autores, i.e., *Adäquatheit* e *adequacy*, quando necessário.

distanciamento, exceto a identidade, nunca haverá nem completa *adequacy*, nem completa *acceptability*. Necessariamente o resultado da tradução apresentará uma composição, um meio-termo, das duas coisas. Esse resultado, que corresponde ao que a tradução funcionalista entende como *Adäquatheit* (relativa ao escopo da tradução), será obtido através do trabalho e juízo do tradutor, que decidirá *ad hoc* a solução pertinente a cada caso.

Mesmo em situações comunicativas em que não seriam de se esperar problemas por envolverem falantes nativos fazendo leituras na língua materna, portanto, dentro de um único ambiente cultural, já é possível observar discrepâncias, até mesmo grandes, no entendimento dos leitores de um mesmo texto. Em situação de contato intercultural, com a inevitável presença de diferenças culturais, só faz aumentar o risco de falha na comunicação e acentuam-se ainda mais as responsabilidades do tradutor, uma vez que, habitualmente, nem o autor nem o receptor da comunicação apresentam condições de efetivamente fazer uma avaliação da qualidade da tradução feita (NORD 1991, p. 94; 2005, p. 16).

Dentre os aspectos que potencialmente dificultam a correta recepção, e portanto apresentam pontos de atenção para o tradutor, Nord (2002, p. 32) cita pontos como diferenças no estágio de desenvolvimento entre língua-fonte e língua-alvo (p. ex. plano lexical e terminológico), diferenças relevantes nos perfis de conhecimento e experiência do público-alvo do texto-fonte e o público-alvo da tradução, distância intercultural muito grande. De acordo com a autora, o tradutor seria, em princípio, a única parte conhecedora das duas culturas (de partida /de chegada) envolvidas e com a possibilidade de identificar os *rich points* da barreira cultural (NORD 2006, p. 35) e encontra-se, deste modo, em uma posição de poder diante do autor e do receptor. Em sendo assim, caberia a ele avaliar da melhor forma possível o perfil de seu público-alvo, antecipando e prevenindo potenciais problemas, inclusive os relacionados com marcações culturais (NORD 2002, pp. 33-35). Desta forma, também caberia a ele assumir um conjunto de responsabilidades perante os dois polos da comunicação e perante si próprio (NORD 2006, p. 33).

Permanecendo alinhados com o pensamento funcionalista, observaremos a ideia de que, em um processo tradutório, tanto o receptor quanto o emissor do texto esperam um produto que permita a ação comunicativa, apesar das barreiras culturais e de idioma. Os potenciais receptores esperam que o texto traduzido cumpra de modo adequado uma função definida ao início do processo. Adicionalmente, esperam existir algum grau de vinculações reconhecíveis entre o texto-fonte e o texto de chegada e o escopo selecionado

para o trabalho. Esta seleção de escopo pode implicar que alguns elementos textuais precisem ser mantidos, enquanto outros podem ser alterados.

A abordagem funcionalista permite ao tradutor bastante liberdade de ação. Ele pode optar por manter, ou não, similaridades linguísticas ou estilísticas, pode fazer intervenções, mesmo de vulto, a fim de privilegiar a facilidade na recepção. Uma vez que os polos da comunicação, autor do texto-fonte de um lado e receptores de outro, geralmente não estão em condições de verificar pessoalmente em que medida suas expectativas são atendidas, precisam confiar no tradutor e em que ele desempenhe satisfatoriamente suas funções. O tradutor passa a ocupar posição de destaque e deter poder significativo no processo tradutório, porém, conforme explanado, existem limites a não serem ultrapassados. A forma que o tradutor efetivamente se porta representa uma discussão à parte, bastante ampla, e que apresenta implicações variadas e intersecções com áreas como, por exemplo, a ética. Contudo, por mais relevante que seja, ultrapassa a proposta deste trabalho.

Parte III - Comentários sobre a tradução

9. Das decisões tradutórias na tradução de *Von den ersten drei Essentiis*

9.1. Introdução

Este trabalho teve sua origem em uma curiosidade dormente relacionada à minha primeira graduação, em Química: os alquimistas e o universo da Idade Média tardia. Ela foi reacendida durante uma conversa informal com um editor, que comentou ter interesse em publicar textos de Paracelso e se queixando de não haver disponibilidade de traduções de textos do autor, ainda que indiretas.

Conforme já descrito (ver 7.), a confrontação das três versões do texto-fonte adotadas, permitiu observar-se que, no fundo, cada uma delas se dirige a público com perfil próprio e se propõe a atender propósito, i.e., escopo, distinto. Foram descritas (ver 8.) as implicações de cunho teórico que esta constatação acarreta e como estabelecem vínculo com a *Skopostheorie* (Teoria do Escopo), e conduzem de modo fluido à sua adoção como linha de trabalho.

Para a execução da tradução para o português optou-se por trabalhar de modo mais extensivo com as versões Huser e Peuckert, respectivamente a mais antiga e a mais recente dentre as consideradas. A versão da chamada “edição Sudhoff”, intermediária cronologicamente, foi usada esporadicamente, em especial para dirimir dúvidas localizadas. A proposta, isto é, o escopo, da tradução no âmbito desta dissertação compartilha diversos aspectos com aquela presente na coletânea de Peuckert. Nela é observável que se buscou facilitar ao leitor alemão moderno o acesso e o entendimento do texto, sem, contudo, cair em didatismo ou facilitação exagerada; o texto de chegada proposto segue apresentando desafios ao leitor. À proposta tradutória de Peuckert, essencialmente intralingual, conforme tratado anteriormente, este trabalho acrescentará o aspecto da passagem para outro idioma, a tradução interlingual para o português. Assim sendo, apresentaram-se diferentes situações que demandaram tomadas de decisão por parte do tradutor. A seguir, encontra-se a explicitação e breve discussão de alguns destes pontos.

9.2. Devem ser assinaladas as intervenções do tradutor?

Ainda antes de se iniciar a tradução propriamente dita, colocou-se a questão da sinalização das intervenções do tradutor. Sentiu-se necessidade de serem definidas

diretrizes para definir se, e como, intervenções do tradutor seriam identificadas. Em certas circunstâncias, o tradutor pode considerar indicado estabelecer comunicação mais direta com o leitor. Isto pode se dar, por exemplo, em situações em que o tradutor opte por deixar explicitado ao leitor alguma intervenção efetuada no texto. Estas intervenções foram classificadas nas três categorias abaixo:

9.2.1. *Intervenções referentes a aspectos sintáticos*

Entre outras razões possíveis, pode acontecer que, para atender ao escopo de seu trabalho, o tradutor julgue necessário explicitar alguma informação que no texto-fonte seja de fácil dedução ou inferência, mas que, sem algum tipo de explicitação por parte do tradutor, poderia ficar obscurecida ou mesmo acabar sendo totalmente perdida no texto de chegada. Isto pode ocorrer em consequência de situações incontornáveis vinculadas à passagem de um idioma para outro como, por exemplo, imperativos sintáticos da língua de chegada que exijam alteração do arranjo dos elementos da sentença. Um rearranjo deste tipo pode causar rompimento de vínculos de sentido dados pela proximidade dos elementos das sentenças que compõem o texto de partida, demandando a (re)explicitação de algum elemento sintático. O escopo, o público-alvo, o estilo e escolhas do tradutor, além da busca da compreensibilidade também podem fazer com que o tradutor considere necessária ou justificável uma intervenção deste tipo.

Neste trabalho denominamos de “sintáticas” as intervenções que visam auxiliar o leitor na compreensão do texto como um todo e, para indicar ao leitor onde elas ocorreram, faremos uso de sinalização através do uso de chaves, conforme ilustrado abaixo:

O segundo é o do <i>sulphur</i> e reina sobre aquilo das outras duas [<i>essentiæ</i>] que se torna excessivo, ou que se deteriora. (WAGNER 2018 [neste trabalho]).	Die andere ist des Sulphurs und herrschet über das, was aus den ändern zweien zu viel wird, oder zerbricht. (PEUCKERT 2010, p. 322)
---	---

Fig. 8: cotejo de trecho da tradução com texto em alemão

9.2.2. *Intervenções referentes a aspectos lexicais*

Pelo seu escopo, a tradução apresentada neste trabalho se propõe a confrontar o leitor com algum grau de estranhamento e dificuldade de leitura, inclusive no plano lexical. Por outro lado, essa dificuldade deve ser dosada, sob pena de chegar até mesmo

a interferir na compreensão global do texto. Para modular esta dificuldade, o tradutor pode julgar apropriado apresentar no corpo do texto algum apoio lexical, na forma, por exemplo, de tradução localizada e específica de uma palavra ou passagem para auxiliar o leitor no nível da compreensão do léxico. Vejamos um exemplo concreto:

Fig. 9: Trecho da edição Huser

Em sua versão do tratado, Peuckert faz suas intervenções lexicais através da inserção de tradução ou paráfrase explicativa diretamente no texto, de duas formas: entre vírgulas ou iniciando a inserção com “oder” (“ou” em alemão).

Der Sulphur lindert membra interiora, die inneren Glieder, scilicet cor, das ist Herz, hepar, die Leber, cerebrum, renes, das sind die Nieren etc., und deren Krankheiten sollen sulphurisch geheißen werden, denn in ihnen liegt substantia sulphurea. (PEUCKERT 2010, p. 326)

Fig. 10: o mesmo trecho na edição Peuckert [as intervenções lexicais estão sublinhadas]

A adoção deste procedimento apresenta como consequência que o leitor pode se ver incapaz de distinguir a autoria de cada segmento de texto específico, ou seja, ele não identifica exatamente qual a autoria de cada excerto, se é de autoria de Paracelso ou de Peuckert. Isso foi considerado incompatível com o escopo deste trabalho e, para evitá-lo, buscou-se outra solução. Como primeira ideia, inicialmente cogitou-se usar novamente chaves. Contudo, dado que tanto as intervenções sintáticas quanto as lexicais ocorrem no corpo do texto, sentiu-se necessidade de, para fins de clareza, oferecer ao leitor a possibilidade de diferenciar um tipo de intervenção do outro. Na observação do texto-fonte nota-se que Paracelso recorreu apenas algumas poucas vezes a parênteses, e quando o fez, o texto inserido era sempre em latim. Posto que as intervenções do tradutor são feitas em português, considerou-se aceitável fazer uso de parênteses para apresentar as intervenções de ordem lexical, apesar da possibilidade de distorcer (em extensão limitada) a compreensão do leitor. A Fig. 11 ilustra a solução adotada:

O *sulphur* alivia *membra interiora*, scilicet cor (nomeadamente coração), *hepar* (fígado), *cerebrum*, *renes* (rins), &c., e suas doenças devem ser chamadas sulfurinas, pois nelas há *substantia sulphurea*. (WAGNER 2019, neste trabalho)

Fig. 11: o mesmo trecho, neste trabalho [as intervenções lexicais estão sublinhadas]

9.2.3. *Intervenções relativas ao contexto da obra*

Existe ainda um terceiro nível de intervenção do tradutor. Os tipos de intervenção citados em 9.2.1 e 9.2.2 compartilham a característica de estarem voltadas “para dentro”, ou seja, se ocupam do texto em si e sua compreensão como entidade fechada. Visam auxiliar o leitor da tradução na compreensão mais detalhada do próprio texto, na esfera da semântica, ou ajudar o leitor a lidar com o texto no nível sintático, das sentenças e como elas estão estruturadas.

Neste trabalho, tem-se ainda um terceiro tipo de intervenção. Ao contrário das anteriores, estas são voltadas “para fora”. Não se voltam ao entendimento do texto em si, e sim ao entendimento do texto dentro do contexto (histórico, cultural, etc.) em que está inserido, facilitando, desta forma, situá-lo e ambientá-lo. Têm por objetivo agregar informações com visando fornecer ao leitor informações adicionais, referentes a pontos externos ao texto em si, para permitir entendimento mais amplo e abrangente. Neste trabalho, serão apresentadas na forma de nota de rodapé.

9.3. Paracelso já vislumbrava terminologia como a concebemos modernamente?

Quando Paracelso escreveu seu tratado, claramente tinha dentre seus objetivos apresentar ao mundo médico de sua época as suas ideias inovadoras com respeito à teoria das doenças. Buscava comunicar-se com uma comunidade de especialistas e para tal, embora escrevesse em vernáculo, recorreu à chamada língua de especialidade própria daquela comunidade. Mais do que isso, no tratado em discussão, há passagens em que Paracelso explicitamente aponta ser preferível o uso da linguagem de especialidade à convencional e aponta razões para tal. Observemos a seguinte passagem (**Fig. 12**):

Fig. 12: Trecho da edição Huser

Na versão de Peuckert, esta mesma passagem se apresenta da seguinte forma:

Und ich sage so: er solle nit sprechen: das ist icteritia, oder Gelbsucht, das ist unmeisterlich, denn die Kunst weiß ein jeder Bauernknecht. Aber du sollst so sprechen: das ist morbus leseoli, und das darum: hierin einbegreifst du curam, proprietatem, nomen, qualitatem dispositionem und artem und scientiam tuam in einem Namen. (PEUCKERT 2010, p. 328)

Fig. 13: O mesmo trecho, na versão Peuckert

E, na tradução para este trabalho, temos:

E eu digo assim: ele não deve falar “Isto é *icteritia*” isto é falta de maestria, pois este tanto qualquer serviçal de roça sabe. Mas você deve falar deste modo: “Isto é *morbus leseoli*”. E é por esta razão: assim você engloba *curam*, *proprietatem*, *nomen*, *qualitatem dispositionem* e *artem* e *scientiam tuam* em uma [única] designação. Pois *leseolum* debela *icteritia* e nada que não somente o *morbum*. (WAGNER 2019, neste trabalho)

Fig. 14: O mesmo trecho, na versão Wagner

Observa-se facilmente que Paracelso defende haver uma carga de significados muito mais extensa e específica possibilitada pelo uso de terminologia em comparação com o uso das palavras do vocabulário geral. Significativa, e ilustrativa do gosto de Paracelso pela polêmica, é a referência a “Bauernknecht” (serviçal de roça). Por este paralelo, Paracelso estabelece claro vínculo entre médicos que não usem a língua de especialidade e um “Bauernknecht”, uma comparação bastante ofensiva, especialmente tendo-se em vista, que já naquela época, os médicos eram muitíssimo ciosos de sua posição social. Essa grande importância atribuída por Paracelso ao uso de linguagem específica (terminologia) torna importante reproduzir no texto de chegada certas distinções presentes no texto-fonte. Um excelente exemplo disto é dado pelo conjunto “*Sulphur*”, “*mercurio*” e “*sal*”. Ocupam posição central na nova concepção que Paracelso estava propondo para a teoria das doenças e são usados com denotação muito específica. São usados como verdadeiros termos, no sentido moderno. Assim, a palavra “sulphur”, por exemplo, remete a conceitos diferentes, conforme seja considerado dentro ou fora da nova proposta apresentada e sua terminologia associada. Pode se referir a uma das “essências” que Paracelso postulava (situação em que, no âmbito deste trabalho, seria grafado “*sulphur*”), ou pode ser referir a “enxofre”, a substância química (situação em que, no âmbito deste trabalho, seria grafado sem itálico nem negrito).

Embora Paracelso defendesse o uso de terminologia, não parece adequado atribuir-lhe consciência plena das implicações e da importância do rigor associado ao uso

consistente de terminologia, especialmente sob a ótica da Terminologia moderna. Indicativo neste sentido é o fato de ser observável, no mesmo texto em que advoga o uso de terminologia, ele próprio faz uso concomitante de “sal” (palavra latina, usada terminologicamente) e “Salz” (“sal” no vernáculo alemão).

O texto da edição Huser segue o padrão da época de usar *Frakturschrift* para textos em alemão e *Antiqua* para textos em língua estrangeira (no caso, latim) e esta característica poderia servir para identificar as palavras usadas terminologicamente, de modo geral, emprestadas do latim. Contudo, “sal” / “Salz” destoam deste quadro geral. É a única palavra a se apresentar tanto em alemão quanto no latim (**Fig. 14**). Com isso não é possível depreender qual a intenção de uso - terminológico ou não - em cada ocorrência.

Fig. 15: Trecho da edição Huser [destacados os usos de “sal” / “Salz”]

Curiosamente, nas duas versões mais recentes consideradas neste trabalho (edições Sudhoff e Peuckert), esta distinção tipográfica acabou neutralizada, conforme mostram **Fig. 16** e **Fig. 17**.

Fig. 16: O mesmo trecho, na edição Sudhoff

Daraus folgt, daß seine cura wiederum durch salia geschehen muß, so daß das Salz wiederum rectificiert, und das resolvierte Salz sich vom Ganzen scheidet.

Fig. 17: O mesmo trecho, na edição Peuckert

Diante da inviabilidade de elaborar hipótese razoável quanto à intenção comunicativa de Paracelso, optou-se neste trabalho por reproduzir no texto de chegada a situação verificada no texto mais antigo. Portanto, foi reproduzida a diferenciação “sal” / “Salz” conforme observado na versão Huser, em que se verifica a coexistência das formas mencionadas. Para assinalar a sua posição particular, “sulphur”, “mercurius” e “sal” são

grafados neste trabalho com uso simultâneo de negrito e itálico: ***sulphur, sal, mercurius***.

Portanto o excerto ora em discussão ficou conforme mostra **Fig. 18**:

Daí segue que sua *cura* (tratamento) precisa, por sua vez, se dar através de ***salia***, de modo que o sal, por sua vez, retifica, (corrige) e separa o sal resolvido (dissolvido) do todo (WAGNER 2019).

Fig. 18: O mesmo trecho, neste trabalho

9.4. Contornando as carências do *Frühneuhochdeutsch*

Como mencionado anteriormente, Paracelso optou por fazer uso do *Frühneuhochdeutsch*, que possuía certas limitações, vinculadas ao fato de estar em processo de formação, como língua. Para contorná-las, Paracelso recorreu a diversas alternativas para suprir suas necessidades comunicativas. Podemos citar o uso de neologismos, emprego de formas de germanização de léxico latino e empréstimo de elementos do latim.

9.4.1. Os neologismos de Paracelso

Uma das formas pelas quais Paracelso buscou contornar as limitações linguísticas impostas pelo *Frühneuhochdeutsch* foi o emprego de neologismos. Tratemos de dois exemplos ilustrativos: “merkurialisch” e “sulphurisch”. Uma vez tomada a decisão de se propor neologismos em português para traduzir os neologismos empregados por Paracelso, constatou-se a necessidade de dar tratamentos distintos a “merkurialisch” e “sulphurisch”. Afinal, é indispensável se considerar que nem “mercurius” nem “sulphur”, ambas palavras latinas, se incorporaram ao alemão. Em alemão, são usadas, respectivamente, “Quecksilber” e “Schwefel”. Já o português incorporou plenamente “mercurius” (na forma “mercúrio”) e incorporou “sulphur” parcialmente. Este último persiste no português como raiz para originar palavras do campo semântico referente a “enxofre”. Tem-se, por exemplo “sulfúrico”, “sulfuroso”, “sulfídrico” e “sulfato”. Deste modo, ao contrário do que se verifica no alemão, a proposição de neologismos em português precisa ser feita de forma mais criteriosa e com verificação mais ampla para evitar confusão com palavras já existentes. Assim sendo, optou-se por traduzir “merkurialisch” por “mercuriálico” e “sulphurisch” por “sulfurino”.

9.4.2. Germanizações em *Von den ersten drei Essentiis*

Em *Von den ersten drei Essentiis*, Paracelso foi para além de fazer simplesmente enxertos de palavras e passagens em latim em seu texto e, como consequência o universo dos aspectos linguísticos a serem levados em conta neste trabalho não se resume à coexistência de elementos de línguas distintas num mesmo discurso. Paracelso também recorreu a soluções “híbridas”, sendo que o entendimento dado neste trabalho a “híbridas” é de palavras latinas às quais tenha sido aplicada alguma regra linguística do alemão. Em *Von den ersten drei Essentiis* observam-se numerosas situações destas palavras “híbridas”, elementos “estrangeiros” obedecendo rigorosamente às regras gramaticais do alemão, a língua “hospedeira”. Trata-se de elementos que foram, ainda que parcialmente, germanizados. Para análise, foram agrupados conforme o grau de sucesso histórico que apresentaram, variando da incorporação ao esquecimento.

9.4.2.1. Formas de germanização não incorporadas ao alemão moderno

No primeiro grupo estão palavras propostas nas quais se identifica atuação de mecanismos linguísticos do alemão. A título de exemplo, temos o uso do sufixo “-ieren” para originar verbos que ocorre em “ebulieren”, “renascieren” ou o sufixo “-isch” para gerar adjetivos, como em “theorisch” e “annualisch”. Têm em comum o fato de não terem vingado; são formas que hoje não sobrevivem no vocabulário alemão. Para um germanófono moderno, palavras deste grupo acarretam estranhamento, quando não se verifica total incompreensão. A solução preferencial para reproduzir esta situação no português foi recorrer a neologismos. Assim, “annualisch” tornou-se “anuálico” para que se pudesse reconstruir algo do estranhamento verificado na língua-fonte.

9.4.2.2. Formas de germanização com incorporação localizada e limitada

Um segundo grupo de germanizações propostas por Paracelso efetivamente foi integrado no alemão, sem, contudo, alcançar aceitação ampla. Estabeleceram-se em nichos e são usadas em algum ramo de especialidade, integrando o jargão, a língua de especialidade, daquela área específica. Geralmente apresentam significados distintos daqueles hoje correntes em português. Podemos citar como exemplos:

- *imprimieren*: significa “dar ordem de impressão”, usado na indústria gráfica.

- *consumieren*: grafado “konsumieren”, refere-se a consumismo, não a consumo propriamente dito.
- *digerieren*: refere-se especialmente ao tratamento de amostras de sólido com líquido, usado no âmbito da química.
- *Humidität*: significando umidade, é usada no âmbito da geografia/meteorologia.
- *colorieren*: grafado “kolorieren”, significa colorizar, aplicado especialmente ao segmento audiovisual, diferente do significado português de conferir cor.

Para este grupo de palavras, é necessário, na tradução, não ceder à tentação de simplesmente usar a palavra portuguesa semelhante sem levar em consideração as implicações de sentido associadas. Afinal, o significado associado em alemão é diferente daquele verificado no português. Para citar um exemplo, Paracelso usa “colorieren” para designar a ação de conferir cor a algo. Em português, seria usado “colorir”. Ao se usar, em alemão moderno a mesma forma empregada por Paracelso, “kolorieren”, a associação que ocorre é com outra ideia: atribuir cores a filmes originalmente gravados em preto e branco, ação designada em português por “colorizar”. Não atentar para a diferença de uso de palavras de origem comum, mas com aplicações diferentes, neste caso, implicaria em fazer-se uma tradução inadequada, por não manter coerência com o texto fonte, infringindo a regra 5 proposta por Reiss e Vermeer (ver 8.2).

A estratégia adotada para palavras com estas características foi, na medida do possível, buscar o afastamento da palavra usada em português corrente para privar o leitor da tradução do automatismo de associação palavra-ideia. Para emular algo do estranhamento verificado no alemão, recorreu-se, por exemplo, a formas arcaizadas. Assim, “coloriert” foi traduzido por “colorado”.

9.4.2.3. Formas de germanização com ampla incorporação localizada

Num terceiro grupo encontramos germanizações propostas por Paracelso que também se restringem essencialmente às línguas de especialidade, mas, dentro delas, mantêm o sentido original do latim. São palavras que, quando muito, sofreram pequenas alterações (p.ex., de grafia) e apresentam a mesma compreensão quando empregadas por especialistas da respectiva área, independentemente de sua língua materna. Dentro das áreas, portanto, a sua incorporação foi ampla. Além da aceitação na língua de especialidade, também encontraram aceitação no uso vernáculo. No português muitas

destas palavras estão plena e firmemente incorporadas e são de uso bastante amplo, mesmo na coloquialidade. Já no alemão, apesar de apresentarem uso, carregam marcação linguística relevante, por serem associadas a línguas de especialidades. Podemos exemplificar esta situação com o caso de “extrahieren”, derivado de “*extrahere*”, que originalmente tem significado de “trazer para fora”. Adotada pelos alquimistas, a palavra passou a descrever operações que retirassem, geralmente mediante uso de solventes, componentes de uma dada amostra. Isto acontece, por exemplo, com frutos ou fragmentos vegetais deixados em repouso em etanol, que lhe transferem componentes, de cor, de cheiro, de amargor ou outros. “*Extrair*” continua sendo usada com esta exata denotação no âmbito da Química e Bioquímica, tanto no alemão quanto no português. Fora do âmbito de especialidade, “*extrair*” apresenta trânsito livre nos diversos registros linguísticos do português. Já em alemão, não apresenta uso significativo fora da língua de especialidade. Mais acentuadamente nas línguas não-neolatinas, palavras deste grupo muitas vezes ficam restritas às respectivas áreas de especialidade ou pertencem a registro linguístico mais elevado. Para sua tradução não foi proposta alternativa que não a manutenção da palavra, em que pese a perda de efeitos sobre o leitor, especialmente referente ao registro linguístico, que esta decisão implica.

9.4.3. *Palavras latinas totalmente assimiladas pelo alemão*

Existem situações em que a palavra latina se encontra totalmente incorporada ao alemão, a ponto de seu uso estar plenamente naturalizado. Vejamos um exemplo:

Diversos desencadeiam [purgação] através da <i>urina</i> , pois toda a ourina é apenas <i>sal superfluum</i> [...]” (WAGNER 2019 [neste trabalho])	Etliche provocierten, das ist purgieren durch urinam, denn der ganze Urin ist nur sal superfluum” (PEUCKERT 2010, p. 324)
--	---

Fig. 19: Cotejo de trecho, Wagner x Peuckert

Na época de Paracelso, o uso de “urina” causava estranhamento ao seu público (contemporâneo), em especial à parcela leiga, pois a designação então corrente era “Harn”. Com o tempo e como parte do processo de gradual incorporação, a palavra latina “urina” evolui para “Urin”, e nesta forma foi plenamente incorporada ao alemão, a ponto de “Harn” atualmente beirar mesmo ao arcaísmo para um germanófono moderno. Voltando o olhar para o texto de chegada, temos que “urina” é palavra de uso plenamente

corrente para lusófonos; ela foi herdada do latim e incorporada sem alterações. Desta forma, a manutenção de “urina” no texto de chegada torna-se tentadora. Analisemos a situação à luz do escopo, de reprodução de um certo grau de estranhamento no texto de chegada, proposto para o trabalho. Em decorrência do explanado acima, parece lícito considerar que o leitor germanófono e o lusófono se encontram em relativa igualdade quanto à compreensão de “urina”. Porém, não era essa a situação do público inicial de Paracelso.

No tratamento de certas germanizações propostas por Paracelso não se encontrou alternativa para evitar perda de alguns elementos de estranhamento. O excerto em foco oferece a possibilidade de resgatar um ponto de estranhamento presente no texto-fonte e que se perdeu pela modificação na língua-fonte. Se no texto-fonte (na sua versão mais antiga) o estranhamento se verifica pelo uso de uma palavra “nova” ao leitor – “Urin” ao invés de “Harn” – no texto de chegada se propõe a reconstrução do estranhamento pelo mecanismo inverso. Isto é, onde o leitor esperaria encontrar uma palavra moderna, apresentar-lhe uma forma arcaizada. Ao invés de “urina”, o arcaísmo “ourina”, ainda que a raiz latina compartilhada enfraqueça o efeito final obtido.

O que se observa com “urina”, de certa forma, pode ser ilustrativo da possível trajetória da assimilação de certas palavras latinas ao alemão. Inicialmente, “urina” pertencia a uma língua dita morta. Em seguida, passou a ter uso, ainda que restrito, pelos médicos, conhecedores de latim. Com o passar do tempo, se tornou acessível, inicialmente aos profissionais da área médica não-conhecedores de latim (por exemplo, através do tratado de Paracelso), para depois conseguir romper os limites da língua de especialidade e tornar-se acessível à população leiga em geral.

Excede a proposta deste trabalho a investigação e discussão se a incorporação destas palavras se deu por manutenção das propostas de Paracelso ou se ocorreu em um novo desenvolvimento posterior da mesma proposta ou se Paracelso, no fundo, propôs mecanismo de derivação de palavras que, este sim, acabou incorporado na língua alemã. Afinal, não se pretende aqui fazer um estudo da evolução do alemão e sim ilustrar as tensões e dificuldades de tradução que a evolução da língua pode gerar.

9.5. Traduzir ou não os elementos latinos? Como decidir?

Como mencionado anteriormente, a tradução intralingual de Peuckert, embora remova diversos obstáculos ao entendimento do leitor alemão moderno, não elimina todas as dificuldades. O tratamento dado aos elementos em latim inseridos por Paracelso em seu tratado são um bom exemplo neste sentido. Peuckert apresenta traduções pontuais, p. ex., na forma de explicitação por paráfrase, para diversos elementos latinos, mas não o faz para todas as situações, conforme mostra o trecho abaixo [traduções sublinhadas]:

Der Sulphur lindert membra interiora, die inneren Glieder, scilicet cor, das ist Herz, hepar, die Leber, cerebrum, renes, das sind die Nieren etc., und deren Krankheiten sollen sulphurisch geheißen werden, denn in ihnen liegt substantia sulphurea (PEUCKERT 2010, p. 326).

Fig. 20: Trecho da versão Peuckert – grifos acrescentados

Além disso, os conjuntos de palavras latinas um pouco mais extensos são mantidos integralmente, conforme constam no texto-fonte. Não são traduzidos, nem explicados ou comentados. Isto representa uma dificuldade ao leitor moderno, que tipicamente não conhece latim. Abaixo ilustra-se uma situação no texto da edição Huser, mantida nas versões posteriores do texto:

Fig. 21: Trecho da edição Huser

**erkennen ist, de specialitate rerum in natura angezeigt wird,
in philosophia de re et natura und hie lenge halb vermiden.**

Fig. 22: O mesmo trecho, na edição Sudhoff

[...] zu erkennen ist, wird De specialitate rerum natura angezeigt und in Philosophia de re et natura, und hier der Länge wegen vermieden.

Fig. 23: O mesmo trecho, na edição Peuckert

O presente trabalho se propõe a emular o escopo de tradução apresentado por Peuckert, de facilitar o acesso a um tratado de Paracelso, porém sem facilitação exagerada. Em decorrência, decidiu-se reproduzir a opção de Peuckert de manter os agregados de palavras latinas sem tradução nem nota explicativa. Em decorrência, o trecho em consideração, neste trabalho, foi traduzido como:

[...] reconhecível nela própria, é indicada *de specialitate rerum natura in philosophia de re et natura, in Philosophia de re & natura*, o que será evitado aqui, por causa de sua extensão.

Fig. 24: O mesmo trecho, neste trabalho

Observa-se na seleção das palavras latinas que receberiam tradução ou paráfrase a escolha recaiu, preferencialmente, sobre palavras que ofereceriam maior risco de não serem entendidas por um leitor germanófono. Lembrando que o perfil do público-alvo deste trabalho é claramente diverso daquele ao qual Peuckert se dirigiu, tornou-se necessário rever e adequar o critério de seleção no âmbito deste trabalho. As decisões foram tomadas *ad hoc*, levando em conta a estimativa da compreensibilidade de cada palavra latina para lusófonos. Casos em que pareceu razoável esperar reconhecimento não foram alterados e aqueles identificados como de compreensão mais difícil receberam informação adicional. Como seria razoável esperar, o conjunto das palavras em que se considerou necessária intervenção difere daquele que Peuckert selecionou. Afinal, “pulmone”, por exemplo, não deveria representar qualquer dificuldade a um lusófono, mas pode ser incompreensível a um germanófono comum leigo. Conforme ilustrado a seguir:

<p>Agora, como o sal de tipo laxativo provém do <i>archeus</i> – um [sal] <i>purgat</i> o <i>stomacho</i>, pois provém do <i>archeus</i> do <i>stomacho</i>, um [sal] <i>purgat</i> o baço, pois provém do <i>archeus</i> do baço e assim também com o <i>cerebro</i>, <i>iecore</i> (fígado), <i>pulmone</i> e com outros – assim o <i>archeus</i> do <i>membrum</i> origina o <i>microcosmos</i> do <i>membrum</i>. (WAGNER 2019, [neste trabalho]).</p>	<p>Wie nun aus dem archeo das Salz laxativischer Art geht, eins purgiert stomachum, denn es kommt aus dem stomacho archei, eins purgiert die Milz, denn es kommt aus der Milz archei, und so auch mit cerebro, das ist Gehirn, iecore, das ist die Leber, pulmone, die Lunge, und mit anderen, so ursacht das membrum archei das membrum oder Glied microcosmi. (PEUCKERT 2010, pp. 324-325)</p>
---	--

Fig. 25: Cotejo de trecho, Wagner x Peuckert

9.6. Declinação – como tratar?

Curiosamente, apesar de ser língua germânica, o alemão compartilha com o latim uma característica que as línguas neolatinas, em particular o português, não apresentam claramente. Trata-se da declinação, a marcação morfológica em palavras de certas classes gramaticais da função sintática que desempenham numa dada oração. Para ilustrar,

lembramos que, em línguas com declinação, uma mesma palavra poderá se apresentar sob formas variadas. Em latim e alemão, um substantivo ou adjetivo, por exemplo, assumirá características morfológicas diferentes, conforme esteja exercendo função de sujeito ou de objeto. Esta característica compartilhada permite a inserção e encaixe, perfeito sob a ótica da sintaxe e da morfologia, de elementos do latim em um texto em alemão. Uma palavra alemã usada no caso acusativo pode facilmente, e sem necessidade de qualquer intervenção estrutural na oração, ser substituída por sua contraparte em latim, mantendo o acusativo. Não se verifica solução de continuidade. O mesmo não se verifica entre português e latim. No português, ao menos parte da informação sintática que o alemão e o latim codificam através da declinação é apresentada através da posição dos elementos dentro da estrutura da oração, o lugar que ocupa na sequência dos sintagmas. Em alemão, a sentença “Der Mann sieht den Hund” pode ser “invertida” para “Den Hund sieht der Mann”, sem que, à margem de ligeira mudança de ênfase, haja mudança no sentido ou no entendimento. Já em português se verifica situação distinta. Na mesma sentença, em português, “O homem vê o cão” a inversão para “O cão vê o homem” faz surgir outro significado, inverso, pois no português há grande importância na posição dos sintagmas.

Em *Von den ersten drei Essentiis*, Paracelso lança mão de numerosos elementos latinos inserindo-os adequadamente nos rigores formais da língua alemã. Isto fica evidenciado, por exemplo, no seguinte cotejo:

[...] a <i>morbis mercuriabilis</i> dar mercurium , [dar] sal a <i>morbis salinis</i> , [...] (WAGNER 2019, [neste trabalho])	[...] den Krankheiten des Quecksilbers Quecksilber zu geben, Salz den Krankheiten des Salzes (PEUCKERT 2010, p. 327)
---	--

Fig. 26: Cotejo de trecho, Wagner x Peuckert

Observa-se que o uso das declinações no alemão traça um paralelo exato com aquele do latim. Na sequência, temos em ambas as situações: dativo, genitivo, acusativo, acusativo, dativo, genitivo.

Para um falante de português, não familiarizado com o fenômeno da declinação, as diferentes formas assumidas por uma palavra, especialmente latina, quando declinada, podem parecer palavras diferentes entre si, como igualmente fica ilustrado pelo exemplo supra, podendo dar margem a dificuldades de entendimento. Por esta razão, adotou-se para esta tradução o critério de, no caso de palavras latinas avulsas, manter o procedimento da língua portuguesa, ou seja, neutralizar as modificações morfológicas da

declinação e usá-las sem declinação. Porém, nas situações em que Paracelso empregou pelo menos duas palavras agrupadas, elas foram mantidas assim como a presença da declinação. Deste modo, “Innere des *corporis*” foi traduzido por “interior do *corpus*”, enquanto “*in salem*” foi mantido inalterado. O mesmo procedimento foi adotado para agrupamentos maiores de palavras latinas.

10. Desafios de tradução gerados pela passagem do tempo

A categorização acima dos enxertos latinos no alemão descreve as situações encontradas em *Von den ersten drei Essentiis* de forma esquematizada, porém não esgota as situações em que foi necessária decisão de tradução. Não explica, por exemplo, por si só, porque ocorrências de um mesmo tipo podem receber tratamentos diferentes na tradução. Temos, a seguir, exemplos de algumas situações concretas encontradas durante a execução da tradução e qual a solução adotada.

10.1. Alterações de aspectos semânticos observadas no alemão

No cotejo da versão Huser com a versão Peuckert é possível observar modificações semânticas e sintáticas que ilustram bem a influência que a passagem do tempo pode ter sobre a capacidade de textos exercerem seu papel como ferramenta de comunicação. A própria viabilidade de boa recepção pode se ver comprometida após transcurso de tempo dilatado. Uma tradução intralingual de característica diacrônica, como a empreendida por Peuckert, pode se propor a resgatar o potencial comunicativo original de um texto através das adaptações necessárias. Fazer a transição do *Neufrühhochdeutsch* usado por Paracelso para o alemão moderno certamente foi parte importante do escopo de trabalho da compilação de Peuckert (2010).

O presente trabalho se propõe a fazer a tradução interlingual, do alemão para o português, não tratar de aspectos etimológicos ou linguísticos ou históricos do alemão. Por isso, recorreu-se ao texto de Peuckert como ponto de partida, aproveitando a modernização nele efetuada. A tradução intralingual de Peuckert abrangeu, como parte relevante, as alterações sintáticas ocorridas no alemão desde o séc. XVI. Como de esperar, porém, nem todas as dificuldades de entendimento são eliminadas; persistem

dificuldades, p. ex. vinculadas aos aspectos semânticos, palavras cujo sentido atual é diferente daquele da época de Paracelso. Adicionalmente, não se perdeu de vista a versão Huser, consultada em numerosas situações.

Logo a primeira sentença do texto já apresenta desafios ao tradutor: “*Ein jetlichs gewechs/daß sein Element produciert/ wirt in drey ding gesetzt [...]*” (mantida a grafia da época). Aqui se encontram duas palavras com alteração de significado. Primeiramente tem-se “Gewechs”. “Gewächs”, na grafia moderna, apresenta atualmente como primeira conotação “planta”, enquanto que há 500 anos, o significado mais amplo de “criatura” era mais prevalente. Logo adiante no texto, encontra-se “*gesetzt sein in*”. No âmbito do alemão moderno, um leitor leigo entenderia “ter sido assentado em” ou “estar assentado em”, enquanto o uso feito por Paracelso implica significado de “ser composto de” ou “estar composto por”. Uma tradução possível para o excerto seria “Toda planta gerada por seu elemento é colocada em três coisas...” Em se fazendo isso, deixa-se de lado toda cautela referente à dimensão temporal. A proposta apresentada estaria condizente com o entendimento *atual* das palavras, mas não refletiria o que Paracelso expressou (considerando os significados correntes em sua época). Neste trabalho, levando em conta o escopo adotado de possibilitar acesso ao texto de Paracelso sem facilitar em demasia a compreensão, foi proposta a seguinte tradução: “Toda criatura gerada por seu elemento é composta de três coisas...”.

Para seguir ilustrando a questão da alteração semântica verificada com a passagem do tempo tem-se “*andere*” em, por exemplo, “*das andere Capitel*”, título do segundo capítulo do texto-fonte. No alemão moderno “andere” apresenta como significado principal “outro”. Ora, no alemão da época de Paracelso “andere” apresentava um outro significado importante, talvez principal. Neste ponto recorreremos a uma terceira língua: o sueco. Trata-se de uma língua germânica, assim como o alemão, e nela se encontram preservadas algumas características mais arcaicas, que já estão obsoletas no alemão moderno. Assim, por exemplo, no sueco moderno, “*andra*” pode significar tanto “outro” quanto o ordinal “segundo”. Parece lícito estabelecer este paralelo e, por isso, escolheu-se traduzir “*Das andere Capitel*” por “Segundo Capítulo”.

Outro exemplo se observa na passagem “[...] *eins so es fast induriert wirt*”, na grafia da coletânea Huser. Tem-se aqui uma situação que pode induzir mesmo germanófonos nativos a erro. Atualmente “fast” tem como significado principal “quase”, assim uma tradução desavisada poderia resultar em algo como “[...] um [genus] quando quase indura”. Dado o contexto, podemos excluir ter sido este o sentido pretendido por

Paracelso, já que no outro polo da comparação apresentada no contexto do discurso de Paracelso se encontra o excesso de dissolução – a diarreia. Trata-se de referência aos extremos “diarreia” e “constipação”. Novamente, o recurso ao sueco ajuda a esclarecer a questão. Enquanto no alemão moderno “fast” significa “quase”, no sueco o significado é “firme”. Tendo tudo em vista, a tradução proposta foi “[...] um [genus] quando *indura demais*”.

Importante ressaltar que, diante de um escopo que focasse proximidade estrita ao original, a tradução de “Das andere Capitel” talvez fosse “O outro capítulo”. Já um escopo que mirasse acessibilidade facilitada legitimaria traduzir “[...] eins so es fast induriert wirt” por “[...] um [genus] quando endurece demais”, ainda que possa significar algum distanciamento do texto-fonte.

10.2. A alteração de sentido ao longo do tempo e as notas de tradutor

O caso do excerto “*so daß das Salz wiederum rectificiert, und das resolvierete Salz sich vom Ganzen scheidet*” ilustra a importância que notas de tradutor podem apresentar para lidar-se com as consequências da passagem do tempo. “Rectificieren” e “resolvieren” são, ambas, formas germanizadas de palavras latinas e estão preservadas no português, portanto de acesso relativamente livre ao leitor lusófono, mas não necessariamente ao leitor do texto-fonte. Apresentam, contudo, dificuldades distintas na tradução.

Vejamos: “retificar” manteve seu significado original de “corrigir” e foi incorporado ao alemão, porém ficou restrita ao âmbito da linguagem de especialidade, especificamente na área química, e não necessariamente é compreensível ao público leigo. Por outro lado, “retificar” acabou por se integrar ao português. Traduzir “rectificiert” por “retificado”, portanto, resultaria em compreensão facilitada para o leitor lusófono, não reproduzindo a dificuldade apresentada no texto em alemão, gerando afastamento do escopo proposto para este trabalho (não fazer uma tradução facilitadora). Infelizmente não foi encontrada forma de contornar o uso de “retificado” e a saída adotada foi incluir uma intervenção de tradutor (lexical) para sinalizar ao leitor da tradução a existência neste ponto de uma dificuldade de entendimento já no texto-fonte.

Diferentemente de “retificar”, “resolver” perdeu, na assimilação ao português, seu significado latino original. Assim de “desatar”, “soltar”, “dissipar” passou, de modo geral, a ser entendido como significando “decidir”, “solucionar”. Isto equipara o leitor lusófono

e o germanófono; ambos não têm acesso adequado ao sentido empregado por Paracelso. Também na tradução de “resolver” não se encontrou forma de contornar o uso de “resolvido”, exigindo outra intervenção lexical. Neste caso, para comunicar ao leitor com qual sentido a palavra está sendo empregada.

10.3. A alteração de sentido ao longo do tempo e o escopo de trabalho

Novamente focando o excerto “[...] *eins so es fast induriert wirt*”, temos que outro aspecto digno de comentário diz respeito a “induriert”. “Indurieren” é uma das palavras a que neste trabalho chamamos de “híbridas”, i.e., tem origem latina e foi submetida a mecanismo da língua alemã. Trata-se de uma das germanizações propostas por Paracelso que acabaram não incorporadas ao alemão. Causa, portanto, estranhamento relevante ao germanófono moderno.

A chance de um lusófono reconhecer “indurieren” é maior que a de um germanófono. Afinal, “induro” originou “endurecer” no português e em alemão a palavra correspondente é “erhärten”; facilmente se observa a grande distância. Para buscar atender ao escopo do trabalho, reproduzindo para o leitor lusófono o estranhamento experimentado pelo germanófono, optou-se pela manutenção da raiz latina, mas com uso de elementos de distanciamento, a saber, arcaização pela busca de maior proximidade do radical latino. Neste sentido, a ideia foi propor uma tradução que se distanciasse da forma moderna (“endurece”) e transmitisse sensação de arcaísmo, ainda que por meio de uma forma possivelmente não-histórica. Deste modo, a passagem foi traduzida por “...um [genus] quando *indura* demais”.

Outro exemplo que também ilustra bem a influência que o escopo do trabalho pode exercer envolve “Experienz”. Trata-se, novamente, de palavra de origem latina, mantida no português, mas não incorporada, desta forma no alemão. Para um germanófono, “Experienz” causa estranhamento, enquanto “experiência” é palavra plenamente corriqueira no português. Para reproduzir o estranhamento mencionado e para emular a influência de uma língua estrangeira (latim no caso de Paracelso), optou-se pelo uso do anglicismo “expertise”. Isto apesar de se tratar de palavra que atualmente apresenta razoável trânsito, especialmente no âmbito corporativo, e que aparentemente está em assimilação ao português. Com isto, ocorre uma certa diluição do estranhamento pretendido.

Observa-se, portanto, a adoção de soluções diferentes para a mesma situação: palavras cujo significado se modificou ao longo do tempo. Apesar da aparente incoerência, há alinhamento com o escopo do trabalho. Ora, o escopo adotado para este trabalho foi de possibilitar o acesso de lusófonos a um texto de Paracelso, mantendo algum grau de estranhamento. É da análise criteriosa de todo o contexto (histórico, linguístico, etc.), sempre tendo em vista o escopo do trabalho, que resulta a seleção e adoção *ad hoc* da estratégia tradutória para cada situação.

11. Preterindo o texto Peuckert

Conforme já mencionado, o trabalho de tradução nesta dissertação recorreu extensivamente à versão Peuckert como texto-fonte, aproveitando o trabalho de tradução intralingual realizado. Manteve-se, contudo, contínuo cotejo com a versão Huser, a mais antiga disponível. Nesta comparação, observaram-se algumas passagens em que o texto de chegada proposto por Peuckert foi considerado insatisfatório. Nestas, a opção acabou sendo por usar o texto Huser como texto-fonte. Abaixo ilustramos com cotejos de passagens das edições de Huser e de Peuckert com o texto de chegada em português proposto.

<p>Pois <i>permixtæ ægritudines</i> são aquelas que estejam além de seu <i>seccum</i> [temperatum] ou <i>humidum temperatum</i> (de equilíbrio), assim como muitas vezes <i>mercurius</i> e <i>sulphur</i> desagregam em <i>paralysin</i>, o que é causado por também haver <i>sulphur corporale</i>, se ele estiver <i>læsionado</i> no <i>confin</i> (entorno) circundante. (WAGNER 2019; neste trabalho)</p>	<p>Denn permixtæ ægritudines sind die, die über sein temperatum hinaus trocken oder feucht sind, wie in paralysin, der Lähmung, mercurius und sulphur aus der Temperatur treten, wenn da auch sulphur corporale mitläuft, oder daß er in der umliegenden confin, das ist Nachbarschaft, laediert ist. (PEUCKERT 2010, p. 322)</p>

Fig. 27: Cotejo de um trecho em três versões
(do alto, em sentido horário: Huser, Peuckert, Wagner)

Nesta passagem da versão Peuckert, o primeiro aspecto que chamou a atenção foi a grande quantidade de elementos que o autor manuseia a um só tempo. Além da sentença ser

relativamente longa e reproduzir raciocínio um tanto arrevesado, Peuckert ainda insere uma intervenção lexical. No cotejo das duas versões observa-se um detalhe que, por si só, já demandaria uma verificação mais apurada: no texto de Peuckert ocorre a palavra “Temperatur”, o que não se verifica na versão Huser, onde consta uma única vez “temperatum” (“temperatũ” na grafia original). Parece configurado rompimento com um dos preceitos de tradução da *Skopostheorie*: a coerência com o texto-fonte. Trata-se de um descumprimento da necessidade de coerência com o texto-fonte, mais especificamente, descumpre-se a regra 5 de Vermeer, que prescreve o alinhamento com “o conteúdo colhido do texto-fonte, isto é, fruto de ação intencional do autor em sua elaboração” (ver 8.2.). Outra passagem em que se optou por recorrer ao texto Huser está ilustrada a seguir:

<p>Estes também sabem preparar este mesmo <i>mercurium</i>; um <i>in topazinum</i>, um <i>in crocum sandalinum</i>, um num <i>spiritus</i> (destilado), cada qual em sua <i>exaltatio</i> (elevação), na qual se alegre e está no seu melhor. (WAGNER 2019; neste trabalho)</p>	<p>Desgleichen muß man auch wissen den selbigen mercurium zu bereiten, einen in topasium, einen in crocum sandalinum, das ist Sandelholzblüte, einen in einem spiritum, einen jeglichen in seiner exaltationem, in der er sich erfreut und am besten ist. (PEUCKERT 2010, p. 329)</p>

Fig. 28: Cotejo de um trecho em três versões
(do alto, em sentido horário: Huser, Peuckert, Wagner)

No caso desta passagem, o elemento que demanda atenção e alguma discussão é a proposta de Peuckert de traduzir o “dergleichen” encontrado em Huser por “desgleichen”. Ambas apresentam função anafórica, resgatando elemento citado anteriormente no discurso. Ora, “dergleichen” significa “semelhante a eles” enquanto “desgleichen” carrega sentido mais próximo de “semelhante a isto” / “semelhante a este tipo”. Diante disto, precisamos resgatar o trecho anterior do trecho e identificar a qual elemento está sendo feita referência (**Fig. 29**):

<p>De tais forças <i>mercuriálicas</i> há muito <i>in elementaten</i> e <i>in annualibus</i>, que foram, todas, encontradas, através da expertise daqueles versados em saber em quais coisas está o <i>mercurius</i> e em quais estão outras [<i>essentiæ</i>]. (WAGNER 2019, neste trabalho)</p>	<p>Solcher mercurialischen Kräfte sind viel in Elementaten und in annualibus vorhanden, die alle aus der Experienz gefunden worden sind durch die, die verstehen, in welchen Dingen der mercurius liegt, und in welchen andere liegen. (PEUCKERT 2010, p. 329)</p>

Fig. 29: Cotejo de um trecho em três versões
(do alto, em sentido horário: versões Huser, Peuckert, Wagner)

Observa-se com relativa facilidade que no trecho anterior é feita referência a “aqueles versados em saber” e é este o elemento que é resgatado na referência anafórica, não as qualidades das “forças mercuriálicas”.

12. Considerações Finais

Paracelso foi um personagem muito particular na história das ciências. Tendo vivenciado o período do Humanismo/Renascimento durante o qual se observou intensa retomada e revalorização da Antiguidade e de seus conhecimentos. Foi um momento particularmente intenso de modificações em diversas áreas. Podemos destacar, dentre outras, a passagem do feudalismo ao capitalismo, a consolidação do poder econômico da burguesia, o que começava a lhe conferir peso também político, o surgimento de estados unificados sob monarcas, o surgimento de dissidências religiosas (luteranismo, calvinismo, anglicanismo), para citar apenas alguns. A faceta mais conhecida do turbilhão de mudanças são, provavelmente, as grandes modificações observadas na Arquitetura e nas Artes, nas quais se destacaram as participações de nomes como Giotto, da Vinci, Ticiano, Michelangelo e Rafael, dentre tantos outros. Em contraponto, a renovação que se observou nas áreas de conhecimentos técnicos e científicos representa uma faceta muito menos badalada e conhecida. Paracelso teve sua atuação mais destacada no campo

da Medicina, razão pela qual, dentre as numerosas áreas em que atuou, optou-se, neste trabalho, por um tratado desta área, especificamente, para objeto de estudo.

Paracelso, afeito a polêmicas e tendo personalidade inegavelmente forte, recorreu a seu cabedal de conhecimentos de Alquimia (precursora da Química) para apresentar a sua teoria para explicar a origem das doenças. Para sua infelicidade, ele a apresentou em circunstâncias desfavoráveis. Desenvolvia-se o confronto entre a visão prevalente na Medicina da Idade Média, fortemente calcada nos ensinamentos advindos da Medicina do mundo muçulmano, de um lado, e a proposta humanista de Medicina, que pregava a retomada radical dos ensinamentos médicos de Hipócrates e Galeno, especialmente, do outro lado. Foi neste ambiente que Paracelso apresentou uma terceira proposta, atacando tanto uma visão quanto a outra.

O texto selecionado foi *Von den ersten drei Essentiis*, no qual Paracelso expõe a sua nova teoria explicativa das doenças. Para substituir o tradicional modelo galênico dos quatro chamados “humores”, imateriais e indefiníveis e em equilíbrio nos indivíduos saudáveis, é defendido um outro modelo envolvendo três essências, a chamada *tria prima*, com características de materialidade, que igualmente estariam em equilíbrio no indivíduo são. Os vínculos claros da proposta da *tria prima* com a Alquimia são indicativos da variedade de atuação e das influências recebidas por Paracelso.

Tendo em vista a ideia inicial imaginada para a tradução comentada que se desejava produto final do trabalho, foi feito um breve levantamento diacrônico de versões do tratado selecionado e optou-se por trabalhar com um *corpus* composto de três versões, a saber, a versão Huser, de 1589, a primeira publicação do texto, a versão Sudhoff, de 1930, muito próxima do texto Huser, e a versão Peuckert, de 2010, em que o texto é apresentado em alemão moderno. As três versões são apresentadas como anexos.

O cotejo destas versões, levando em conta as circunstâncias, objetivas ou inferidas, envolvendo as edições, logo evidenciou a importância de se considerar o propósito do autor ou editor. Neste sentido, lançou-se mão do conceito de “escopo” apresentado pela Hermenêutica, e brevemente discutido no item 6., como apoio para tratamento dos textos do *corpus* de trabalho.

A importância que o escopo assumiu em nossa análise, somada ao grande distanciamento temporal apresentado pelos textos, logo se tornou fator fortemente sugestivo de que fosse adotada a chamada *Skopostherie* como referencial teórico, tendo em vista que confere importância central ao escopo proposto para cada trabalho de tradução. Definida a opção pela *Skopostheorie*, o primeiro, e mais importante passo foi a

definição tanto do público-alvo quanto da finalidade que a tradução a ser feita se proporia a atender.

Em atendimento à ideia de emular o escopo apresentado pela versão Peuckert, de permitir ao leitor contemporâneo o acesso a uma obra de Paracelso, porém sem resolver todos os pontos que apresentassem alguma dificuldade de entendimento, trabalhou-se de modo próximo com esse texto. Por outro lado, também foi objetivo deste trabalho a elaboração de uma tradução direta do texto de Paracelso e, de certo modo, a versão Peuckert já pode ser considerada uma tradução, ainda que intralingual. Neste sentido, foi mantida constante confrontação com as versões Sudhoff e Huser e em diversas passagens houve retomada da versão Huser, em detrimento da versão Peuckert. As passagens em questão são apresentadas em anexo específico trazendo o cotejo das passagens em alemão e a tradução proposta neste trabalho.

Ao longo dos trabalhos verificou-se que o perfil dos desafios de tradução, situações que demandaram decisões de tradução, divergiu daquele inicialmente esperado. Os principais pontos são os seguintes:

- A primeira questão a se apresentar dizia respeito a se, e como, as intervenções seriam indicadas no texto de chegada.
- O encontro de uma inesperada dimensão terminológica no tratado de Paracelso demandou considerações específicas. Embora a Terminologia, como área específica de estudos, só tenha se estabelecido no séc. XX, o texto de partida já apresenta indícios de consciência terminológica e foi necessário decidir a forma de tratar este aspecto na tradução.
- Se, por um lado, a evolução do alemão ao longo do tempo apresentou volume menor de dificuldade que o esperado, por outro lado, a interação entre o alemão e o latim e os diversos estágios de assimilação de palavras latinas ao alemão constituiu toda uma família de situações a demandar decisões de tradução.

Podem ser apontados como frutos deste trabalho, antes de mais nada, a própria tradução comentada, que permitirá aos falantes de português acesso a um tratado relevante de Paracelso em tradução direta, sem passagem por outro idioma. Outro resultado a contabilizar é a apresentação de uma estratégia de tradução para lidar com os textos da obra de Paracelso, o que pode ser útil para eventuais trabalhos futuros de tradução de outros textos de Paracelso. Adicionalmente, é de se destacar a identificação

da já referida dimensão terminológica presente no texto tratado. Este aspecto certamente pode ser revelar um rico campo de estudos futuros. Outro campo que se anuncia promissor seria a investigação da abrangência da influência que Paracelso exerceu sobre o então nascente *Neufrühhochdeutsch*, através de seus neologismos e dos mecanismos de assimilação de palavras, no seu caso latinas.

13. Tradução de Von den ersten drei Essentiis

Das primeiras três essentiæ, das quais é composto o *generatum*

O Primeiro Capítulo

Toda criatura, gerada por seu elemento, é composta de três coisas, que são: *sal*, *sulphur* e *mercurium*; dos três se forma uma *conjunctio*, que resulta em um *corpus* e em um ser unificado. No que tange o *corpus*, aqui nada será anunciado, somente do interior do *corpus*.

Seu efeito é triplo: um é o do *sal*, que desfaz através de purgação, mundificação, balsamização e outras vias semelhantes, e reina sobre aquilo que, deste modo, vá à putrefação.

O segundo é o do *sulphur* e reina sobre aquilo das outras duas [*essentiæ*] que se torna excessivo ou que se deteriora.

O terceiro é o do *mercurius*, que desagrega aquilo que entre em consumpção.

Agora saiba qual seja dos três a forma. Um é um *liquor*, assim é *mercurius*; um é uma oleosidade, este é *sulphur*; um é um álcali, esta é [a forma] do *sal*. O *mercurius* é sem *sulphur* e [sem] *sal*, *sulphur* [é] sem *mercurio* e [sem] *sal* e o *sal* [é] sem *sulphur* e sem *mercurius*, se cada qual estiver em sua *potentia*.

Quanto às *operationes* que são encontradas *in morbis permixtes*, é necessário compreender que *separatio rerum* não é completa, mas que duas [*essentiæ*] se encontram

em uma [manifestação], como em *hydropisi*²⁸ e assemelhados. Pois *permixtæ ægritudines* são aquelas que estejam além de seu *seccum* [*temperatum*] ou *humidum temperatum* (de equilíbrio), assim como muitas vezes *mercurius* e *sulphur* desagregam em *paralysin*, o que é causado por também haver *sulphur corporale*, se ele estiver læsionado no *confin* (entorno) circundante. Por isso, aqui há que ter atenção para [o fato de] qualquer *morbus* poder apresentar forma dupla ou mesmo tripla. Isto é *morbi comixtio*. Por isso, em tais casos, se o *medicus* recorrer a um *simplex*, precisa levar em conta o seu nível em *liquor*, o seu nível em *oleo* e o seu nível em *sal* e como está o *morbus* no *confin læsion*. Em conformidade [com estes níveis], ele precisa *extrahere liquor*, *sal* ou *sulphur* e *attribuere* [cada um] de acordo com a necessidade. E, em toda brevidade, precisa ser mantida a regra de que à *læsio* seja dado um medicamento e ao *morbus* um outro.

O Segundo Capítulo

Porém, os *sallia* purgam de variadas formas. Um [purga] por *secessum* (apartação), e são dois *salia*. Um é *sal rei*, que transforma as coisas nas fezes; o outro é *sal naturæ* e expele, razão pela qual sem sal não pode ocorrer evacuação. Disto decorre que o *sal vulgi* auxilia os *salibus naturæ*. Diversos purgam *per vomitum*, e este é sal do mais grosseiro; se ele não puder entrar em *digest*, sufoca no topo, *in stomacho*. Diversos [purgam] *per sudorem*, e este é o sal mais sutil, e é o sal que alcança o sangue. Pois os *salia ad stercora* (nas fezes) e *ad vomitum* não chegam ao sangue, razão pela qual eles não desencadeiam nenhum *sudor*, é apenas sal que sai. Diversos desencadeiam [purgação] através da *urina*, pois toda a urina é apenas *sal superfluum*; o *stercus* [é] *sulphur superfluum*. Do *liquor*,

²⁸ Derramamento de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, 2001)

nada *superflue* é expelido, mas [tudo] permanece dentro. Assim, todas as egestas que saem do corpo são *phlegma* (muco) que o sal expulsa: pelo nariz, através dos ouvidos, pelos olhos e ainda outras vias. Isto ocorre através do *archeus*, de onde buscam suas *operationes*, como indicado no último [exemplo].

Agora, como o sal de tipo laxativo provém do *archeus* – um [sal] *purgat* o *stomacho*, pois provém do *archeus* do *stomacho*; um [sal] purga o baço, pois provém do baço do *archeus* e assim também com o *cerebro*, *iecore* (fígado), *pulmone* e com outros – assim o *archeus* do *membrum* origina o *microcosmos* do *membrum*.

Agora, sobre *alcali* e sal, há a saber haver deles diversos [tipos]. Um é doce, como [por exemplo] *cassia*²⁹, e este é o sal segregado, que dentre os *mineralia* é chamado de *antimonium*. Um é azedo, como [por exemplo] *sal gemmæ*, um é rançoso e está no zingiber³⁰, um é amargo e está no *rhabarbo*³¹ e em *coloquintide*³², &c. Além disso, também há que se saber que muitos *alcali* são gestados, como *harmal*³³; muitos [são]

²⁹ Provavelmente *Cinnamomum cassia* – canela. Embora defensor do uso de recursos médicos locais, Paracelso empregava quantidade relevante de plantas exóticas. Dentre as especiarias, referia-se elogiosamente à canela, além do cardamomo, pimenta e noz moscada (RIPPE e MADEJSKY 2009, p. 235).

³⁰ Paracelso seguia a visão de que doenças deveriam ser tratadas por uso de recursos da própria região de seu surgimento. Talvez levando em consideração a crescente movimentação humana de sua época, ele tenha aberto feito certas concessões neste princípio. Já na Idade Média, Hildegard von Bingen (1098-1179), famosa, entre outros, por sua atuação em cuidados médicos, usava o rizoma de *Alpinia officinarum* com aplicações farmacêuticas, especialmente quadros gástricos. Com esta mesma aplicação Paracelso receitava também uma outra planta, aparentada, *Zingiber officinale* – gengibre. Era receitada para tratar o “tártaro” do estômago, como ela chamava o comprometimento gradual do aparelho digestório pela idade, azia e dificuldade de digestão (“Stein im Magen” – “pedra no estômago”) Além disso receitava gengibre em quadro febris, citando-o várias vezes como promotor de sudorese (RIPPE e MADEJSKY 2009, p. 235-237)

³¹ *Rheum barbarum*, ruibarbo.

³² *Citrillus Colocynthis* – coloquintide ou pepino amargo. Planta trepadeira nativa de áreas semiáridas da bacia mediterrânea. Paracelso não deixava de tratar constipações intestinais, pois considerava que toda via de excreção é uma forma de induzir a saúde. Um dos medicamentos que ele indicava para esta finalidade era coloquinten. Já os gregos antigos faziam um extrato dos frutos usando vinho e o usavam como laxativo. Paracelso o considerava, junto com por exemplo rícino, um laxante drástico. Também o indicava no tratamento de verminoses (RIPPE e MADEJSKY 2009, pp.219-221).

³³ Harmel é o nome, em alemão, da semente de *Peganum harmala* (arruda-síria) encontrável em áreas semi-áridas no Oriente Médio, Ásia Central, além de Balcãs, Espanha e Itália. Trata-se de planta semi-perene, com altura de até 90 cm. As sementes eram usadas para induzir vômito e para combater verminoses. Também podem ser usadas como entorpecentes (MIRAJ 2016, pp. 161-162).

extraídos, como *scammoneæ*³⁴, muitos [são] *coagulati*, como *absinthium*³⁵. Isto deve ser compreendido a partir da forma na qual eles são reconhecidos no sal. De mesmo modo, diversos purgam somente *per sudorem*, diversos somente por consumpção e assemelhados. E quantas vezes [se encontrar] um *sapor* peculiar, tantas vezes [se terá] uma *operatio* e [uma] *expulsio* peculiar; das quais, porém, há apenas duas [formas]: *operatio rei* e *operatio extincta*.

O Terceiro Capítulo

Sulphur opera *exsiccando et consumendo* o *superfluum*; seja dele próprio, seja das outras [*essentiæ*], [o excesso] demanda consumpção pelo **sulphur** se não esteve ou não está submetido aos *sales*. Como em *hydropisi*, é necessária a medicina dos *sales* do *archeus* do fígado para o desfazimento do que ali houver de *putrefactum* e *corruptum*. Já a continuação do desfazimento do *morbus*, esta precisa ocorrer através do **sulphur**, ao qual tais doenças estão submetidas em sua origem, ainda que não seja qualquer **sulphur** a fazê-lo. Assim, é disposto pela natureza do elemento que, para toda doença, que determina a natureza do corpo, exista uma contraparte à natureza do elemento, e isto ocorre *universaliter* e *particulariter*. Por isso, a partir dos *genera* dos elementos é possível reconhecer os *genera morborum*. Assim, respectivamente, um aponta para o outro.

Assim também com o **mercurius**, que acolhe a si aquilo que é avesso ao sal e ao **sulphur**. Como tais, temos os *morbi ligamentorum*, *arteriarum*, *iuncturarum*, *articularum* e assemelhados. Por esta razão, nestas doenças deve se pensar somente em que seja tomado o *liquor mercurii*. Desta forma, através das coisas, devem ser entendidas

³⁴ Trata-se de resina obtida pela secagem ao sol da seiva das raízes de *Convolvulus scammonia*, planta nativa da bacia oriental do Mediterrâneo. Trata-se de planta arbustiva encontrável na região compreendida entre a Síria, a Crimeia e as ilhas gregas. A resina é inerte até sofrer modificação por ação da bile, mas uma vez modificada, induz grande secreção das glândulas intestinais e pode causar severa irritação gastrointestinal. Era usada por sua eficiência no tratamento de constipação intestinal, especialmente, em crianças (AL-SNAFI 2016, pp. 69-71).

³⁵ Absinto, losna (*Artemisia absinthium*). Trata-se de planta abortiva, mas de uso tradicional na medicina popular. Paracelso encampou várias das aplicações tradicionais. Ele a receitava para cólicas abdominais e menstruais, dificuldades digestivas, icterícia e também contra verminoses (RIPPE e MADEJSKY 2009, pp. 227, p. 300, p. 302).

as citadas *ægritudines* [doenças] conforme condiz a cada qual, e cada uma, como é reconhecível nela própria, é indicada *de specialitate rerum natura in philosophia de re et natura*, in *Philosophia de re & natura*, o que será evitado aqui, por causa de sua extensão.

O Quarto Capítulo

Também deve o *medicus* reconhecer três *genera omnium morborum*: um *genus ex sale*, um *ex sulphure*, um *ex mercurio*. *Ex sale*, desta forma: todo *morbis laxus* é engendrado *ex sale*, como [por exemplo] *fluxus ventris* (diarreia intensa), *dysenteria*, *diarrhœa*, *lienteria*, &c.; e é o sal, que respectivamente ocupa o lugar dele. Pois toda egestão, sã ou doentia, provém do sal; uma é *sal naturæ*, uma é *sal corruptum & resolutum*. Daí segue que sua *cura* (tratamento) precisa, por sua vez, se dar através de *salia*, de modo que o sal, por sua vez, retifica (corrige) e separa o sal resolvido (dissolvido) do todo. Daí decorre *cura sulphurea* como *confirmatio* (corroboração) da atuação no sal, pois isto está em seu poder e é *sulphur speciatum ex vi ardhei &c.*

Ora, *ex mercurio* provêm todas as doenças que se situam *in arteriis*, *in ligamentis*, *articulis ossibus*, *nervis*, &c. Pois em outros pontos do corpo *substantia mercurii corporalis* não *prædomina*, apenas nos membros exteriores. Tomemos o exemplo de *colica*. Aqui o sal é uma causa, devido às entranhas, onde o sal *prædomina*, e engendra muitos *genera colicæ*, nomeadamente um [*genus*], quando se resolve (dissolve), um [*genus*] quando *indura* demais. Se [ele] ultrapassar o seu *temperamentum* [equilíbrio], úmido ou seco, em *cura colicæ* o *sal humanum* deve ser rectificado (corrigido) por *salia elementata*. E quando for usado um sal, outro que o de *sulphur*, então encare isso como *submersiones salis* e não *cura morborum colicæ*. De mesmo modo, *in morbis mercurialibus & sulphureis*, sua *res* deve ser mantida e não deve valer *contrarium per contrarium*, apenas *proprium ad suum innatum*. Frio não supera o quente, nem quente [supera] o frio em *morbis natis*. A *cura* (tratamento) ocorre por meio daquilo que engendrou o *morbis* e tomando-lhe o lugar.

O Quinto Capítulo

Os *genera morborum* se distribuem por muitos *ramos e locustas e folia*, contudo é sempre o mesmo tratamento. *Morbus mercurialis* é um exemplo de que o *liquor mercurialis* tem toda esta abundância de *ramos, locustas e folia*. In *pustulis* todos os *genera* estão *sub mercurio*, pois o *morbo* é **mercuriálico**. Alguns *galli*, estão *sub mercurio vulgari*, algumas *pustulæ* [estão] *sub mercurio metallino*, algumas *sub mercurio xylohebeni* [ébano], algumas *sub mercurii antimonii*. A causa é que *mercurius* quer ir a seus *locustas* e não sair da ordenação. Por isso, os *liquores mercurii* têm de ser compreendidos, pois é ele que debela aquilo que o seu próprio sal desarranja, e [é] também a segunda [coisa] que nele está, *vis consolidativa e incarnativa* (*ut pro natura mercurii*). O *mercurius*, porém, se apresenta sob diversas formas; *in metallis* o *liquor mercurii* está como metal; *in iunipero e hebano* (ébano) [está] como madeira; *in marcasitas*³⁶, tállico, *cachimiis* [está] como minério; em *brassatella*³⁷, *persicaria*³⁸, *serpentina*³⁹ [está] como erva e, ainda assim, é o mesmo [e] único *mercurius*, que se desvela de modo assim diversificado. E, assim como *de pustulis*, também *de ulceribus suis*: vários buscam obter *cura* [tratamento] pelo *mercurio de persicaria*, vários [a buscam] pelo *mercurio de arsenico*, vários [a querem] pelo *mercurio de xylo guaiaco*. Por isso, o *medicus* precisa conhecer *arborem morborum* (a árvore das doenças) e [*arborem*] *rerum* (a árvore das coisas), das quais há diversas. Uma é *arbor salis*, e esta é

³⁶ Minério de sulfeto de ferro, FeS₂.

³⁷ *Ophioglossum vulgatum* L é planta baixa, de até 30 cm de altura. Ocorre preferencialmente em pastos e pradarias úmidas, de solo calcário (MARZELL 1965).

³⁸ Duas plantas diferentes vêm sendo identificadas como sendo *persicaria*: *Polygonum persicaria* (rebatizada *Persicaria maculosa*) e *Polygonum hydropiper*. Há dois indícios que levam a crer ser a primeira espécie a associação correta: a presença de mancha vermelha em suas folhas e o fato de ser ela a espécie presente, em abundância, na região em que Paracelso nasceu. Paracelso recomendava que a erva fosse colhida, lavada em um riacho e aplicada sobre a região do ferimento. Depois deveria ser enterrada em local úmido. À medida que a erva apodrecesse, o ferimento sararia. Paracelso frisa explicitamente que este processo se daria independentemente de qualquer prece ou reza (RIPPE e MADEJSKY 2009, p.190).

³⁹ Em diversas passagens Paracelso faz referência a *serpentina* (ou *Drachenwurz*). Na região em que Paracelso nasceu existe uma planta com este mesmo nome (*Calla palustris*), mas ela não condiz com a descrição apresentada em seus textos. Como o próprio Paracelso menciona, ele conheceu a planta em uma viagem pelo Piemonte, na Itália, o que sugere que *serpentina* faça referência a *Arum italicum* e não *Arum dracuncululus*, que embora apresente chamativa flor vermelha, condizente com a descrição dada por Paracelso, tem sua área de ocorrência mais ao sul, por exemplo na Grécia (RIPPE e MADEJSKY 2009 pp. 78-79).

dupla, *rebis* e do elemento. Igualmente, também *arbor sulphuris* e [*arbor*] *mercurii*. Quanto a isso, saiba todo *medicus*: que não misture duas árvores num tratamento e [que] mantenha a *regula*: a *morbis mercuriabilis* dar ***mercurium***, [dar] **sal** a *morbis salinis*, [dar] ***sulphur*** a *morbis sulfureis*; a cada doença o seu *appropriatum*, como é adequado. Pois, no fundo, há apenas três tipos de medicamento e três tipos de doença. Razão pela qual deve ser evitada a prolongada tagarelice da *cavillation* (sofisma) das viúvas de Avicena⁴⁰, de Mesua⁴¹ e me refiro também aos outros.

O Sexto Capítulo

Agora, para que com isso tudo um *medicus* sustente seu *concept* de modo fácil e sem dificuldade, ele deve agrupar as doenças de acordo com o nome do seu medicamento, do modo que foi começado para as doenças citadas. E eu digo assim: ele não deve falar “Isto é *icteritia*”. Isto é falta de maestria, pois este tanto qualquer serviçal de roça sabe. Mas você deve falar deste modo: “Isto é *morbis leseoli*”. E é por esta razão: assim você engloba *curam, proprietatem, nomen, qualitatem dispositionem* e *artem* e *scientiam tuam* em uma [única] designação. Pois *leseolum* debela *icteritia* e nada que não somente o *morbum*. Agora você está absolvido *ab omnibus erroribus* e o tratamento irá lhe atestar que *in leseolo* está a mais elevada *diaphonia* (transparência) do sal, colorada e fixada por meio do *fusum topazium*. Ora, *icteritia* também é o sal diaphanizado da amarelidão e precisa ser deslocado por [um] seu semelhante. Igualmente *arsenicata* e o sal que faz

⁴⁰ Abū-‘Alī al-Ḥusayn ibn-‘Abdallāh Ibn-Sīnā (ca. 980 - 1037) foi talvez o médico e filósofo de maior destaque no mundo islâmico. Em seus trabalhos consolidou as influências do Helenismo tardio e o islamismo incipiente em um abrangente sistema científico internamente coerente. O resultado de seu trabalho pode ser considerado o apogeu da tradição helenística, renascida em língua árabe. Teria escrito 450 obras, delas umas 240 sobreviveram. Com o início das traduções para o latim, suas obras iniciaram sua poderosa influência sobre os sábios ocidentais. Iniciada na Idade Média, em algumas áreas ela chegou a se estender até o séc. XVII, caso específico do seu texto médico *O cânone da medicina*. Sua influência na Medicina foi especialmente marcante e a partir do séc. XIV ele chegou a ser equiparado com Hipócrates e Galeno (GUTAS, 2016).

⁴¹ Abu Zakariya Yuhanna ibn Masawayh, também conhecido como Yuhanna ibn Masawaih, Mesue, Masuya, Mesue Major ou Msuya, foi médico persa, de religião cristã (ca. 777-857 A. D.). Tornou-se médico da corte em Bagdá e diretor do hospital local. Redigiu tratados sobre numerosos assuntos como oftalmologia, febres, dores de cabeça, lepra e melancolia. Porém diversas das obras a ele atribuídas não são de sua autoria. Teve importante atuação na tradução e assimilação de textos gregos. Teve participação destacada na fundação da tradição farmacêutica muçulmana (TSCHANZ 2003, p. 12, p. 14).

icteritia, ele também é uma mãe *arsenicati* e *leseoli*, porém gestado por duas mães, a anuálica e a [outra] elementálica.

Deste modo, quero, aqui neste libreto, que as três *arbores* sejam bem compreendidas, pois quem não conhece a semente destas árvores está pleno de descaminhos. Adiante, [diga] “Isto é *morbus auri*” e não diga “*lepra*”. Eu também não digo qual é a sua *species*, mas está medicinalmente bem dito, pois este nome indica qual cura (tratamento) você tem *in lepra*. Isto é muito mais do que se você dissesse: “É *lepra*”. Tal até o sacristão sabe. Então eu digo desta forma: “Isto é *morbus tincturæ*”; daí depreende alguém versado [no assunto] ser de seu conhecimento o que seja uma *tinctura* e como uma *tinctura* regenera e faz revivificar a idade. De mesmo modo, eu digo: “Isto é *morbus vitrioli*”, e isto prova a expertise, que você tratou *species epilepsiæ* através de *oleum vitrioli* ou através do seu *spiritus* (destilado). Tais coisas os escritos propagam a torto e a direito. Por aqui certamente se encaixar na teoria do meu intento, que mal faria anunciar como a teoria teria de ser modificada [?]. Mas, eu ter feito isto à moda teórica, esta é a causa de o tipo especiálico, a partir do qual as três primeiras [*essentiæ*] são deduzidas, e a origem além dos *mysteria* da natureza, ali trancados pelos auctores alquímicos, serem a origem partindo da qual, eu quero pôr adequadamente à prova minha teoria de ambas as origens - dos elementos em seu surgimento; da anuálica, em sua geração - e deles tirar o fundamento de minha teoria.

Para seguir teoretizando, de que força se componham as [forças] incarnatíficas: somente de ***mercurio***. Ele cura *vulnera* [feridas] em longo tempo, especificamente através do ***mercurium*** *in resina*, ainda mais rápido na forma do ***mercurius*** *in mumia*, ainda mais rápido na forma do ***mercurius*** *in tartaro*. De mesmo modo, também [é] *in ulcera*: algumas *ulcera cancrorum*, algumas *æsthiomena* e *heripselas*. De tais forças mercuriálicas há muito *in elementaten* e *in annualibus*, que foram, todas, encontradas através da expertise daqueles versados em saber em quais coisas está o ***mercurius*** e em quais estão outras [*essentiæ*]. Estes também sabem preparar este mesmo ***mercurium***; um *in topazinum*, um *in crocum sandalinum*, um num *spiritus* (destilado), cada qual em sua *exaltatio* (elevação), na qual se alegre e está no seu melhor. E, apesar de ser tudo um mesmo ***mercurius***, ele quer ser requisitado à medida em que se tenha necessidade dele.

Por isso, dizemos aqui que *vis incarnandi* e [*vis*] *consolidandi* sejam somente **mercurius**, no qual não deve haver nem **sulphur**, nem sal, mas levado [à condição de] liquor límpido e transparente. Tal também há a se saber do **sulphur** e do sal: que vocês lidem com eles deste modo e saibam sua *exalatio*, se vocês, de outro modo, quiserem ser chamados de *medici* e, de livre e espontânea vontade, fazer os seus doentes saudáveis. Deve espantar e deixar confuso Porfyrius⁴² que *saphirus* e o nobre *iaspis* (jaspe) sejam **mercurius**, enquanto ele [Porphyrius] não o veja e não o tome na mão – ele que até agora não vivenciou nenhuma expertise nem ambiciona aprender e ainda assim dá bom dia a cavalo.

[O Oitavo Capítulo]⁴³

Porque o zingiber é diaphoretico (indutor do suor)? Isto desencadeia o sal, de cujo *corpus* ele é constituído, e assim é por força do *ignis* (do fogo), através da qual as *generationes* (*ut in filosofia*) ebolem e, por sua fervura, ele deopila e leva os *humores sulphuris, salis* e *mercurii* ao segundo, terceiro e quarto grau da ebulição. E conforme seja a igneidade do sal, na mesma medida ele acende o grau, através do qual as humidades se revelam destilando para fora *per poros* e [*per*] *guttas*. Do fato de os mundificativos mundificarem apenas por força apenas do sal, como [fazem] *mel* e outros, decorre que *in melle* está o sal de *balsamum*, que não permite o apodrecimento. Assim também *in balsamo*, que é o mais nobre sal apresentado pela natureza.

Falemos de *virtute attractiva*, - esta é a forma sulfurina. Assim como *in gummis* (gomas vegetais) – que atraem por força de sua sulfureidade, pois *mastix* (resina) é **sulphur productum**, igualmente *opoponax* (certas resinas vegetais), *galbanum*⁴⁴ e outros.

⁴² Porfírio de Tiro (234? - 305? AD) foi filósofo neoplatônico, discípulo de Plotino (263-269 AD) e autor de extensa obra tratando sobre assuntos muito variados, dentre eles tentativas de harmonizar a lógica aristotélica com o Platonismo. Dos aproximadamente 60 textos que lhe são atribuídos sobreviveram apenas fragmentos. Teria sido um filósofo independente cujos pontos de vista eram levados a sério por seus pares e exerceram influência para além da Antiguidade (EMILSSON, 2018).

⁴³ Na versão Huser não se observa existência do oitavo capítulo. O texto passa do sétimo ao nono capítulo, adotou-se, portanto, a sugestão de subdivisão presente na edição Sudhoff.

⁴⁴ Resina de *Ferula gummosa* (RIPPE e MADEJSKY 2009, p. 246).

E não se sustenta a fala de vários que dizem “*caliidi est attrahere*”. Diga, isto sim: “*sulphurum est attrahere*”, e isto é verdadeiro. Pois coisa quente atrai apenas ali onde está, isto é, ali onde queima – e estas são as causas: o que queima ali é o **sulphur** e este não é fixo, e por isso ele se evade como os *gummi* o fazem; *laxativa* e assemelhados atraem, igual ao magneto, de locais onde eles não estão. Agora, o fato de os *salia* fazerem atrair, o fato de o sal ser imposto ao **sulphur** e ser coagulado por meio do *spiritum sulphuris*, são a razão de atrair para além do local em que está. Assim, também os *repercussiva* são **sulphurinos**, sejam quentes ou frios, verdes ou azuis, pois é da característica rechaçativa do **sulphur** ir *ad centrum*, levando de roldão diante de si o que ele encontrar *de mobilibus* pela frente. E não é como dizem: “*frigidi est repercutare*”. A boa gente pensa ter pego o touro pelos chifres, sendo que lhe meteram a mão no rabo. Teria de ser um albertista⁴⁵ refinado para querer defender a regra, ainda que já viesse em meio às ervas daninhas dos *græci* (*latius in philisophia*).

O Nono Capítulo

Mas, o que devemos saber *de confortativis* (aquilo que fortalece), isto ensina a *explanatio archei*, que é semelhante ao ser humano, está nos quatro elementos e é um *archeus* composto de quatro *partes*. Digamos então que ele é o grande *cosmos*, o ser humano [é] o pequeno *cosmos*, e um é como o outro. Dele vem a força da *confortatio*. Aquilo que parte do *archeus* do coração é *cordis confortatiuum*, como *aurum*, esmeralda, coraes e muitos outros. Aquilo que parte do fígado, *conforta* ao pequeno *cosmos* o fígado, e assim por diante. Tal força revigorante não é fornecida por **mercurius**, nem por **sulphur**, nem por sal; fornece-a, porém, o *cor elementorum* e dele ela provém. *In elementis*, ela é a força que a produz [força da *confortatio*] e transforma uma semente numa árvore, e é

⁴⁵ Seguidor de Albertus Magnus (c. 1193 – 1280). Alberto de Lauingen, posteriormente conhecido como Albertus Magnus foi um frade dominicano, posteriormente bispo de Regensburg. Teve como seu discípulo São Tomás de Aquino. Seu empenho pessoal foi decisivo para a aceitação pela Igreja dos ensinamentos de Aristóteles, até então vistos com maus olhos, por causa do “paganismo” do autor. Dedicou-se ao estudo de áreas de conhecimento muito diversificadas; podemos citar: lógica, teologia, botânica, geografia, astronomia, mineralogia, zoologia direito. A amplitude e profundidade dos seus conhecimentos levou a que lhe fossem concedidos os títulos *doctor universalis* e *doctor expertus*. Canonizado em 1931, foi posteriormente declarado patrono das ciências da natureza (DAVIDSON 2010; FÜHRER 2018).

uma força do elemento, pois a árvore fica e se mantém em pé e se erige. Assim também palha e feno; esta é uma força exterior, e que escapa aos olhos. Assim uma tal força também está *in animalibus*, através da qual eles andam, ficam em pé e se movem; assim, ela também está *in productis*.

Ainda há mais uma [força], que não está diante dos olhos, e é a força em si mesma, que faz permanecer saudável e fresco aquilo em que [ela] esteja. E este é o *spiritus naturæ*, de tal modo que cada coisa o possui, senão putrefaria. Este mesmo *spiritus* permanece fixo em seu *corpus* e é aquele que fortalece o ser humano segundo o qual é reconhecido. Assim a força do *archeus* de seus membros passa ao *cosmos* menor, por meio dos végetos.

Parte IV - Bibliografia

- AL-SNAFI, Ali Esmail. The chemical constituents and pharmacological effects of *Convolvulus arvensis* and *Convolvulus scammonia*: a review. **IOSR Journal Of Pharmacy**, [s.l.], v. 6, n. 6, p. 64-75, 2016.
- AYOUB, Lois. Old English wæta and the Medical Theory of the Humours. **The Journal Of English And Germanic Philology**, [s.l.], v. 94, n. 3, p.332-346, jul. 1995.
- BALZER, W.; ELEFThERIADIS, A.. A Reconstruction of the Hippocratic Humoral Theory of Health. **Journal For General Philosophy Of Science: Zeitschrift für allgemeine Wissenschaftstheorie**, [s.l.], v. 22, n. 2, p.207-227, 1991.
- BASSNETT, Susan. The Translator as Cross-Cultural Mediator. **Oxford Handbooks Online**, [s.l.], p.1-9, 17 mar. 2011. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199239306.013.0008>.
- BAYON, H. P.. Paracelsus: Personality, Doctrines and his alleged Influence in the Reform of Medicine. **Proceedings Of The Royal Society Of Medicine**, [s.l.], v. 1941, p.69-76, 1941.
- BEINERT, Wolfgang. **Fraktur**. 2018. Disponível em: <<https://www.typolexikon.de/fraktur-schrift/>>. Acesso em: 25 set. 2018.
- BERNOULLI, R.. Paracelsus - physician, reformer, philosopher, scientist. **Experientia**, Basel, v. 50, p.334-338, 1994.
- BIANCHI, Massimo L.. The Visible and the Invisible.: From Alchemy to Paracelsus. **International Archives Of The History Of Ideas: ALCHEMY AND CHEMISTRY IN THE 16th AND 17th CENTURIES**, [s.l.], v. 140, p.17-50, 1994.
- BLASER, Robert. "Amplio stipendio invitatus": Zur Frage der Stellung und Besoldung des Paracelsus in Basel. **Sudhoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften**, [s.l.], v. 41, n. 2, p.143-153, 1957.
- BOLOGA, Valeriu L.. Paracelsus in der siebenbürgisch-sächsischen Volkssage. **Sudhoffs Archiv für Geschichte der Medizin**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.96-98, jan. 1930. Mensal.
- BONDIO, Mariacarla Gadebusch. Paracelsismus, Astrologie und ärztliches Ethos in den Streitschriften von Tommaso Bovio(1521–1609): Paracelsianism, Astrology and Medical Ethics in the Polemical Writings of Tommaso Bovio (1521–1609). **Medizinhistorisches Journal**, [s.l.], v. 38, p.215-244, 2003.
- BORZELLECA, Joseph F.. Paracelsus: Herald of Modern Toxicology. **Toxicological Sciences**, [s.l.], v. 53, p.2-4, 2000.
- BOS, J.. The rise and decline of character: humoral psychology in ancient and early modern medical theory. **History Of The Human Sciences**, [s.l.], v. 22, n. 3, p.29-50, 15 jun. 2009. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0952695109104422>.
- BRAIDA, Celso R.. Sobre os Diferentes Métodos de Tradução. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução**. 2. ed. Florianópolis: Ufsc, 2010. p. 38-101. V. 1 (Antologia bilingue).
- BRUNER, Jerome S.; POSTMAN, Leo. On the Perception of Icongruity: A Paradigm. **Journal Of Personality**, [s.i.], v. 18, p.206-223, 1949.
- BÜHLER, K.. **Sprachtheorie**. Jena: Fischer, 1934.
- BÜTTNER, Johannes. Leitgedanken in der Geschichte der Klinischen Chemie. **Medizinhistorisches Journal**, [s.l.], v. 25, p.268-285, 1990.

- BYK-GULDEN-LOMBERG GMBH (Ed.). **Die Medizin in Geschichte und Kultur ihrer Zeit: unter besonderer Beachtung der Behandlung rheumatischer Erkrankungen**. Konstanz: Byk-Gulden-Lomberg Gmbh, 1970.
- DANIEL, Dane T.. Invisible Wombs: Rethinking Paracelsus's Concept of Body and Matter. **Ambix**, [s.l.], v. 53, n. 2, p.129-142, jul. 2006. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1179/174582306x117870>.
- DAVIDSON, Michael W.. **Albertus Magnus**: (1193-1280). Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20100330045629/http://micro.magnet.fsu.edu/optics/timeline/people/magnus.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- DEBUS, Allen G.. Fire analysis and the elements in the sixteenth and the seventeenth centuries. **Annals Of Science**, [s.l.], v. 23, n. 2, p.127-147, jun. 1967. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/00033796700203246>.
- DEICHMANN, W. B. et al. What is there that is not poison?: A study of the Third Defense by Paracelsus. **Archives Of Toxicology**, [s.l.], v. 58, p.207-213, 1986.
- DOOLAN, Paul. Paracelsus: Basel's Luther of Medicine. **Cream Magazine**, [s.l.], p.22-22, nov. 2004.
- DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. Da Problemática do método ao método como problema: hermenêutica filosófica e a questão do compreender. Gragoatá, Niterói, v. 29, p.49-61, 2010.
- EISLER, Colin. Who Is Dürer's "Syphilitic Man"? **Perspectives In Biology And Medicine**, [s.l.], v. 52, n. 1, p.48-60, 2008. Project Muse. <http://dx.doi.org/10.1353/pbm.0.0065>.
- ELZE, Curt. Des Paracelsus Versuch der Medizinreform. **Klinische Wochenschrift**, [s.l.], v. 21, n. 26, p.591-593, 1942.
- EMILSSON, Eyjólfur. **Porphyry**, The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Summer 2018 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/porphyry/>>. Acesso em: 10 out 2018.
- GADAMER, Hans-Georg. **Klassische und philosophische Hermeneutik. Hermeneutik II. Wahrheit und Methode II. Ergänzungen. Register**. Tübingen: Mohr, 1993, p.92-117. (Publicação original: 1968)
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999. Tradução de Flávio Paulo Meurer.
- GADAMER, Hans-Georg. Vom Wort zum Begriff: Die Aufgabe der Hermeneutik als Philosophie - 1995. In: GRONDIN, Jean (Ed.). **Gadamer-Lesebuch**. Tübingen: Utb Für Wissenschaft, 1997. p. 100-110.
- GUTAS, Dimitri. **Ibn Sina**. 2016. Disponível em: <Ibn Sina [Avicenna]", The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Fall 2016 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <<https://plato.stanford.edu/entries/ibn-sina/>>. Acesso em: 10 out. 2018.
- HEDESAN, Georgiana D.. Theory Choice in the Seventeenth Century: Robert Boyle Against the Paracelsian Tria Prima. **Theory Choice In The History Of Chemical Practices**, [s.l.], p.17-27, 2016. Springer International Publishing. http://dx.doi.org/10.1007/978-3-319-29893-1_3.
- HILLER, J.. Paracelsus und de Boodt als Vorläufer neuzeitlicher Mineralogie. **Die Naturwissenschaften**, [s.l.], v. 1942, n. 37, p.563-565, 1942.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. hidropisia. In: HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 1529.

- JAKOBSON, R.. Linguistics and Poetics. In: SEBEOK, Th. A. (Ed.). **Style in Language**. Cambridge: Mit Press, 1960. p. 350-377.
- JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: BROWLER, Reuben A. (Ed.). **On Translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 233-239.
- JILLINGS, Lewis. The Aggression of the Cured Syphilitic: Ulrich von Hutten's Projection of His Disease as Metaphor. **The German Quarterly**, [s.l.], v. 68, n. 1, p.1-18, 1995.
- KAPUŚCIŃSKA, Anna. Sprachliche Verfremdung oder Einbürgerung beim Übersetzen von Archaismen aus der Perspektive des heutigen Rezipienten am Beispiel de Gedichts *Romantycznosc* von Adam Mickiewicz. **Linguistica Copernicana**, [s.l.], v. 1, n. 5, p.209-220, 2011.
- KAUFFMAN, George B.. The Role of Gold In Alchemy. Part I. **Gold Bulletin**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.31-44, 1985. Trimestral.
- KEEL, H. J.. Paracelsus und seine Wundphilosophie. **Hartmann Wundforum**, [s.l.], v. 2001, n. 4, p.4-5, 2001. Trimestral.
- KRAPPMANN, Marie. Der Kampf mit der: Grenzen der kulturellen Transposition in der Übersetzung eines jiddischen Textes aus dem 18. Jh. ins Tschechische. *Brünner Beiträge Zur Germanistik Und Nordistik*, [s.l.], n. 2, p.83-95, 2017. Masaryk University Press. <http://dx.doi.org/10.5817/bbgn2017-2-6>.
- KUHN, Thomas S.. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. Tradução: Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira;.
- KUHN, Thomas S.. Second thoughts on paradigms. In: SUPPE, F. (Ed.). **The Essential Tension**. [s.l.]. University Of Chicago Press, 1977. p. 293-319.
- LEAL, Alice. **Funcionalismo e tradução literária**: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12916>>. Acesso em: 05 ago. 2016.
- MANTZAVINOS, C.. **Hermeneutics**. 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/hermeneutics>>. Acesso em: 23 set. 2018.
- MARX, Hellmut. Die Gestalt des Paracelsus. **Klinische Wochenschrift**, [s.l.], v. 20, n. 38, p.958-961, 1941.
- MARZELL, Heinrich. Welche Pflanze verstand Paracelsus unter Brassatella. **Sudhoffs Archiv Für Geschichte Der Medizin Und Der Naturwissenschaften**, [s.l.], v. 49, n. 1, p.80-85, 1965.
- MIRAJ, Sepideh. A review of therapeutic effects of *Perganum harmala*. *De Pharmacia Lettere*, [s.l.], v. 8, n. 13, p.161-166, 2016.
- MOOG, Ferdinand Peter; KARENBERG, Axel. Aristotle on stroke. *Sudhoffs Archiv*, [s.l.], v. 90, n. 1, p.123-124, 2006.
- MULTHAUF, Robert. The Beginning of Mineralogical Chemistry. *The History Of Science Society*, [s.l.], v. 49, n. 1, p.50-53, 1958. Mensal.
- MURRAY, W. A.. Erasmus and Paracelsus. *Bibliothèque D'humanisme Et Renaissance*, [s.l.], v. 20, n. 3, p.560-564, 1958.
- NATH, Biman B.. From Alchemy to Chemistry. *Astronomers' Universe*, [s.l.], p.11-19, 13 out. 2012. Springer New York. http://dx.doi.org/10.1007/978-1-4614-5363-5_2.
- NEWMAN, William R.. What Have We Learned from the Recent Historiography of Alchemy? **Isis**, [s.l.], v. 102, n. 2, p.313-321, jun. 2011. Mensal.
- NORD, Christiane. Loyalty and fidelity in specialized translation. **Confluências: Revista de Tradução Científica e Tecnológica**, n.a., v. 4, p.29-41, 2006.

- NORD, Christiane. Making Otherness Accessible Functionality and Skopos in the Translation of New Testament Texts. **Meta: Journal des traducteurs**, [s.l.], v. 50, n. 3, p.868-880, 2005. Consortium Erudit. <http://dx.doi.org/10.7202/011602ar>.
- NORD, Christiane. Manipulation and loyalty in functional translation. **Current Writing**, [s.l.], v. 14, n. 2, p.32-44, jan. 2002. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/1013929x.2002.9678123>.
- NORD, Christiane. Scopos, Loyalty, and Translational Conventions. **Target International Journal Of Translation Studies**, [s.l.], v. 3, n. 1, p.91-109, 1 jan. 1991. John Benjamins Publishing Company. <http://dx.doi.org/10.1075/target.3.1.06nor>.
- NORD, Christiane. **Textanalyse und Übersetzen**: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse. 2. ed. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1991.
- NORD, Christiane. Training Functional Translators. **Cadernos de Tradução**, [s.l.], v. 1, n. 5, p.27-46, 2000.
- NORD, Christiane. **Translating as a Purposeful Activity**: Functionalist Approaches Explained. Manchester: St Jerome Publishing, 1997.
- NORD, Christiane. Translation as a process of linguistic and cultural adaptation: The functional approach and its consequences for translation teaching. In: DOLLERUP, Cay; LINDEGAARD, Annette. **Teaching Translation and Interpreting II**. Amsterdam/philadelphia: Benjamins, 1994. p. 1-9.
- NORD, Christiane. What do we know about the target-text receiver? In: BEEBY, Allison et al (Ed.). **Investigating Translation**. Amsterdam: Benjamins Translation Library 32, 2000. p. 1-17.
- NORD, Christiane. **Defining translation functions**.: The translation brief as a guideline for the trainee translator. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/download/9208/9484>>. Acesso em: 01 out. 2016.
- NORD, Christiane. **Textanalyse und Übersetzen**: Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse. Heidelberg: Julius Groos Verlag, 1988.
- NUMMEDAL, Tara E.. Words and Works in the History of Alchemy. **Isis**, Chicago, v. 102, n. 2, p.330-337, 2011.
- NUTTON, Vivian. The rise of medical humanism: Ferrara, 1464-1555. **Renaissance Studies**, [s.l.], v. 11, n. 1, p.2-19, mar. 1997. Wiley-Blackwell. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1477-4658.1997.tb00008.x>.
- OLIVEIRA, Paulo. Language Conception and Translation: From the Classic Dichotomy to a Continuum within the same Framework. In: SERUYA, T.; JUSTO, J. M. (Ed.). **Rereading Schleiermacher**: Translation, Cognition and Culture. Berlin: Springer Verlag, 2016. p. 105-114.
- PEREIRA, Rosalie Helena de Souza. A arte médica de Avicena e a teoria hipocrática dos humores. In: PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (Org.). **O islã clássico**: Itinerários de uma cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 379-410.
- PEUCKERT, Will-Erich. **Werke: Paracelsus**. Basel: Schwabe, 2010. Band I - Medizinische Werke (publicação original: 1965).
- PORTO, Paulo Alves. Os três Princípios e as Doenças: a visão de dois filósofos químicos. **Química Nova**, [s.l.], v. 20, n. 5, p.569-572, 1997.
- RADL, Em.. Paracelsus. Eine Skizze seines Lebens. **Isis**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.62-94, 1913.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Política do pós-colonialismo e lutas de poder: sobre os ocasionais e muito conhecidos ataques do revisionismo nos estudos da tradução.

- In: BLUME, Rosvita Friesen; PETERLE, Patrícia. **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Copiart, 2013. p. 95-114. Tradução de Markus J. Weininger.
- RAMPLING, Jennifer M.. Theory Choice in Medieval Alchemy. In: TOBIN, Emma; AMBROSIO, Chiara. **Theory Choice in the History of Chemical Practices**. London: Springer, 2016. Cap. 2. p. 7-16.
- READ, John. Alchemy and Alchemists. **Folklore**, [s.l.], v. 44, n. 3, p.251-278, set. 1933.
- REISS, Katharina; VERMEER, Hans J.. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1984.
- REITHER, Joseph. **Prisma världshistoria**. Stockholm: Bokförlaget Prisma, 1957. 383 p. Tradução de Austin Grandjean.
- RIPPE, Olaf; MADJSKY, Margaret. **Die Kräuterkunde des Paracelsus: Therapie mit Heilpflanzen nach abendländischer Tradition**. 2. ed. Baden / München: AT Verlag, 2009.
- RÜCK, Peter. Paläographie und Ideologie: Die deutsche Schriftwissenschaft im Fraktur-Antiqua-Streit von 1871-1945. **Signo: Revista de Historia da la Cultura Escrita**, Alcalá de Henares, v. 1, p.15-33, 1994.
- SANTOS, Soledad Esteban. La Química en el Renacimiento. **Anales de La Real Sociedad Española de Química**, [s.l.], p.60-67, jul. 2004. Trimestral.
- SANTOS, Soledad Esteban. Paracelso el Médico, Paracelso el Alquimista. **Anales de La Real Sociedad Española de Química**, [s.l.], p.53-61, 2003
- SCHIPPERGES, Heinrich. Paracelsus—Naturforscher und Arzt. **NTM International Journal Of History And Ethics Of Natural Sciences, Technology And Medicine**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.73-81, dez. 1993. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/bf02914100>.
- SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da Teoria da Tradução: Antologia Bilíngue**. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 38-101.
- SIEVER, Holger. Das Übersetzerische Denken von Frühromantik und Funktionalismus. **Trans-kom**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.157-177, 2012.
- SIRAI, Nancy G.. Medicine, 1450–1620, and the History of Science. **Isis**, [s.l.], v. 103, n. 3, p.491-514, set. 2012. Mensal.
- STILLMAN, J. M.. The Contributions of Paracelsus to Medical Science and Practice. **The Monist**, [s. l.], v. 27, n. 3, p.390-402, jul. 1917.
- SUDHOFF, Karl. Ein neues Syphilisblatt aus dem Ende des 15. Jahrhunderts. **Archiv für Geschichte der Medizin**, [s.l.], v. 1, n. 5, p.374-382, 1908.
- TAJADOD, Hosein. Paracelsus, the Founder of Chemical Therapeutic Who Initiated the Application of Chemistry to Life. **Basic Sciences Of Medicine**, [s. l.], v. 3, n. 3, p.60-62, 2014.
- TELLE, Joachim. Wolfgang Talhauser: Zu Leben und Werk eines Augsburger Stadtarztes und seinen Beziehungen zu Paracelsus und Schwenckfeld. **Medizinhistorisches Journal**, [s.l.], v. 7, p.1-30, 1972.
- TIRKONEN-CONDIT, Sonja. CHOICE IN TRANSLATION: A CHALLENGE TO THEORY AND PRACTICE. In: TIRKKONEN-CONDIT, Sonja; LAFFLING, John (Ed.). Recent Trends in Empirical Translation Research. Joensuu: [s.i.], 1993. p. 5-9.
- TSCHANZ, David W.. A short History of Islamic Pharmacy. **Journal Of The International Society For The History Of Islamic Medicine**, [s.l.], v. 1, p.11-17, 2003.

- UECK, Mathias. **Antiqua-Schrift**. 2017. Disponível em: <<https://verschwiegenegeschichtedrittesreich.wordpress.com/2017/01/17/antiqua-schrift/>>. Acesso em: 30 set. 2018.
- UNIBASEL. **Paracelsus (1493-1541): Theophrastus Bombastus von Hohenheim - Arzt in einer Epoche des Umbruchs**. Disponível em: <<https://unigeschichte.unibas.ch/cms/upload/FaecherUndFakultaeten/Downloads/Paracelsus.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2016.
- VERMEER, Hans J.. Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie. **Lebende Sprachen**, [s.l.], v. 23, n. 3, p.99-102, 1978. Walter de Gruyter GmbH. <http://dx.doi.org/10.1515/les.1978.23.3.99>.
- VIAGGIO, Sergio. The Limitations of the Strictly Socio-Historial Description of Norms: A Response to Theo Hermans and Gideon Toury. **Current Issues In Language And Society**, [s.l.], v. 5, n. 1-2, p.124-130, jan. 1998. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13520529809615509>.
- VON GOETHE, Johann Wolfgang. Drei Stücke zum Übersetzen. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Antologia Bilingue: Clássicos da Teoria da Tradução**. 2. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. p. 28-34.
- VON HOHENHEIM, Theophrast. Von den ersten dreien Principiis oder Essentiis. In: SUDHOFF, Karl (Ed.). **Paracelsus = Hohenheim, Theophrast: Theophrast von Hohenheim gen. Paracelsus Sämtliche Werke: hrsg. von Karl Sudhoff ; Abt. 1: Medizinische, naturwissenschaftliche und philosophische Schriften**. München: Oldenbourg, 1930. p. 3-11. Band 3: Drei Prinzipien, Spiritus vitae, Mineralien, Cemente, Gradationen, Archidoxen und Zugehöriges, Vita longa, Praeparationes, Brief an Erasmus, Macerscholien, Krankheitstypen usw. : aus den Jahren 1526 und Anfang 1527 ; Erasmusbrief auf Falttafel in Faksimile. Disponível em: <<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:gbv:084-11033015075>>. Acesso em: 13 abr. 2017.
- VON HOHENHEIM, Philippus Theophrastus Bombast. Von den ersten dreyeb Essentiis, darauß componirt wirt das Generatum. In: HUSER, Johannes (Ed.). **Bücher und Schriften des edlen/hochgelehrten und bewehrten Philosophi unnd medici Philippi Theofrasti Bombast von Hohenheim/Paracelsi genannt: Inn diesem Theil werden begriffen deren Bücher ettliche, welche von Ursprung, Ursach und Heylung der Kranckheiten handeln in Specie..** Basel: Conrad Waldkirch, 1589. p. 15-23. Volume 3. Disponível em: <[urn:nbn:de:bvb:12-bsb00022504-2](https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bvb:12-bsb00022504-2)>. Acesso em: 13 abr. 2017.
- WAGNER, Joao Joakim Thoren; OLIVEIRA, Paulo Sampaio Xavier de. **TRADUZINDO VON DEN ERSTEN DREI ESSENTIIS: ILUSTRANDO O LUGAR DE PARACELSO NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**. Tradução em Revista, [s.l.], v. 2019, n. 26, p. 99-124, 5 jul. 2019. Faculdades Catolicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.40580>.
- WEBER, F. P.. A PORTRAIT MEDAL OF PARACELSUS ON HIS DEATH IN 1541. **The Numismatic Chronicle And Journal Of The Numismatic Society**, Third Series, [s.l.], v. 13, p.60-71, 1893.
- WEBSTER, Charles. Paracelsus Confronts the Saints: Miracles, Healing and the Secularization of Magic. **Social History Of Medicine**, [s.l.], v. 8, n. 3, p.403-421, 1995. Oxford University Press (OUP). <http://dx.doi.org/10.1093/shm/8.3.403>.
- WEIMANN, Karl-heinz. Paracelsus und Kardinal Matthäus Lang als Gegner im Guajak-Streit. **Sudhoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften**, [s.l.], v. 45, n. 3, p.193-200, 1961.

- WEYER, Jost. **Geschichte der Chemie** Band 1 – Altertum, Mittelalter, 16. bis 18. Jahrhundert. Hamburg: Springer Spektrum, 2018.
- WINDLE, Kevin; PYM, Anthony. European Thinking on Secular Translation. Oxford Handbooks Online, [s.l.], p.1-10, 17 mar. 2011. Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199239306.013.0002>
- ZEKERT, Otto. Theophrast Bombast von Hohenheim [Paracelsus]. **Archiv der Pharmazie**, [s.l.], v. 279, n. 9, p.289-294, 1941. Wiley-Blackwell. <http://dx.doi.org/10.1002/ardp.19412790902>.

Anexos

Anexo I – Tradução lado a lado de *Von den ersten drei Essentiis*

(os trechos sublinhados são extraídos da versão Huser)

Versão Wagner 2019	Versão Peuckert 2010 (<u>versão Huser, 1589</u>)
O PRIMEIRO CAPÍTULO	DAS ERSTE KAPITEL
Toda criatura, gerada por seu elemento, é composta de três coisas, que são: <i>sal</i> , <i>sulphur</i> e <i>mercurium</i> ; dos três se forma uma <i>conjunctio</i> , que resulta em um <i>corpus</i> e em um ser unificado.	Ein jegliches Gewächs, das sein Element erzeugt, wird in drei Dinge gesetzt, das ist sal, sulphur und mercurium; aus den dreien wird eine coniunction, die ergibt ein corpus und ein vereinigtcs Wesen.
No que tange o <i>corpus</i> , aqui nada será anunciado, somente do interior do <i>corpus</i> .	Was das corpus anbetrifft, wird hier nicht gemeldet, allein das Innere des corporis.
Seu efeito é triplo: um é o do sal, que desfaz através de purgação, mundificação, balsamização e outras vias semelhantes, e reina sobre aquilo que, deste modo, vá à putrefação.	Seine Wirkung ist dreifach: eine ist des Salzes, die nimmt hin durch Purgieren, das ist Abführen, Mundificieren, das ist Reinigen, Balsamieren und andere dergleichen Wege, und herrschet über das, so zur Faulung geht.
O segundo é o do <i>sulphur</i> e reina sobre aquilo das outras duas [<i>essentiæ</i>] que se torna excessivo ou que se deteriora.	Die andere ist des Sulphurs und herrschet über das, was aus den ändern zweien zu viel wird, oder zerbricht.
O terceiro é o do <i>mercurius</i> , que desagrega aquilo que entre em consumpção.	Die dritte ist des mercurii, und nimmt hinweg, das in die Consumption, das ist Verzehrung geht.
Agora saiba qual seja dos três a forma.	Nun wisse, was von den dreien die Form sei.
Um é um <i>liquor</i> , assim é <i>mercurius</i> ; um é uma oleosidade, este é <i>sulphur</i> ; um é um álcali, esta é [a forma] do sal.	Eins ist ein liquor und das ist mercurii, eins ist eine Öligkeit, die ist sulphuris, eins ist ein Alkali, dies ist vom Salz.
O <i>mercurius</i> é sem <i>sulphur</i> e [sem] sal, <i>sulphur</i> [é] sem <i>mercurio</i> e [sem] sal e o sal [é] sem <i>sulphur</i> e sem <i>mercurius</i> , se cada qual estiver em sua <i>potentia</i> .	Der mercurius ist ohne Sulphur und Salz, der Sulphur ohne Mercurio und Salz, das Salz ohne Sulphur und Mercurio, wenn ein jegliches in seiner potentia steht.
Quanto às <i>operationes</i> que são encontradas in <i>morbis permixtes</i> , é necessário compreender que <i>separatio rerum</i> não é completa, mas que duas [<i>essentiæ</i>] se encontram em uma	Nun welche operationes in morbis permixtis gefunden werden. Es muß verstanden werden, daß separatio rerum nit vollkommen sei, sondern daß zwei (Essentien) in einer Erscheinung

[manifestação], como em <i>hydropisi</i> e assemelhados.	begegnen, wie in <i>hydropisi</i> , der Wassersudu, und dergleichen.
Pois <i>permixtæ ægritudines</i> são aquelas que estejam além de seu <i>seccum</i> [<i>temperatum</i>] ou <i>humidum temperatum</i> (de equilíbrio), assim como muitas vezes <i>mercurius</i> e <i>sulphur</i> desagregam em <i>paralysin</i> , o que é causado por também haver <i>sulphur corporale</i> , se ele estiver læsionado no <i>confin</i> (entorno) circundante.	<u>Denn permixtæ ægritudines sind die, die über sein temperatum hinaus trocken oder feucht sind, wie in paralysin, der Lähmung, mercurius und sulphur aus der Temperatur treten, wenn da auch sulphur corporale mitläuft, oder daß er in der umliegenden confin, das ist Nachbarschaft, laediert ist.</u>
Por isso, aqui há que ter atenção para [o fato de] qualquer <i>morbus</i> poder apresentar forma dupla ou mesmo tripla. Isto é <i>morbi comixtio</i> .	Darum ist hier darauf acht zu haben, daß ein jeglicher morbus zwiefach stehn kann, auch dreifach, das sind dann morbi commixtio.
Por isso, em tais casos, se o <i>medicus</i> recorrer a um <i>simplex</i> , precisa levar em conta o seu nível em <i>liquor</i> , o seu nível em <i>oleo</i> e o seu nível em <i>sal</i> e como está o <i>morbus</i> no <i>confin læsion</i> . Em conformidade [com estes níveis], ele precisa <i>extrahere liquor</i> , <i>sal</i> ou <i>sulphur</i> e <i>attribuere</i> [cada um] de acordo com a necessidade.	Darum muß in diesen Dingen der Medikus, wenn er ein simplex nimmt, beachten, wie hoch es in liquore stehe, wie hoch in oleo, wie hoch in sale, und wie der morbus in der confin læsion steht, darnach muß er liquorem oder salem oder sulphur extrahieren, und nach seiner Notdurft attribuieren.
E, em toda brevidade, precisa ser mantida a regra de que à <i>læsio</i> seja dado um medicamento e ao <i>morbus</i> um outro.	Und in aller Kürze muß die Regel eingehalten werden, daß læsioni eine Medizin gegeben werde, morbo die andere.
O SEGUNDO CAPÍTULO	DAS ANDERE KAPITEL
Porém, os <i>sallia</i> purgam de variadas formas.	Die <i>sallia</i> purgieren, jedoch auf mancherlei Art und Weise.
Um [purga] por <i>secessum</i> (apartação), e são dois <i>salia</i> . Um é <i>sal rei</i> , que transforma as coisas nas fezes; o outro é <i>sal naturæ</i> e expele, razão pela qual sem sal não pode ocorrer evacuação.	Eins per secessum, das ist durch Abscheiden, und sind deren zwei, das eine ist sal rei und digeriert, das ist löst auf, die Dinge im Stuhl; das andere ist sal naturæ und treibt aus, weshalb ohne Salz kein Stuhlgang geschehen kann.
Disto decorre que o <i>sal vulgi</i> auxilia os <i>salibus naturæ</i> .	Aus dem folgt: das sal vulgi oder gemeine Salz den salibus naturæ hilft.
Diversos purgam <i>per vomitum</i> , e este é sal do mais grosseiro; se ele não puder entrar em <i>digest</i> , sufoca no topo, <i>in stomacho</i> . Diversos [purgam] <i>per sudorem</i> , e este é	Etliche purgieren per vomitum, das ist durch Speien, und das ist das gröbste Salz; so es nit in digest, das ist in die Verdauung, gehen kann, erstickts oben in

o sal mais sutil, e é o sal que alcança o sangue.	stomacho, das ist im Magen, — etliche per sudorem, das ist im Schweiß, und das ist das subtilste Salz, und ist das Salz, das in das Blut kommt
Pois os <i>salia ad stercora</i> (nas fezes) e <i>ad vomitum</i> não chegam ao sangue, razão pela qual eles não desencadeiam nenhum <i>sudor</i> , é apenas sal que sai.	Denn die salia ad stercora, im Kot, und ad vomitum kommen nit in das Blut, weshalb sie keinen sudorem provoziert, und es ist nur das Salz, das herausgeht.
Diversos desencadeiam [purgação] através da <i>urina</i> , pois toda a urina é apenas <i>sal superfluum</i> ; o <i>stercus</i> [é] <i>sulphur superfluum</i> .	Etliche provocieren, das ist purgieren durch urinam, denn der ganze Urin ist nur sal superfluum, das ist überflüssiges Salz, der stercus ist sulphur superfluum.
Do <i>liquor</i> , nada <i>superflue</i> é expelido, mas [tudo] permanece dentro.	Des liquoris geht nichts superflue heraus, sondern bleibt drin.
Assim, todas as egestas que saem do corpo são <i>phlegma</i> (muco) que o sal expulsa: pelo nariz, através dos ouvidos, pelos olhos e ainda outras vias.	Alle egest, das heißt Auswürfe, die aus dem Leibe kommen, sind durch das Salz ausgetriebenes phlegma, durch die Nasen, aus den Ohren, durch die Augen und noch anderwärts.
Isto ocorre através do <i>archeus</i> , de onde buscam suas <i>operationes</i> , como indicado no último [exemplo].	Das geschieht durch den archeum, aus welchem sie ihre operationes nehmen, wie im Letzten angezeigt wird.
Agora, como o sal de tipo laxativo provém do <i>archeus</i> – um [sal] <i>purgat</i> o <i>stomacho</i> , pois provém do <i>archeus</i> do <i>stomacho</i> ; um [sal] <i>purga</i> o baço, pois provém do baço do <i>archeus</i> e assim também com o <i>cerebro</i> , <i>iecore</i> (fígado), <i>pulmone</i> e com outros – assim o <i>archeus</i> do <i>membrum</i> origina o <i>microcosmos</i> do <i>membrum</i> .	Wie nun aus dem archeo das Salz laxativischer Art geht, — eins purgiert stomachum, denn es kommt aus dem stomacho archei, eins purgiert die Milz, denn es kommt aus der Milz archei, und so auch mit cerebro, das ist Gehirn, iecore, das ist die Leber, pulmone, die Lunge, und mit anderen, — so ursacht das membrum archei das membrum oder Glied microcosmi.
Agora, sobre <i>alcali</i> e sal, há a saber haver deles diversos [tipos].	Nun aber vom Alkali und Salz ist zu wissen, daß deren mancherlei sind
Um é doce, como [por exemplo] <i>cassia</i> , e este é o sal segregado, que dentre os <i>mineralia</i> é chamado de <i>antimonium</i> .	Eins ist süß wie cassia, das ist Wilder Zimmet, und das ist das separierte Salz, das in den mineralibus Antimonium heißt
Um é azedo, como [por exemplo] <i>sal gemmæ</i> , um é rançoso e está no zingiber, um é amargo e está no <i>rhobarbo</i> e em <i>coloquintide</i> , &c.	Eins ist sauer, wie sal gemmae, eins reiß und ist im Zinziber (Ingwer?), eins bitter und ist im Rhabarber und colocynthide etc.
Além disso, também há que se saber que muitos <i>alcali</i> são gestados, como <i>harmal</i> ; muitos [são] extraídos, como	Dann ist ferner zu wissen, daß viele alcali geboren werden, wie Harmel, das ist der Samen der Waldraute, viele extrahiert wie

<i>scammoneæ</i> , muitos [são] <i>coagulati</i> , como <i>absinthium</i> . Isto deve ser compreendido a partir da forma na qual eles são reconhecidos no sal.	scammonea, das ist Purgierkrautsaft, viele coaguliert wie absinthi, das ist Wermut, das zu verstehen ist aus dem, als was sie im Salz erkannt werden.
De mesmo modo, diversos purgam somente <i>per sudorem</i> , diversos somente por consumpção e assemelhados.	Desgleichen purgieren etliche allein per sudorem, etliche allein durch consumieren, das ist verbrauchen, und dergleichen
E quantas vezes [se encontrar] um <i>sapor</i> peculiar, tantas vezes [se terá] uma <i>operatio</i> e [uma] <i>expulsio</i> peculiar; das quais, porém, há apenas duas [formas]: <i>operatio rei</i> e <i>operatio extincta</i> .	Und so oft ein besonderer sapor, das ist Geschmack, so oft liegt vor eine besondere operatio und expulsio, das ist Austreibung, deren doch allein zwei sind: operatio rei und operatio extincta, das ist austilgende operatio.
O TERCEIRO CAPÍTULO	DAS DRITTE KAPITEL
<i>Sulphur</i> opera <i>exsiccando et consumendo</i> o <i>superfluum</i> ; seja dele próprio, seja das outras [<i>essentia</i>], [o excesso] demanda consumpção pelo <i>sulphur</i> se não esteve ou não está submetido aos <i>sales</i> .	Der Sulphur operiert exsiccando, das ist austrocknend et consumendo das ist verzehrend, das superfluum; es sei von ihm oder von den ändern, so muß es durch den Sulphur konsumiert werden, wenn es den salibus nicht unterworfen wäre oder ist
Como em <i>hydropisi</i> , é necessária a medicina dos <i>sales</i> do <i>archeus</i> do fígado para o desfazimento do que ali houver de <i>putrefactum</i> e <i>corruptum</i> .	Wie in hydropisi, der Wassersucht, gehört die Medizin der salium aus der Leber archei, um hinzunehmen, was da putrefactum, das ist verfault, ist und corruptum, das ist verdorben.
Já a continuação do desfazimento do <i>morbus</i> , esta precisa ocorrer através do <i>sulphur</i> , ao qual tais doenças estão submetidas em sua origem, ainda que não seja qualquer <i>sulphur</i> a fazê-lo.	Weiter aber den morbum hinzunehmen, das muß durch den Sulphur geschehen, dem solche Krankheiten in ihrem Ursprung unterworfen sind, wiewohl es nit ein jeglicher Sulphur tut.
Assim, é disposto pela natureza do elemento que, para toda doença, que determina a natureza do corpo, exista uma contraparte à natureza do elemento, e isto ocorre <i>universaliter</i> e <i>particulariter</i> .	So ist es aus der Natur des Elements produciert oder eingerichtet, daß eine jegliche Krankheit, die die Natur des Leibes macht, ein Gegenteil aus der Natur des Elementes habe, und das geschieht universaliter und particulariter
Por isso, as partir dos <i>genera</i> dos elementos é possível reconhecer os <i>genera morborum</i> .	Drum sind aus den generibus, das ist Geschlechten, des Elements die genera morborum zu erkennen.
Assim, respectivamente, um aponta para o outro.	So zeigt je eins das andere an.
Assim também com o <i>mercurius</i> , que acolhe a si aquilo que é avesso ao sal e ao <i>sulphur</i> . Como tais, temos os <i>morbi</i>	So auch vom mercurio. Der selbige nimmt an sich das, das dem Salz und dem Sulphur absagt, als da sind

<i>ligamentorum, arteriarum, iuncturarum, articularum</i> e assemelhados.	die morbi ligamentorum, das sind die Krankheiten der Bänder, arteriarum oder der Arterien, iuncturarum, das sind die der Querbänder, articularum, das sind die der Gelenke und dergleichen.
Por esta razão, nestas doenças deve se pensar somente em que seja tomado o <i>liquor mercurii</i> .	Darum ist in den selbigen Krankheiten allein daran zu denken, daß der liquor mercurii genommen werde.
Desta forma, através das coisas, devem ser entendidas as citadas <i>ægritudines</i> [doenças] conforme condiz a cada qual, e cada uma, como é reconhecível nela própria, é indicada <i>de specialitate rerum natura in philosophia de re et natura, in Philosophia de re & natura</i> , o que será evitado aqui, por causa de sua extensão.	So sollen durch die Dinge die genannten ægritudines genommen werden, wie es einem jeglichen zusteht. Und ein jegliches, wie es in sich selbst zu erkennen ist, wird De specialitate rerum natura angezeigt und in Philosophia de re et natura, und hier der Länge wegen vermieden.
O QUARTO CAPÍTULO	DAS VIERTE KAPITEL
Também deve o <i>medicus</i> reconhecer três <i>genera omnium morborum</i> : um <i>genus ex sale</i> , um <i>ex sulphure</i> , um <i>ex mercurio</i> .	Es soll auch der medicus drei genera omnium morbrum erkennen, ein genus ex sale, eins ex sulphure, eins ex mercurio.
<i>Ex sale</i> , desta forma: todo <i>morbus laxus</i> é engendrado <i>ex sale</i> , como [por exemplo] <i>fluxus ventris</i> (diarreia intensa), <i>dysenteria, diarrhœa, lienteria, &c.</i> ; e é o sal, que respectivamente ocupa o lugar dele.	Ex sale der gestalt: ein jeglicher morbus laxus, das ist eröffnender Krankheit, wird ex sale generiert, wie fluxus ventris, das ist Bauchfluß, dysenteria, diarrhoea, lienteria, das ist der Magenruhr, etc. und ist das Salz, das jeweils an seiner Statt liegt.
Pois toda egestão, sã ou doentia, provém do sal; uma é <i>sal naturæ</i> , uma é <i>sal corruptum & resolutum</i> .	Denn es kommt eine jegliche Egestion, gesunde und kranke, aus dem Salz; eine ist sal naturae, eine ist sal corruptum et resolutum, das ist aufgelöst.
Daí segue que sua <i>cura</i> (tratamento) precisa, por sua vez, se dar através de <i>salia</i> , de modo que o sal, por sua vez, retifica (corrige) e separa o sal resolvido (dissolvido) do todo.	Daraus folgt, daß seine cura wiederum durch salia geschehen muß, so daß das Salz wiederum rectificiert, und das resolvierte Salz sich vom Ganzen scheidet.
Daí decorre <i>cura sulphurea</i> como <i>confirmatio</i> (corroboração) da atuação no sal, pois isto está em seu poder e é <i>sulphur speciatum ex vi ardhei &c.</i>	Demnach folgt cura sulphurea als eine Confirmation oder Befestigung der Operierung im Salz, denn dessen ist sie gewaltig, und es ist sulphur speciatum ex vi ardhei etc.
Ora, <i>ex mercurio</i> provêm todas as doenças que se situam <i>in arteriis, in ligamentis, articulis ossibus, nervis, &c.</i>	Nun, ex mercurio kommen alle die Krankheiten, die in arteriis liegen, in ligamentis, das ist Bändern, articulis, das ist Gelenken, ossibus, das ist in Knochen, nervis etc.

Pois em outros pontos do corpo <i>substantia mercurii corporalis</i> não prædomina, apenas nos membros exteriores.	Denn an ändern Orten des Leibes prædominiert <i>substantia mercurii corporalis</i> nit, allein in den äußeren Gliedern.
O <i>sulphur</i> alivia <i>membra interiora</i> , <i>scilicet cor</i> (nomeadamente coração), <i>hepar</i> (fígado), <i>cerebrum</i> , <i>renes</i> (rins), &c. e suas doenças devem ser chamadas sulfurinas , pois nelas há <i>substantia sulphurea</i> .	Der Sulphur lindert <i>membra interiora</i> , die inneren Glieder, <i>scilicet cor</i> , das ist Herz, <i>hepar</i> , die Leber, <i>cerebrum</i> , <i>renes</i> , das sind die Nieren etc., und deren Krankheiten sollen sulphurisch geheißen werden, denn in ihnen liegt <i>substantia sulphurea</i> .
Tomemos o exemplo de <i>colica</i> .	Nehmen wir als Exempel das der <i>colica</i> .
Aqui o sal é uma causa, devido às entranhas, onde o sal prædomina, e engendra muitos <i>genera colicæ</i> , nomeadamente um [<i>genus</i>], quando se resolve (dissolve), um [<i>genus</i>] quando <i>indura</i> demais. Se [ele] ultrapassar o seu <i>temperamentum</i> [equilíbrio], úmido ou seco, em <i>cura colicæ</i> o sal humanum deve ser rectificado (corrigido) por salia elementata .	<u>Da ist das Salz eine Ursache, wegen der Eingeweide, in denen das Salz prædominiert, das ist vorherrscht, und macht viel genera colicæ, nämlich ein genus, wenn es sich resolviert, eins wenn es zu sehr induriert, das ist verhärtet, wird.</u> <u>Wenn es über sein Temperament, das ist seine Ausgewogenheit, der Feuchte oder Trockenheit, kommt, so soll in cura colicæ das sal humanum durch salia elementata rectificiert werden.</u>
E quando for usado um sal, outro que o de <i>sulphur</i> , então encare isso como <i>submersiones salis</i> e não <i>cura morborum colicæ</i> .	Und wenn ein ander Salz, wie das vom Sulphur, gebraucht wird, so halte das für <i>submersiones salis</i> , für eine Ertränkung des Salzes, und nicht für <i>cura morborum colicæ</i> .
De mesmo modo, <i>in morbis mercurialibus & sulphureis</i> , sua <i>res</i> deve ser mantida e não deve valer <i>contrarium per contrarium</i> , apenas <i>proprium ad suum innatum</i> .	So sollen auch dermaßen in <i>morbis mercurialibus et sulphureis</i> ihre <i>res</i> behalten werden und nit soll <i>contrarium per contrarium</i> gelten, allein <i>proprium ad suum innatum</i> .
Frio não supera o quente, nem quente [supera] o frio em <i>morbis natis</i> . A <i>cura</i> (tratamento) ocorre por meio daquilo que engendrou o <i>morbum</i> e tomando-lhe o lugar.	Kalt überwindet das Heiß nit, noch Heiß das Kalt in <i>morbis natis</i> ; es geschieht die <i>cura</i> durch das, das den <i>morbum</i> generiert hat und an der selbigen Statt.
O QUINTO CAPÍTULO	DAS FÜNFTE KAPITEL
Os <i>genera morborum</i> se distribuem por muitos <i>ramos</i> e <i>locustas</i> e <i>folia</i> , contudo é sempre o mesmo tratamento.	Die <i>genera morborum</i> teilen sich auch aus in viel <i>ramos</i> , das sind Äste, und <i>locustas</i> , das sind Zweige, und <i>folia</i> , das sind Blätter, es ist jedoch stets die selbige Kur.

<i>Morbus mercurialis</i> é um exemplo de que o <i>liquor mercurialis</i> tem toda esta abundância de <i>ramos</i> , <i>locustas</i> e <i>folia</i> .	Morbus mercurialis ist ein Exempel, daß der liquor mercurialis dermaßen viel ramos, locustas und folia hat.
<i>In pustulis</i> todos os <i>genera</i> estão <i>sub mercurio</i> , pois o <i>morbo</i> é mercuriálico .	So sind in pustulis alle genera sub mercurio, denn der morbus ist mercurialisch.
Alguns <i>galli</i> , estão <i>sub mercurio vulgari</i> , algumas <i>pustulæ</i> [estão] <i>sub mercurio metallino</i> , algumas <i>sub mercurio xylohebeni</i> [ébano], algumas <i>sub mercurii antimonii</i> . A causa é que mercurius quer ir a seus <i>locustas</i> e não sair da ordenação.	Einige galli, das ist Lues, liegen sub mercurio vulgari, einige pustulae sub mercurio metallino, einige sub mercurio xylohebeni das ist Ebenholz, einige sub mercurii antimonii, aus der Ursache, daß mercurius zu seinen Locusten und nit aus der Ordnung gehen will.
Por isso, os <i>liquores mercurii</i> têm de ser compreendidos, pois é ele quem debela aquilo que o seu próprio sal desarranja, e [é] também a segunda [coisa] que nele está, <i>vis consolidativa</i> e <i>incarnativa</i> (ut pro natura mercurii).	Drum müssen die liquores mercurii erforscht werden, denn er ist der, der da dasjenige heilt, das sein eigen Salz zerbricht, und auch das andere, das in ihm liegt, vis consolidativa und incarnativa, das ist die festigende und fleischmachende Kraft, (ut pro natura mercurii.).
O mercurius , porém, se apresenta sob diversas formas; <i>in metallis</i> o <i>liquor mercurii</i> está como metal; <i>in iunipero</i> e <i>hebano</i> (ébano) [está] como madeira; <i>in marcasitas</i> , <i>tálcico</i> , <i>cachimiis</i> [está] como minério; em <i>brassatella</i> , <i>persicaria</i> , <i>serpentina</i> [está] como erva e, ainda assim, é o mesmo [e] único mercurius , que se desvela de modo assim diversificado.	Der mercurius erscheint aber in mancherlei Gestalt; in metallis ist liquor mercurii wie ein Metall, in iunipero, das ist Wacholder, und hebeno, das ist Ebenholz, wie ein Holz, in marcasitas, talkis, cachimiis wie ein Mineral, in brassatella (Kohl?), persicaria, das ist Lausekraut, serpentina, das ist Schlangenkraut, wie ein Kraut, und es ist doch der selbige einige mercurius, der sich so mannigfaltig zeigt
E, assim como <i>de pustulis</i> , também <i>de ulceribus suis</i> : vários buscam obter <i>cura</i> [tratamento] pelo mercurio de <i>persicaria</i> , vários [a buscam] pelo <i>mercurio</i> de <i>arsenico</i> , vários [a querem] pelo mercurio de <i>xylo guaiaco</i> .	Und wie de pustulis, so auch de ulceribus suis; einige wollen ihre cura vom mercurio de persicaria haben, einige vom mercurio de arsenico, einige vom mercurio de xylo guaiaco, das ist vom Guayakhholz.
Por isso, o <i>medicus</i> precisa conhecer <i>arborem morborum</i> (a árvore das doenças) e [<i>arborem</i>] <i>rerum</i> (a árvore das coisas), das quais há diversas.	Darum muß der medicus arborem morborum, das ist den Krankheitenbaum, und rerum, welcher etliche sind, kennen.
Uma é <i>arbor salis</i> , e esta é dupla, <i>rebis</i> e do elemento.	Einer ist arbor salis, der Baum der Salze, und der ist zweifach, des rebis, das ist

	excrementum alvi oder Kot und des Elements.
Igualmente, também <i>arbor sulphuris</i> e [<i>arbor</i>] <i>mercurii</i> .	Ebenso auch <i>arbor sulphuris</i> und <i>mercurii</i> .
Quanto a isso, saiba todo <i>medicus</i> : que não misture duas árvores num tratamento e [que] mantenha a <i>regula</i> : a <i>morbis mercuriabilis</i> dar <i>mercurium</i> , [dar] <i>sal</i> a <i>morbis salinis</i> , [dar] <i>sulphur</i> a <i>morbis sulfureis</i> ; a cada doença o seu <i>appropriatum</i> , como é adequado.	Darauf wisse ein jeglicher <i>medicus</i> , daß er nicht zween Bäume in eine Kur einbrocke und die regulas halte: <i>morbis mercurialibus</i> <i>mercurium</i> zu geben, salem den <i>morbis salinis</i> , das <i>Sulphur</i> den <i>morbis sulphureis</i> , jeglicher Krankheit sein <i>appropriatum</i> , wie es sich geziemt.
Pois, no fundo, há apenas três tipos de medicamento e três tipos de doença. Razão pela qual deve ser evitada a prolongada tagarelice da <i>cavillation</i> (sofisma) das viúvas de Avicena, Mesuæ e me refiro também aos outros.	Denn im Grunde sind nur dreierlei Arznei und dreierlei Krankheiten, drum soll das lange Geschwätz der Cavillation, das ist Sophisterei, der Geigen Avicennas, Mesuae, ich mein auch der andern, vermieden werden.
O SEXTO CAPÍTULO	DAS SECHSTE KAPITEL
Agora, para que com isso tudo um <i>medicus</i> sustente seu <i>concept</i> de modo fácil e sem dificuldade, ele deve agrupar as doenças de acordo com o nome do seu medicamento, do modo que foi começado para as doenças citadas.	Nun, nach diesem: damit ein <i>medicus</i> sein Concept ohne Mühe und leicht trage, soll er alle Krankheiten unter die Namen seiner Arznei aufteilen, wie mit diesen vorgemeldeten Krankheiten angefangen worden ist.
E eu digo assim: ele não deve falar “Isto é <i>icteritia</i> ”. Isto é falta de maestria, pois este tanto qualquer serviçal de roça sabe.	Und ich sage so: er solle nit sprechen: das ist <i>icteritia</i> , oder Gelbsucht, das ist unmeisterlich, denn die Kunst weiß ein jeder Bauernknecht.
Mas você deve falar deste modo: “Isto é <i>morbis leseoli</i> ”. E é por esta razão: assim você engloba <i>curam</i> , <i>proprietatem</i> , <i>nomen</i> , <i>qualitatem dispositionem</i> e <i>artem</i> e <i>scientiam tuam</i> em uma [única] designação.	Aber du sollst so sprechen: das ist <i>morbis leseoli</i> , und das darum: hierin einbegreifst du <i>curam</i> , <i>proprietatem</i> , <i>nomen</i> , <i>qualitatem dispositionem</i> und <i>artem</i> und <i>scientiam tuam</i> in einem Namen.
Pois <i>leseolum</i> debela <i>icteritia</i> e nada que não somente o <i>morbum</i> .	Denn <i>leseolum</i> kuriert <i>icteritiam</i> und sonst nichts als allein den <i>morbum</i> .
Agora você está absolvido <i>ab omnibus erroribus</i> e o tratamento irá lhe atestar que <i>in leseolo</i> está a mais elevada <i>diaphonia</i> (transparência) do sal, colorada e fixada por meio do <i>fusum topazium</i> .	Nun bist du <i>ab omnibus erroribus</i> absolviert und die Kur wird es erproben, daß in <i>leseolo</i> die höchste <i>diaphonia</i> , das ist Durchsichtigkeit des Salzes, liegt, die über <i>fusum topazium</i> , das ist Erguß des Topas, hinaus coloriert und figiert ist.

Ora, <i>icteritia</i> também é o sal diaphanizado da amarelidão e precisa ser deslocado por [um] seu semelhante.	Nun ist icteritia auch das diaphinierte Salz von der Gilbe und muß durch seinesgleichen hintan getrieben werden.
Igualmente <i>arsenicata</i> e o sal que faz <i>icteritia</i> , ele também é uma mãe <i>arsenicati</i> e <i>leseoli</i> , porém gestado por duas mães, a anuálica e a [outra] elementálica	Arsenicata und das Salz, das icteritiam macht, ist auch eine Mutter arsenicati und leseoli, aber ist aus zween Müttern geboren, der annualischen und der elementischen.
Deste modo, quero, aqui neste libreto, que as três <i>arbores</i> sejam bem compreendidas, pois quem não conhece a semente destas árvores, está pleno de descaminhos.	So will ich hier in diesem Buch, daß die drei arbores wohl zu verstehen seien, denn wer den Samen dieser Bäume nicht kennt, der ist voller Irrungen.
Adiante, [diga] “Isto é <i>morbus auri</i> ” e não diga “ <i>lepra</i> ”.	Nun weiter: sage das ist morbus auri, und sprich nit lepra.
Eu também não digo qual é a sua <i>species</i> , mas está medicinalmente bem dito, pois este nome indica qual cura (tratamento) você tem <i>in lepra</i> . Isto é muito mais do que se você dissesse: “É <i>lepra</i> ”:	<u>Ich sage auch seine species nicht, und (aurum) ist gut arzneiisch geredet, da dieser Name anzeigt, was du für eine Kur in lepra hast, was viel mehr ist, als daß du sprächest: es ist lepra.</u>
Tal até o sacristão sabe.	Das weiß der Messner auch.
Então eu digo desta forma: “Isto é <i>morbus tincturae</i> ”; daí depreende alguém versado ser de seu conhecimento o que seja uma <i>tinctura</i> e como uma <i>tinctura</i> regenera e faz revivificar a idade.	So sprech ich: das ist morbus tincturae; aus dem versteht der Erfahrene, daß du im Wissen habest, wie tinctura sei und wie tinctura regeneriere und das Alter renascieren, das ist wiedergebären, macht.
De mesmo modo, eu digo: “Isto é <i>morbus vitrioli</i> ”, e isto prova a expertise, que você tratou <i>species epilepsiae</i> através de <i>oleum vitrioli</i> ou através do seu <i>spiritus</i> (destilado).	So auch sage ich: das ist morbus vitrioli, und das beweist die Experienz, daß du nämlich species epilepsiae durch oleum vitrioli oder durch seinen spiritum kuriert hast.
Tais coisas os escritos propagam a torto e a direito	Solches lehren die Schriften hin und her.
Por aqui certamente se encaixar na teoria do meu intento, que mal faria anunciar como a teoria teria de ser modificada.	Weil es mir hier in die Theorie meines Vorhabens dient, was schadets anzuzeigen, wie die Theorie geändert werden müßte.
Mas, eu ter feito isto à moda teórica, esta é a causa de o tipo especial, a partir do qual as três primeiras [<i>essentiae</i>] são deduzidas, e a origem além dos	Daß ich aber solches nach theorischer Art geschrieben habe, ist dieses die Ursache, daß die specialische Art aus den drei Ersten abgeleitet wird, und ferner die

<p><i>mysteria</i> da natureza, ali trancados pelos auctores alquímicos, serem a origem partindo da qual, eu quero pôr adequadamente à prova minha teoria de ambas as origens - dos elementos em seu surgimento; da anuálica, em sua geração - e deles tirar o fundamento de minha teoria.</p>	<p>mysteria der Natur, die da durch die alchemistischen Autoren verschlossen worden sind, aus welchen mysteriae ich billig meine Theorie beider Ursprünge, der Elemente in ihrer Producierung, der annualischen in ihrer Generation, zur Probe stellen will und aus ihnen den Grund der Theorie nehmen.</p>
<p>Para seguir teoretizando, de que força se componham as [forças] incarnatívas: somente de mercurio. Ele cura <i>vulnera</i> [feridas] em longo tempo, especificamente através do mercurium in resina, ainda mais rápido na forma do mercurius in mumia, ainda mais rápido na forma do mercurius in tartaro.</p>	<p>Nun ist weiter zu theoretisieren, aus was Kraft die incarnativischen seien.</p> <p>Allein aus mercurio; der heilt vulnera, das ist Wunden, in langer Zeit, nämlich durch den mercurium in resina, das ist in den Harzen, noch schneller als der mercurius in mumia, noch schneller als der mercurius in tartaro.</p>
<p>De mesmo modo, também [é] <i>in ulcera</i>, diversas <i>ulcera cancrorum</i>, algumas <i>æsthiomena</i> e <i>heripselas</i>.</p>	<p>Eben dermaßen auch in ulceribus, das ist in Geschwüren, einigen ulcera cancrorum, (das sind Krebsgeschwüre), einigen aesthiomena und herisipelas, (das sind Hautentzündungen).</p>
<p>De tais forças mercuriálicas há muito <i>in elementaten</i> e <i>in annualibus</i>, que foram, todas, encontradas através da expertise daqueles versados em saber em quais coisas está o mercurius e em quais estão outras [<i>essentiæ</i>].</p>	<p>Solcher mercurialischen Kräfte sind viel in Elementaten und in annualibus vorhanden, die alle aus der Experienz gefunden worden sind durch die, die verstehen, in welchen Dingen der mercurius liegt, und in welchen andere liegen.</p>
<p>Estes também sabem preparar este mesmo mercurium; um <i>in topazinum</i>, um <i>in crocum sandalinum</i>, um num <i>spiritus</i> (destilado), cada qual em sua <i>exaltatio</i> (elevação), na qual se alegre e está no seu melhor.</p>	<p><u>Desgleichen muß man auch wissen den selbigen mercurium zu bereiten, einen in topasinum, einen in crocum sandalinum, das ist Sandelholzblüte, einen in einem spiritum, einen jeglichen in seiner exaltationem, in der er sich erfreut und am besten ist.</u></p>
<p>E, apesar de ser tudo um mesmo mercurius, ele quer ser requisitado à medida em que se tenha necessidade dele.</p>	<p>Und obwohl es alles ein mercurius ist, so will er doch in den Maßen hervorgezogen werden, wie man sein bedarf.</p>
<p>Por isso, dizemos aqui que <i>vis incarnandi</i> e [<i>vis</i>] <i>consolidandi</i> sejam somente mercurius, no qual não deve haver nem sulphur, nem sal, mas levado [à condição de] liquor límpido e transparente.</p>	<p>Darum sagen wir hier, daß vis incarnandi und consolidandi allein mercurius sei, in dem kein Sulphur und kein Salz sein darf, sondern es wird in seinen lauterem liquor gezogen und gebracht.</p>

Tal também há a se saber do <i>sulphur</i> e do sal: que vocês lidem com eles deste modo e saibam sua <i>exalatio</i> , se vocês, de outro modo, quiserem ser chamados de <i>medici</i> e, de livre e espontânea vontade, fazer os seus doentes saudáveis.	Solches ist auch vom sulphure und Salz zu wissen, daß ihr dermaßen mit ihnen handelt und ihre Exaltation wißt, wenn ihr anders medici geheißen sein und eure Kranken aus freien Stücken gesund machen wollt.
Deve espantar e deixar confuso Porphyrius que <i>saphirus</i> e o nobre <i>iaspis</i> (jaspe) sejam <i>mercurius</i> , enquanto ele [Porphyrius] não o veja e não o tome na mão – ele que até agora não vivenciou nenhuma expertise nem ambiciona aprender e ainda assim dá bom dia a cavalo.	Es muß den Porphyrius verwundern und irrig machen, daß saphirus und der edel iaspis soll der mercurius sein, dieweil er es nicht sehe und in die Hand nehme, — der doch sonst bisher keiner Experienz erfahren ist noch zu lernen begehrt, und bellt doch Kälber an.
O OITAVO CAPÍTULO	DAS ACHTE KAPITEL
Porque o zingziber é diaphoretico (indutor do suor)?	Warum ist der Zinziber (Ingwer?) diaphoretisch, das ist schweißtreibend?
Isto desencadeia o sal, de cujo <i>corpus</i> ele é constituído, e assim é por força do <i>ignis</i> (do fogo), através da qual as <i>generationes</i> (ut in filosofia) ebolem e, por sua fervura, ele deopila e leva os <i>humores sulphuris, salis</i> e <i>mercurii</i> ao segundo, terceiro e quarto grau da ebulição.	<u>Das ursacht das Salz, aus welchem corpus er gemacht ist, und ist die selbige Kraft des ignis, das ist des Feuers, durch welche die generationes ebullieren, das ist sieden, und durch sein Sieden deopiliert es, das ist führt es ab, und bringt die humores sulphuris, salis und mercurii in den ändern, dritten und vierten Grad der Ebulliz.</u>
E conforme seja a igneidade do sal, na mesma medida ele acende o grau, através do qual as humidades se revelam destilando para fora <i>per poros</i> e [per] <i>guttas</i> .	Und je nachdem es aus der Igneitaet des Salzes ist, darnach zündet es den Grad an, durch welchen Grad die Humiditaeten per poros und guttas, das sind Tropfen, heraus an den Tag destillieren.
Do fato de os mundificativos mundificarem apenas por força apenas do sal, como [fazem] <i>mel</i> e outros; decorre que <i>in melle</i> está o sal de <i>balsamum</i> , que não permite o apodrecimento.	Die Mundificativischen, das sind Reinigenden, mundificieren allein aus Kraft des Salzes, wie mel, das ist Honig, und anderes; daraus folgt auch, daß in melle das Salz balsami liegt, das nicht faulen läßt.
Assim também <i>in balsamo</i> , que é o mais nobre sal apresentado pela natureza.	So auch in balsamo, welcher das edelste, aus der Natur producierte, Salz ist.
Falemos de <i>virtute attractiva</i> , - esta é a forma sulfurina. Assim como <i>in gummis</i> (gomas vegetais) – que atraem por força de sua sulfureidade, pois <i>mastix</i> (resina) é	<u>Von virtute attractiva, das ist der anziehenden Kraft, zu reden, — das ist eine sulphurische Art, wie in gummis, die ziehen an aus kraft ihrer Sulphureitaet,</u>

<i>sulphur productum</i> , igualmente <i>opoponax</i> (certas resinas vegetais) <i>galbanum</i> e outros.	<u>denn Mastix ist sulphur productum, ebenso auch Opoponax, das ist Balsamstaudensaft, galbanum und andere.</u>
E não se sustenta a fala de vários que dizem “ <i>calidi est attrahere</i> ”. Diga, isto sim: “ <i>sulphurum est attrahere</i> ”, e isto é verdadeiro.	Der Spruch einiger, die da sagen „calidi est attrahere“, das ist: Wärme zieht an, ist nicht zu halten, sondern man muß sprechen: sulphurum est attrahere, und das ist wahr.
Pois coisa quente atrai apenas ali onde está, isto é, ali onde queima – e estas são as causas: o que queima ali é o <i>sulphur</i> e este não é fixo, e por isso ele se evade como os <i>gummi</i> o fazem; <i>laxativa</i> e assemelhados atraem, igual ao magneto, de locais onde eles não estão.	<u>Denn heißes Ding zieht allein da, wo es brennt, das ist da es brennt — und hat die Ursachen: was da brennt, das ist der Sulphur, und ist nicht fix, darum flieht er, wie die gummi tun; laxativa und dergleichen ziehen, gleich dem Magneten von den Orten, da sie nicht sind.</u>
Agora, o fato de os <i>salia</i> fazerem atrair, e o fato de o sal ser imposto ao <i>sulphur</i> e ser coagulado por meio do <i>spiritum sulphuris</i> , são a razão de atrair para além do local em que está.	<u>Warum aber die salia ziehend macht, daß das Salz dem Sulphur imprimiert ist und durch den spiritum sulphuris coaguliert, darum zieht es weiter, als es liegt.</u>
Assim, também os <i>repercussiva</i> são sulfurinos , sejam quentes ou frios, verdes ou azuis, pois é da característica rechaçativa do <i>sulphur</i> ir <i>ad centrum</i> , levando de roldão diante de si o que ele encontrar <i>de mobilibus</i> pela frente.	So sind auch die repercussiva, das sind Zurücktreibende, sulphurisch, sie seien heiß oder kalt, grün oder blau, denn es ist des repercussivischen sulphuris Art, daß er ad centrum geht und vor sich, was er de mobilibus ergreift, hinweg treibt.
E não é como dizem: “ <i>frigidi est repercutare</i> ”.	Und es stimmt nicht, was sie sagen „frigidi est repercutare“, das ist: Kälte läßt zurückgehen.
A boa gente pensa ter pego o touro pelos chifres, sendo que lhe meteram a mão no rabo.	Die guten Leute meinen, sie hätten den Fuchs beim Schwanz; da haben sie ihm gar in den Arsch gegriffen.
Teria de ser um albertista refinado para querer defender a regra, ainda que já viesse em meio às ervas daninhas dos <i>græci</i> (<i>latius in philisophia</i>).	Es müßte ein subtiler Albertist sein, der die Regel beschirmen könnte, und wenn er gleich schon in die Raden der Graeci käme.
O NONO CAPÍTULO	DAS NEUNTE KAPITEL
Mas, o que devemos saber <i>de confortativis</i> (aquilo que fortalece), isto ensina a <i>explanatio archei</i> , que é semelhante ao ser humano, está nos quatro elementos e é um <i>archeus</i> composto de quatro <i>partes</i> .	<u>Was wir aber de confortativis, das ist von den Stärkenden, wissen sollen, lehret die Explanatio, das ist Ausbreitung, archei, der so gleich dem Menschen ist und liegt in den vier Elementen, und ist ein archeus, und ist in vier partes gesetzt.</u>

Digamos então que ele é o grande <i>cosmos</i> , o ser humano [é] o pequeno <i>cosmos</i> , e um é como o outro. Dele vem a força da <i>confortatio</i> .	Sage also: er ist der große Kosmos, der Mensch der kleine, und ist einer wie der andere. Aus dem kommt die Kraft confortationis.
Aquilo que parte do <i>archeus</i> do coração é <i>cordis confortatium</i> , como <i>aurum</i> , esmeralda, coraes e muitos outros.	Was da aus dem Herzen archei geht, das ist cordis confortativum, eine Herzstärkung, wie aurum, das ist Gold, Smaragd, Corallen und viel anderes.
Aquilo que parte do fígado, <i>conforta</i> ao pequeno <i>cosmos</i> o fígado, e assim por diante. Tal força revigorante não é fornecida por <i>mercurius</i> , nem por <i>sulphur</i> , nem por sal; fornece-a, porém, o <i>cor elementorum</i> e dele ela provém.	Was aus der Leber ist, confortiert dem kleinen Kosmos seine Leber, und so für und für. Solche stärkende Kraft gibt der mercurius nicht, noch der sulphur noch das Salz, es gibt sie aber cor elementorum und sie kommt aus dem.
<i>In elementis</i> , ela é a força que a produz [força da <i>confortatio</i>] e transforma uma semente numa árvore, e é uma força do elemento, pois a árvore fica e se mantém em pé e se erige.	<u>Die Stärke, die sie produciert, ist in elementis, und macht aus einem Samen einen Baum, und ist eine Stärke des Elements, daß der Baum steht und bleibt und richtet sich auf.</u>
Assim também palha e feno; esta é uma força exterior, que os olhos vêem.	So Heu und Stroh auch; das ist eine äußere Stärke, die die Augen sehen.
Assim uma tal força também está <i>in animalibus</i> , através da qual eles andam, ficam em pé e se movem; assim, ela também está <i>in productis</i> .	So ist eine solche Stärke auch in animalibus, aus der sie gehen, stehen und sich bewegen; so ist sie auch in productis.
Ainda há mais uma [força], que não está diante dos olhos, e é a força em si mesma, que faz permanecer saudável e fresco aquilo em que [ela] esteja.	<u>Dann ist noch eine, die nicht vor Augen liegt, und ist die Stärke an sich selbst, dass dasjenige gesund und frisch bleibt, darin sie ist.</u>
E este é o <i>spiritus naturæ</i> , de tal modo que cada coisa o possui, senão putrefaria.	Und das ist der spiritus naturae, dergestalt, daß ein jegliches Ding denselben hat, sonst verdürbe es.
Este mesmo <i>spiritus</i> permanece fixo em seu <i>corpus</i> e é aquele que fortalece o ser humano segundo o qual é reconhecido.	Der selbige spiritus bleibt fix in seinem Corpus und ist der, der da den Menschen, nach dem er erkannt wird, confortiert.
Assim a força do <i>archeus</i> passa ao <i>cosmos</i> menor, por meio dos végetos.	So geht die Kraft archei durch das Mittel der Vegetabilien in den minderen Kosmos.

Anexo II Trechos com tradução baseada na edição Huser

Cotejo de trechos da tradução Wagner 2019, coletânea Peuckert 2010 e edição Huser 1589

(do alto, em sentido horário)

<p>Pois <i>permixtæ ægritudines</i> são aquelas que estejam além de seu <i>seccum</i> [<i>temperatum</i>] ou <i>humidum temperatum</i> (de equilíbrio), assim como muitas vezes <i>mercurius</i> e <i>sulphur</i> desagregam em <i>paralysin</i>, o que é causado por também haver <i>sulphur corporale</i>, se ele estiver læsionado no <i>confin</i> (entorno) circundante.</p>	<p>Denn permixtæ ægritudines sind die, die über sein temperatum hinaus trocken oder feucht sind, wie in paralysin, der Lähmung, mercurius und sulphur aus der Temperatur treten, wenn da auch sulphur corporale mitläuft, oder daß er in der umliegenden confin, das ist Nachbarschaft, laediert ist.</p>
---	---

<p>Aqui o sal é uma causa, devido às entranhas, onde o sal prædomina, e engendra muitos <i>genera colicæ</i>, nomeadamente um [<i>genus</i>], quando se resolve (dissolve), um [<i>genus</i>] quando <i>indura</i> demais. Se [ele] ultrapassar o seu <i>temperamentum</i> [equilíbrio], úmido ou seco, em <i>cura colicæ</i> o <i>sal humanum</i> deve ser rectificado (corrigido) por <i>salia elementata</i>.</p>	<p>Da ist das Salz eine Ursache, wegen der Eingeweide, in denen das Salz prædominiert, das ist vorherrscht, und macht viel genera colicæ, nämlich ein genus, wenn es sich resolviert, eins wenn es zu sehr induriert, das ist verhärtet, wird, wenn es über sein Temperament, das ist seine Ausgewogenheit, der Feuchte oder Trockenheit zuneigt, — drum soll in cura colicæ das sal humanum durch salia elementata rectificiert werden.</p>
--	--

Eu também não digo qual é a sua <i>species</i> , mas está medicinalmente bem dito, pois este nome indica qual cura (tratamento) você tem <i>in lepra</i> . Isto é muito mais do que se você dissesse: “É <i>lepra</i> ”.	Nun weiter: sage das ist morbus auri, und sprich nit lepra. Ich sage auch seine species nicht, und (aurum) ist gut arzneiisch geredet, da dieser Name anzeigt, was du für eine Kur in lepra hast, was viel mehr ist, als daß du sprächest: es ist lepra.
--	--

Auri, vnd sprich nit Lepra. Ich sag auch nit sein species, vnnnd ist gut Arzneyisch geredt/ in der gestalt/ das diser namm anzeigt/ was du für ein Eur hast in Lepra, das viel mehr ist/ dann daß du sprichst/ es ist Lepra: Das weist d' Mesuer auch. Also sprich

Estes também sabem preparar este mesmo <i>mercurium</i> ; um <i>in topazinum</i> , um <i>in crocum sandalinum</i> , um num <i>spiritus</i> (destilado), cada qual em sua <i>exaltatio</i> (elevação), na qual se alegre e está no seu melhor.	Desgleichen muß man auch wissen den selbigen mercurium zu bereiten, einen in topasinum, einen in crocum sandalinum, das ist Sandelholzblüte, einen in einem spiritum, einen jeglichen in seiner exaltationem, in der er sich erfreut und am besten ist.
---	---

andere ligendt. Dergleichen auch wissen denselben Mercuriū zubereiten / Einen in Topazinum, Einen in Crocum Sandalium, Einen in einen Spiritum, Einen jedlichen in sein Exaltationem, warin er sich freuen sol vnd am besten ist. Vnd wiewol

Isto desencadeia o sal, de cujo <i>corpus</i> ele é constituído, e assim é por força do <i>ignis</i> (do fogo), através da qual as <i>generationes</i> (<i>ut in filosofia</i>) ebolem e, por sua fervura, ele deopila e leva os <i>humores sulphuris, salis e mercurii</i> ao segundo, terceiro e quarto grau da ebulição.	Warum ist der Zinziber (Ingwer?) diaphoretisch, das ist schweißtreibend? Das ursacht das Salz, aus welchem corpus er gemacht ist, und ist die selbige Kraft des ignis, das ist des Feuers, durch welche die generationes ebullieren, das ist sieden, und durch sein Sieden deopiliert es, das ist führt es ab, und bringt die humores sulphuris, salis und mercurii in den ändern, dritten und vierten Grad der Ebulliz.
---	--

Ermassen/warum ist d' Zinziber diaphoretisch? vrsacht das Salz auß welchem Corpus er gemacht ist/ vnnnd ist dieselbige krafft des Ignis, durch wellichs ebulliern die generationes, (vt in Philosophia) vnd durch sein sieden/ deopiliert es/ vnd macht die Humores Sulphuris, Salis, vnd Mercurij in den Andern/ Dritten vnd Vierten Grad der Ebulliz:

<p>Isto desencadeia o sal, de cujo <i>corpus</i> ele é constituído, e assim é por força do <i>ignis</i> (do fogo), através da qual as <i>generationes</i> (<i>ut in filosofia</i>) ebolem e, por sua fervura, ele deopila e leva os <i>humores sulphuris, salis e mercurii</i> ao segundo, terceiro e quarto grau da ebulição.</p>	<p>Warum ist der Zinziber (Ingwer?) diaphoretisch, das ist schweißtreibend? Das ursacht das Salz, aus welchem corpus er gemacht ist, und ist die selbige Kraft des ignis, das ist des Feuers, durch welche die generationes ebullieren, das ist sieden, und durch sein Sieden deopiliert es, das ist führt es ab, und bringt die humores sulphuris, salis und mercurii in den ändern, dritten und vierten Grad der Ebuliz.</p>
--	--

<p>Falemos de <i>virtute attractiva</i>, - esta é a forma sulfurina. Assim como <i>in gummis</i> (gomas vegetais) – que atraem por força de sua sulfureidade, pois <i>mastix</i> (resina) é <i>sulphur productum</i>, igualmente <i>opoponax</i> (certas resinas vegetais) <i>galbanum</i> e outros.</p>	<p>Von virtute attractiva, das ist der anziehenden Kraft, zu reden, — das ist eine sulphurische Art, wie in gummis, die ziehen an aus kraft ihrer Sulphureitaet, denn Mastix ist sulphur productum, ebenso auch Opoponax, das ist Balsamstaudensaft, galbanum und andere.</p>
---	---

Pois coisa quente atrai apenas ali onde está, isto é, ali onde queima – e estas são as causas: o que queima ali é o <i>sulphur</i> e este não é fixo, e por isso ele se evade como os <i>gummi</i> o fazem; <i>laxativa</i> e assemelhados atraem, igual ao magneto, de locais onde eles não estão.	Denn heißes Ding zieht allein da, wo es brennt, — und das hat die Ursache: was da brennt, das ist der Sulphur, und der ist nicht fix, darum fliegt er, wie die gummi tun; laxativa und dergleichen ziehen, gleich dem Magneten von den Orten, da sie nicht sind.
---	--

Agora, o fato de os <i>salia</i> fazerem atrair, e o fato de o sal ser imposto ao <i>sulphur</i> e ser coagulado por meio do <i>spiritum sulphuris</i> , são a razão de atrair para além do local em que está.	Warum aber die salia ziehen, macht, daß das Salz dem Sulphur imprimirt ist und durch den spiritum sulphuris coaguliert, darum zieht es weiter, als es liegt.
--	--

Mas, o que devemos saber <i>de confortativis</i> (aquilo que fortalece), isto ensina a <i>explanatio archei</i> , que é semelhante ao ser humano, está nos quatro elementos e é um <i>archeus</i> composto de quatro <i>partes</i> .	Was wir aber de confortativis, das ist von den Stärkenden, wissen sollen, lehret die Explanatio, das ist Ausbreitung, archei, der so gleich dem Menschen ist und liegt in den vier Elementen, und ist ein archeus, und ist in vier partes gesetzt.
--	--

<i>In elementis</i> , ela é a força que a produz [força da <i>confortatio</i>] e transforma uma semente numa árvore, e é uma força do elemento, pois a árvore fica e se mantém em pé e se erige.	Die Stärke, die sie produciert, ist in elementis, und macht aus einem Samen einen Baum, und ist eine Stärke des Elements, daß der Baum steht und bleibt und richtet sich auf.
---	---

vnnnd kommt auß dem. In Elementis ist die stercke / die sie produciert vnnnd macht auß einem Samen einen Baum / vnnnd ist ein stercke des Elements / da der Baum steht vnnnd bleibt / vnnnd richt sich auff. Also Hey vnd Stroh auch / das ist ein eusserliche stercke / die die Augen sehendt: Also ist ein solche ster-

Ainda há mais uma [força], que não está diante dos olhos, e é a força em si mesma, que faz permanecer saudável e fresco aquilo em que [ela] esteja.	Dann ist noch eine, die nicht vor Augen liegt, und ist die Stärke an sich selbst, das dasjenige gesund und frisch bleibt, darin sie ist.
---	--

Nuhn ist noch eine / die nicht vor den Augen ligt / vnd ist die stercke in ihr selbst / daß das jenig Gesundt vnnnd Frisch bleibt / darinn es ist: Vnnnd ist der Spiritus Naturæ : In der gestalt /

Von den ersten dreyen

Essentijs, darauß Componirt wirt
das Generatum.

Das Erste Capitel.

In jetliche gewechs/ daß sein Element producirt/ wirt in drey ding geset/ dz ist/ in Sal, Sulphur vñnd Mercurium: Auß den dreyen wirt ein Coniunction/ die gibt ein corpus vñnd ein vereinigts wesen. Was hie dz corpus antrifft/ wirt nicht gemelt/ allein das inner des corporis.

Sein Wirkung ist dreyfach: Eine ist des Salts/ die nimpt hin/ durch purgieren/ mundificieren/ balsamieren/ vñnd dergleichen andere solche weg/ vñnd herrschet vber das/ so zu der feurung geht.

Die ander ist des Sulphurs/ vñnd herrschet vber das/ was zu viel wirt auß den andern zweyen/ oder zerbricht.

Die dritte ist des Mercurij, vñnd nimpt hinweg/ das in die Consumption geht.

Nuhn aber zu wissen von den dreyen/ was sein form sey. Eins ist ein Liqueur, vñ ist Mercurij, Eins ist ein Oleitet/ die ist Sulphuris, Eins ist ein Alkali, diß ist vom Saltz. Der Mercurius ist ohn Sulphur vñnd Saltz/ der Sulphur ohn Mercurio vñnd Saltz/ das Saltz ohne Sulphur vñnd Mercurio: so ein jetliche steht in seiner potentia.

Aber welche operationes erfunden werden in morbis permixtis, soll verstandē werden/ daß separatio rerū nit vollkōmē ist/ sondern zwey in einē/ als in Hydropisi vñ andern dergleichen. Dann permixte ægitudines sind die/ so vber sein succū od humidum temperatū stehnd: als offtermals Mercurius vñ Sulphur neñen hin Paralytim, auß vrsachē/ daß da auch mitlaufft Sulphur corporale, od dz er la diert ist in d Confin vmbtigend. Daruñ hie acht zu haben ist/ das ein jetlicher morbus zwysfach stehn mag/ auch dreyfach/ dz ist morbi commixtio: In solchem d Medicus betrachten soll/ so er ein simplex nimpt/ wie hoch es

Von den Drehen

stand in Liquore, wie hoch in Oleo, wie hoch in Sale, vnd wie der morbus in der Confin Læſion stand: demſelbigen nach extrahieren Liquorem oder Saleem oder Sulphur, vnnnd in ſeiner noturfft attribuiren. Vnd mit kürz die Regel behalten ſoll werden/ das ein Medicin geben werde Læſioni, die ander Morbo.

Das Ander Capitel.

Die Salia purgieren/ doch in mancherley weg: Eins per leceſſum, vnd ſind zwey Salia: das ein iſt Sal rei vnnnd digeriert die ding in Stul: Das ander iſt Sal naturæ vnd treibt auß/ daruñ ohne Salz kein ſtulgang geſchehen mag. Auß dem folgt/ das Sal vulgi hilfft Salibus naturæ. Etlich purgieren per vomitum, vnnnd iſt das gröbiſt Salz/ ſo es nit in Digest gehn mag/ erſtickt obē in Stomacho. Etlich per ſudorem, vnnnd iſt das ſubtiliſt Salz/ vnd iſt das Salz/ daſ in das Blüt kompt: dann die Salia ad ſtercora vnd ad vomitum kommen in das Blüt nit: darumb ſie keinen ſudorem prouocieren/ vnd iſt nur Salz/ was herauß geht. Etlich prouocieren durch Yrinam, dañ der gang Brin iſt nur Sal ſuperfluum: Der ſtercus, Sulphur ſuperfluum: Deß liquoris geht nichts ſuperfluū herauß/ ſonder bleibt in ihm. Alſo ſind alle Egeſt/ ſo auß dem Leib kommen/ durch dß Salz außgetrieben Phlegma, durch die Naſen/ das auß den Ohren/ durch die Augen/ vñ in ander weg. Sollich wirt durch den Archeum verſtanden auß welchen ſie ihre operationes nehmen/ als im leſten angezeigt wirt.

Wie nun auß dem Archeo, das Salz laxatiuiſcher art geht: Eins purgirt Stomachum, wañ es kompt auß dem Stomacho Archei: Eins purgirt das Milz/ wañ es kompt auß dem Milz Archei. Alſo auch mit Cerebro, lecore, Pulmone vnd mit andern/ alſo vrsacht das membrum Archei, das membrum Microcoſmi.

Nun aber vom Alkali zuwiſſen vnd Salz/ iſt mancherley: Eins iſt ſüß als Caſſia, vnnnd iſt das ſepariert Salz/ das in den mineralibus Antimonium heiſt: Eines iſt ſawr/ als Sal Gemma: Eins rāß/ vnnnd iſt im Zinzibere: Eins bitter/ vnd iſt im Rhabarbaro vnd Coloquinthide, &c. Darauff zuwiſſen iſt/ das vil Alkali geboren werden/ als Harmel, viel extrahiert als Scammoz

Ersten Essentiis.

17

Scammonæ, vil coagulirt/als Absinthij. Das zuuerstehen ist auß dem/als sie im Salz erkennt werden. Dergleichen Purgiern etlich allein per sudorē, etlich allein durch Consumiren/ vnd dergleichen. Dann als oft ein besonder sapor, als oft ein besondere operatio vnd expulsiō, deren doch allein zwo sind/ das ist/operatio rei, vnd operatio extincta.

Das Dritte Capitel.

SEr Sulphur operiert exiccando & consumendo superfluum, es sey von ihm od von den anderen/so soll es durch den Sulphur consumirt werden/so es den Salibus nicht vnderworffen were oder ist. Als in Hydropisi gehört die Medicin der Salium auß der Lebern Archei, hinzunehmen das da putrefactum ist vnd corruptum. Weiter aber den morbum hinzunehmen/so muß es durch den Sulphur beschehen/dem solche krankheiten vnderworffen sind in ihrem vrsprung: wiewol es nit ein jetlicher Sulphur thut. Also ist es producirt auß der Natur des Elements/das ein jetliche krankheit/so die Natur des Leibs macht/ein gegentheil auß der Natur des Elements hab/vnnd das geschicht vniuersaliter vnd particulariter. Darumb auß den generibus des Elements/die genera morborum zu erkennen sind: also zeigt je eins das ander an.

Also auch von Mercurio, derselbig nimpt an sich das/so dem Salz vnnd dem Sulphur absagt: als dann sind die morbi ligamentorum, arteriarum, iuncturarum, articulorum, vnnd dergleichen. Darumb in denselbigen krankheiten allein zubesenden ist/das der liquor Mercurij genommen werd. Also sollen durch die ding/die genannten agitudines genommen werden/so einem jetlichen zusicht/vñ ein jetlichs/wie es in jm selbs zuerkennen ist/de specialitate rerum in natura angezeigt wirt/in Philosophia de re & natura, vnd hie lenge halb vermitteln.

Das Vierde Capitel.

Also soll auch der Medicus verstehn/drey genera omnium morborum: ein genus ex Sale, eins ex Sulphure, eins ex Mercurio. Ex Sale in der gestalt: ein jetlicher morbus laxus wirt ex Sale generirt/als fluxus ventris, Dysente-

DD

ria, Diarrhoea, Lienteria, &c. vnd ist das Salz dz an seiner statt ligt/dann es kompt ein jettliche Egestion auß dem Salz/gesund vnd frantz/eins ist Sal naturæ, eins ist Sal corruptum & resolutum: Auß das folgt/das sein Cura herwiderumb/durch Salia beschehen muß: Also das Salz herwiderumb rectificiert/vnd scheidt das resoluit Salz vom gangen. Demnach folgt Cura Sulphurea, als ein confirmation d operirung im Salz: den sie des gewaltig ist vnd ist Sulphur speciatum ex vi Archai, &c.

Nuhn ex Mercurio kommen alle die frantzheiten/so in artetris ligendt/ligamentis, articulis, ossibus, neruis, &c. Dann in andern enden des Leibs/prædominiert substantia Mercurij corporalis nit/allein in den eussern Gliedern/der Sulphur lindert membra interiora, scilicet Cor, Hepar, Cerebrũ, Renes, &c. Vnd deren frantzheiten sollen Sulphurisch geheissen werden: dann in jnen ligt substantia Sulphurea, deren ein Exempel/vñ das von Colica: da ist das Salz ein vrsach/von wegen der Ingreid/in dem das Salz prædominiert/vund macht vil genera Colicæ: nemlich eins/so es sich resoluit/eins so es zu fast induriert wirt. Also so es kompt vber sein temperament/der feuchteen oder trockne zu/darumb in cura Colicæ durch Salia Elementata, das Sal humanum soll rectificiert werden: vund so ein ander Salz als von Sulphur gebraucht wirt/so acht es für submersiones Salis, vund nicht für cura morborum Colicæ. Also auch dermassen in morbis Mercurialibus & Sulphureis seine Res behalten sollen werden/vnd nit contrariũ per contrarium, allein proprium ad suum innatum, fast vberwindt das heis nit/noch heis das fast/in morbis natis: es gehet die Cura durch das/das den morbum generirt hat/vnd derselbigen statt.

Das Fünffte Capitel.

SIch theilen auch die genera morborũ auß in vil ramos vnd locustas vnd folia: jedoch ist es dieselbig Cur. Dañ morbus Mercurialis ist ein Exempel/also das der Liquor Mercurialis dermassen auch vil ramos, locustas vnd folia hatt. Also in pustulis, sind alle genera sub Mercurio: Dañ der morbus ist Mercurialisch: etlich Galli ligend sub Mercurio vulgari/etliche pustulæ sub Mercurio metallino, etlich sub

Ersten Essentiis.

19

sub Mercurio Xylohebeni, etlich sub Mercurio Antimonij:
Drsach hie das Mercurius zu seinen Locusten/ vnd nit auß der
ordnung gehn will. Darumb sollen die Liquores Mercurij er-
kennt werden/ dann er ist der/ der da heilet das jenig/ das sein ei-
gen Salt zerbricht/ Vnd auch das ander/ das in ihm ligt Vis-
consolidatiua vnd incarnatiua, (vt pro natura Mercurij.) So
ist er aber mancherley/ in Metallis ist Liqueor Mercurij als ein
Metall/ in lunipero, vnd Hebena als ein Holz/ in Marcasitis,
Thalkis, Cachimiis als ein mineral/ in Brassatella, Persicaria,
Serpentina, gleich als ein Kraut: vnd ist doch derselbig einig
Mercurius, der sich also manigfaltig erzeugt. Vnd wie also de
Pustulis, also auch de Vlceribus suis: Etlich wollen ihre Cu-
ram habē vom Mercurio de Persicaria, Etlich von Mercurio
de Arsenico. Etlich vō Mercurio de Xylo Guaiaco. Darum
der Medicus wissen soll/ arborem morborum vnd rerum, wel-
cher dan etliche sind. Einer arbor Salis, vnd der ist zwysach/ des
Rebis vñ des Elements: Also auch arbor Sulphuris vnd Mer-
curij. Auff das wiß ein jetlicher Medicus, das er nicht einbrocke
zwen Baum in ein Cur/ vnd die Regulas behalt/ morbis Mer-
curialibus zu geben Mercurium, morbis Salinis das Salem,
morbis Sulphureis das Sulphur, jetlicher frantzheit sein ap-
propriatum als sich gezimbt. Wann im grund so sind nur drey-
erley Arzney/ vnd dreyerley Kranckheiten/ darumb vermitteln
soll werden/ diß lang geschweh der caillation/ der Seigen Aus-
cennæ, Mesuæ, ich mein auch der andern.

Das Sechste Capitel.

Wenn auff das alles damit ein Medicus sein Concepte
ring vnd leicht trag/ soll er alle frantzheiten theilen vnder
den namen seiner Arzney/ wie angefangen ist/ mit diesen
frantzheiten vorbemelt. Vnd sag also: Er soll nit sprechen/ dz ist
Icteria, es ist vnmeisterlich/ dann ein jetlicher Bawrentknecht
weist die kunst. Aber also soltu sprechen: Das ist morbus Leseo-
li, vnd das darumb: Hierin begreiffestū Curam, Proprietatem,
Nomen, Qualitatem, Dispositionem, vnd Artem, vnd Scien-
tiam tuam mit einem namen. Dann Leseolus curirt Icteria,
vnd sonst nichts/ als allein den morbum. Nun bistu absoluiert
D d d ij

Von den Drehen

ab omnibus erroribus, vnd die Cur wirt also probiert/das in Leseolo die höchst Diaphonia des Sals ligt/die vber sulum Topazium coloriert vnd figiert. Nuhn ist Icteria auch also dz Diaphinirt Sals von der gelbe/vnd muß durch seins gleichen hindan getriben werden. Also auch Arsenicata vnd das Sals das Icteria macht/das ist auch ein Mutter Arsenicati vnd Leseoli, aber auß zweyen Müttern geboren/der Annualischen vnd der Elementischen.

Also will ich hie in diesem Eibell/das die drey arbores wol zu verstahn seyndt: dann welcher den Samen nicht kennt dieser Baum/der ist voller jrungen. Nuhn weitter/das ist morbus Auri, vnd sprich nit Lepra. Ich sag auch nit sein species, vnd ist gut Arzneisch geredt/in der gestalt/das diser namm anzeigt/was du für ein Cur hast in Lepra, das viel mehr ist/dann das du sprichst/es ist Lepra: Das weist d Mesuer auch. Also sprich ich/dz ist morbus Tinctura auß dem versteht der erfahren/das du in wissen hast wie tinctura sey/vnd wie tinctura regeneriere/vnd das Alter renasciren macht. Also auch sag ich/das ist morbus Vitrioli, das beweist die experientz/dz du species Epilepsia durch oleum Vitrioli oder durch seinen spiritum curiert hast: Solchs lehren die geschribten hin vnd her: Diweil es mir hieher in die Theoric meines fürnemens dienet/was schadts anzeigen/wie die Theoric soll geendet werden. Vnd das ich aber solchs nach Theorischer arth gemelt hab/ist die vrsach/das die Specialisch art/auß deren die ersten gezogen wirt/vnd die mysteria der Natur/die da verschlossen sind worden durch die Alchimistich Auctoren/auß welchen ich billich mein Theoric beyder vrsprung probieren mag/der Elementen in seiner producierung/der Annualischen in seiner Generation vnd auß ihnen nehmen den grund der Theoric.

Nuhn weiter zu Theorisieren/auß was krafft die Incarnatimschen seyndt: allem auß Mercurio, der heilet Vulnera in langer zeit/als durch den Mercurium in resina, noch schneller als der Mercurius in Mumia, noch schneller/als der Mercurius in Tartaro. Demassen auch in Vlceribus, etlicher Vlcera Cancrorum, etlicher Esthiomena vñ Herisipelas: Solcher Mercurialischen krefft sind vil in Elementaten vnd in annualibus, die alle auß d experientz erfundt worden/durch die die da

Ersten Essentiis.

21

die da verstehnd/ in welchen der Mercurius ligt/ vnd in welchen andere ligendt. Dergleichen auch wissen denselben Mercuriū zubereiten/ Einen in Topazinum, Einen in Crocūm Sandalium, Einen in einen Spiritum, Einen jedlichen in sein Exaltationem, warin er sich frewen sol vnd am besten ist. Vnd wiewol es alles Ein Mercurius ist/ jedoch so will er dermassen herfür gezogen sein/ wie man seinen bedarff. Darumb wir hie reden/ das vis incarnandi vnnnd consolidandi, allein der Mercurius sepe/ in dem kein Sulphur noch kein Salt sein soll/ sondern inn sein lautteren Liquorem gezogen vnd gebracht. Solchs ist auch vom Sulphure vnd Salt zu wissen/ das ist/ dermassen mit handlen/ vnd wissen ihr exaltation/ wöllend ihr anderst Medici geheissen sein/ vnnnd von freyen stucken ewer francken gesund machen. Es solt den Porphyrium verwundern vnd irrig machen/ das Saphyrus soll der Mercurius sein/ vnd der Edel laspis, die weil er es nicht sech vnd in die Hand nemme/ der doch sonst bißher keiner experiens erfahren ist/ noch zu lehren begert/ vnnnd billet doch selber an.

Das Achte Capitel.

Der massen/ waruñ ist d Zinziber diaphoretisch/ vrsacht das Salt auß welchem Corpus er gemacht ist/ vnnnd ist dieselbige krafft des Ignis, durch wellichs ebulliern die generationes, (vñ in Philosophia) vnd durch sein sieden/ deopiliert es/ vnd macht die Humores Sulphuris, Salis, vnd Mercurij in den Andern/ Dritten vnd Vierten Grad der Ebullia: Vnd nach dem vnd es ist auß der Igneitet des Salt/ demnach zündt es den Grad an/ durch welchen Grad die Humiditeten distilliern per Poros vnnnd Guttas herauß an tag. Also auch die Mundificatiuischen/ allein auß krafft des Salt mundificieren/ als Mel, vnd andere/ darauß auch volgt/ das in Melle das Salt Balsami ligt/ das nicht faulen laßt. Also auch in Balsamo, welcher das Edlste Salt ist/ auß der Natur produciert. Von Virtute attractiua zu reden/ das ist die Sulphurisch arth: Als in Gummis, die ziehen auß krafft ihr Sulphureitet/ dann Mastix ist Sulphur also productum: Also auch Opopanacum, Galbanum vnd ander: Vnd ist nicht zu halten der spruch

¶ ¶ ¶ iij

Von den Dreyen

etlicher die da sagen/ Validi est attrahere, sonder also sprechen:
Sulphurum est attrahere, vñnd das ist war. Dann heiß ding
zeucht allein da es ist/ das ist/ da es brennt: Vñnd hatt die ver-
sachen/ was do brennt das ist der Sulphur, vñnd ist nicht fix/
darumb fleucht es/ als dann die Gummi thundt: Laxativa
ziehend vñnd dergleichen/ von den enden da sie nicht seindt/
gleich dem Magneten. Warumb aber die Salia ziehendt/
macht/ daß das Salz dem Sulphur imprimirt ist/ vñnd durch
den Spiritum Sulphuris coaguliert/ darumb es zeucht weiter
dann es ligt. Also auch die Repercussiva seind Sulphurisch/
sie sehendt Heiß oder Kalt/ Grün oder Blaw/ dann es ist des
Repercussivischen Sulphuris arth/ das er ad Centrum geht/
vñnd treibt vor ihm hinweg/ was er begreift de Mobilibus.
Vñnd ist nicht als die sprechen/ Frigidi est repercutere: Die
guten leut meinen sie haben den Fuchs bey dem Schwanz/ so
haben sie ihm gar in Ars griffen. Es müß ein subtiler Albertist
sein/ der die Regel beschirmen wolt/ vñnd wann er schon in des
Græci rathen auch kein (latius in Philosophia.)

Das Neundte Capitel.

Was wir aber de Confortatiuis sollen wissen/lehret die
Erplanat Archei, der also ist gleich dem Men-
schen/ vñnd ligt in den vier Elementen/ vñnd ist Ein
Archeus, vñnd ist in vier partes gesetzt. Sag also/ er ist der groß
Cosmus, der Mensch der klein/ vñnd ist einer wie der ander. Auß
dem kommt die krafft Confortationis: Also was da auß dem
Herzen Archei gehet/ das ist Cordis confortatium, als Au-
rum, Smaragd/ Corallen vñnd ander viel: Was auß der Le-
ber/ confortiert dem kleinen Cosmo sein Lebern/ also für vñnd
für. Solch sterckend krafft gibt der Mercurius nicht/ noch
Sulphur, noch das Salz/ es gibts aber Cor Elementorum
vñnd kommt auß dem. In Elementis ist die stercke/ die sie pro-
duciert vñnd macht auß einem Samen einen Baum/ vñnd
ist ein stercke des Elements/ da der Baum steht vñnd bleibt/
vñnd richt sich auff. Also Hew vñd Stroh auch/ das ist ein
eufferliche stercke/ die die Augen schendt: Also ist ein solche ster-
cke auch

Ersten Essentiis.

23

cke auch in Animalibus darinn sie gehnd/ siehnd vnd bewegen/
also ist sie auch in productis.

Nuhn ist noch eine/ die nicht vor den Augen ligt / vnd ist die
stercke in ihr selbst / das das jening Gesundt vnnnd Frisch bleibt/
darinn es ist: Vnnnd ist der Spiritus Naturæ : In der gestalt/
das ein jedlichs ding denselben hatt / sonst verdürb es: Derselb
big Spiritus bleibet Fix in seinem Corpus / vnnnd ist der do con-
fortiert den Menschen / nach dem vnnnd erkannt wirdt. Also

geht die krafft Archei seiner gliedern in den mindern
Cosmum, durch das mittel der
Vegetabilien.

1.

**Von den ersten dreien Principiis
oder Essentiis.**

Von den ersten dreien essentijs,

III, 15

daraus componirt wird das generatum.

Das erste capitel.

Ein ietlichs gewechs, das sein element producirt, wird in drei ding gesetzt, das ist in sal, sulphur und mercurium: aus den dreien wird ein coniunction, die gibt ein corpus und ein vereinigts wesen. was hie das corpus antrift, wird nicht gemelt, allein das inner des corporis.

Sein wirkung ist dreifach: eine ist des salzs, die nimpt hin durch purgiren, mundificiren, balsamiren und der gleichen ander solche weg und herschet uber das so zu der feulung gehet.

Die ander ist des sulphurs und herschet uber das, was zu vil wird aus den andern zweien oder zerbricht.

Die drit ist des mercurii und nimpt hinweg das in die consumption gehet.

Nun aber zu wissen von den dreien was sein form sei. eins ist ein liquor und ist mercurii, eins ist ein oleitet die ist sulphuris, eins ist ein alkali dis ist vom salz. der mercurius ist on sulphur und salz, der sulphur on mercurio und salz, das salz one sulphur und mercurio, so ein ietlichs stet in seiner potentia.

Aber welche operationes erfunden werden in morbis permixtis, sol verstanden werden, das separatio rerum nit vollkommen ist, sonder zwei in einem als in hydropisi und andern dergleichen. dan permixtae aegritudines sind die so uber sein siccum oder humidum temperatum stent, als oftermals mercurius und sulphur nemen hin paralyfim, aus ursachen das da auch mitlaufft sulphur corporale, oder das er laedirt ist in der confin umbligend. darumb hie acht zu haben ist das ein ietlicher morbus zwifach stent mag, auch dreifach, das ist morbi commixtio. in solchem der medicus betrachten sol, so er ein simplex nimpt, wie hoch es stand in liquore, wie

III, 16

hoch in oleo, wie hoch in sale und wie der morbus in der confin laesion stand, dem selbigen nach extrahiren liquorem oder salem oder sulphur, und in seiner naturst attribuiren. und mit fürzi die regel behalten sol werden, das ein medicin geben werde laesioni, die ander morbo.

Das ander capitel.

Die salia purgiren, doch in mancherlei weg. eins per secessum und sind zwei salia, das ein ist sal rei und digerirt die ding in stul. das ander ist sal naturae und treibt aus, darumb one salz kein stulgang geschehen mag. aus dem folgt das sal vulgi hilft salibus naturae. etlich purgiren per vomitum und ist das gröbist salz, so es nit in digest gehen mag, erstifts oben in stomacho, etlichs per sudorem, und ist das subtilist salz, und ist das salz das in das blut kompt; dan die salia ad stercora und ad vomitum komen in das blut nit, darumb sie keinen sudorem provociren, und ist nur salz was heraus gêt. etlich provociren durch urinam, dan der ganz urin ist nur sal superfluum. der stercus sulphur superfluum, des liquoris gêt nichts superflue heraus, sonder bleibt in ime. also sind alle egest so aus dem leib komen durch das salz ausgetriben phlegma, durch die nasen, das aus den oren, durch die augen und in ander weg. sollich wird durch den archeum verstanden, aus welchem sie ire operationes nemen, als im lezten angezeigt wird.

Wie nun aus dem archeo, das salz lapativischer art gêt, eins purgirt stomachum, wan es kompt aus dem stomacho archei, eins purgirt das milz, wan es kompt aus dem milz archei. also auch mit cerebro, iecore, pulmone und mit andern, also ursacht das membrum archei, das membrum microcosmi.

Nun aber vom alcali zuwissen und salz, ist mancherlei. eins ist süß als cassia und ist das separirt salz, das in den mineralibus antimonium heist. eines ist saur als sal gem-

mae, eins reß und ist im zinzibere, eins bitter und ist im rhabarbaro und coloquintide 2c. darauf zuwissen ist das vil alcali geboren werden, als harmel, vil extrahirt als scam-monea, vil coagulirt als absinthii, das zu verstehen ist aus ^{III, 17} dem als sie im salz erkennt werden. der gleichen purgirn etlich alein per sudorem, etlich alein durch consumiren und der gleichen. dan als oft ein besonder sapor, als oft ein besonder operatio und expulsio, deren doch alein zwo sind, das ist operatio rei und operatio extincta.

Das dritte capitel.

Der sulphur operirt efficcando et consumendo superfluum; es sei von ime oder von den anderen, so sol es durch den sulphur consumirt werden, so es den salibus nicht unterworfen were oder ist. als in hydropisi gehört die medicin der salium aus der lebern arthei, hinzunemen das do putrefactum ist und corruptum. weiter aber den morbum hinzunemen, so muß es durch den sulphur beschehen, dem solche krankheiten unterworfen sind in irem ursprung, wiewol es nit ein ietlicher sulphur tut. also ist es producirt aus der natur des elements, das ein ietliche krankheit so die natur des leibs macht ein gegenteil aus der natur des elements hab, und das geschicht universaliter und particulariter. darumb aus den generibus des elements die genera morborum zu erkennen sind. also zeit ie eins das ander an.

Also auch von mercurio. der selbig nimpt an sich das, so dem salz und dem sulphur absagt, als dan sind die morbi ligamentorum, arteriarum, iuncturarum, articulorum und der gleichen. darumb in den selbigen krankheiten alein zu bedenken ist, das der liquor mercurii genomen werd. also sollen durch die ding die genanten aegritudines genomen werden so einem ietlichen zustet, und ein ietliches wie es in im selbs zu erkennen ist, de specialitate rerum in natura angezeigt wird, in philosophia de re et natura und hie lenge halb vermeiden.

Das vierte capitel.

Also sol auch der medicus verstēn drei genera omnium morborum, ein genus ex sale, eins ex sulphure, eins ex mercurio. ex sale in der gestalt : ein ietlicher morbus laxus wird ex sale generirt, als fluxus ventris, dysenteria, diarrhoea, 111, 18 lienteria ꝛc, und ist das salz das an seiner stat ligt ; dan es kompt ein iegliche egestion aus dem salz, gesunt und krank ; eins ist sal naturae, eins ist sal corruptum et resolutum. auf das folgt das sein cura herwiderumb durch salia beschehen muß, also das salz herwiderumb rectificirt und scheit das resolvirt salz vom ganzen. demnach folgt cura sulphurea als ein confirmation der operirung im salz, denn sie des gewaltig ist und ist sulphur speciatum ex vi archaei ꝛc.

Nun ex mercurio komen alle die krankheiten so in arteriis ligent, ligamentis, articulis, ossibus, nervis ꝛc. dan in andern enden des leibs praedominirt substantia mercurii corporalis nit, alein in den eußern glidern. der sulphur lindert membra interiora, scilicet cor, hepar, cerebrum, renes ꝛc, und deren krankheiten sollen sulphurisch geheissen werden, dan in inen ligt substantia sulphurea, deren ein exempel und das von colica. da ist das salz ein ursach von wegen der ingeweid, in dem das salz praedominirt und macht vil genera colicae ; nemlich eins so es sich resolvirt, eins so es zu fast indurirt wird. also so es kompt uber sein temperament der feuchten oder tröfne zu, darumb in cura colicae durch salia elementata das sal humanum sol rectificirt werden. und so ein ander salz als vom sulphur gebraucht wird, so acht es für submersiones salis und nicht für cura morborum colicae. also auch dermaßen in morbis mercurialibus et sulphureis seine res behalten sollen werden und nit contrarium per contrarium, alein proprium ad suum innatum. Kalt uberwint das heiß nit, noch heiß das kalt, in morbis natis : es gehet die cura durch das das den morbum generirt hat und der selbigen stat.

Das fünfte capitel.

Sich teilen auch die genera morborum aus in vil ramos und locustas und folia, iedoch ist es die selbig cur. dan morbus mercurialis ist ein exempel also das der liquor mercurialis dermaßen auch vil ramos locustas und folia hat. also in pustulis sind alle genera sub mercurio, dan der morbus ist mercurialis. etlich galli ligent sub mercurio vulgari etliche pustulae sub mercurio metallino, etlich sub mercurio pylohebeni, etlich sub mercurio antimonii. ursach hie das III, 19 mercurius zu seinen locusten und nit aus der ordnung gēn wil. darumb sollen die liquores mercurii erkent werden, dan er ist der, der do heilet das jenig das sein eigen salz zerbricht, und auch das ander das in im ligt, vis consolidativa und incarnativa (ut pro natura mercurii). so ist er aber mancherlei, in metallis ist liquor mercurii als ein metall, in iunipero und hebeno als ein holz, in marcasitis, talfis, cachimis als ein mineral, in brassatella, persicaria, serpentina gleich als ein fraut und ist doch der selbig einig mercurius der sich also manigfältig erzeugt. und wie also de pustulis also auch de ulceribus suis; etlich wollen ire curam haben von mercurio de persicaria, etlich von mercurio de arsenico, etlich von mercurio de pylo guaiaco. darum der medicus wissen sol arborem morborum und rerum welcher dan etliche sind. einer arbor salis und der ist zweifach, des rebis und des elements. also auch arbor sulphuris und mercurii. auf das wiß ein ietlicher medicus das er nicht einbrocke zwen beum in ein cur, und die regulas behalt, morbis mercurialibus zu geben mercurium, morbis salinis das salem, morbis sulphureis das sulphur, ietlicher krankheit sein appropriatum als sich gezimpt. wan im grunt so sind nur dreierlei arznei und dreierlei krankheiten, darumb vermeiden sol werden dis lang geschweiz der cavillation der geigen Avicennae, Mesuae, ich mein auch der andern.

Das sechste capitel.

Nun auf das alles damit ein medicus sein concept ring und leicht trag, sol er alle krankheiten teilen under den namen seiner arznei, wie angefangen ist mit disen krankheiten vorbemelt. und sag also: er sol nit sprechen das ist icteritia, es ist unmeisterlich, dan ein ietlicher baurenknecht weist die Kunst. aber also soltu sprechen: das ist morbus leseoli und das darumb: hierin begreifestu curam, proprietatem, nomen, qualitatem, dispositionem und artem und scientiam tuam mit einem namen. dan leseolus curirt icteritiam und sonst nichts als allein den morbum. nun bistu
111, 20 absolvirt ab omnibus erroribus und die cur also wird probirt, das in leseolo die höchst diaphonia des salz ligt die uber fustum topazium colorirt und figirt. nun ist icteritia auch also das diaphinirt salz von der gilbi und muß durch seins gleichen hindan getriben werden. also auch arsenicata und das salz das icteritiam macht, das ist auch ein muter arsenicati und leseoli, aber aus zwe nmütern geboren der annualischen und der elementischen.

Also wil ich hie in disem libel, das die drei arbores wol zu verstan seiend; dan welcher den samen nicht kent diser beum der ist voller irrungen. nun weiter, das ist morbus auri und spricht nit lepra. ich sag auch nit sein species, und ist gut arzneisch geret in der gestalt das diser nam anzeigt was du für ein cur hast in lepra, das vil mer ist dan das du sprichst, es ist lepra: das weist der meßner auch. also sprich ich, das ist morbus tincturae aus dem verstet der erfahren, das du in wissen hast wie tinctura sei und wie tinctura regenerire und das alter renasciren macht. also auch sag ich, das ist morbus vitrioli das beweist die experienz das du species epilepsiae durch oleum vitrioli oder durch seinen spiritum curirt hast. solchs lernen die geschribten hin und her. dieweil es mir hierher in die theoric meines fürnemens dienet, was schats anzeigen wie die theoric sol ge-

endert werden. und das ich aber solchs nach theorischer art gemelt hab, ist die ursach das die specialisch art aus denen dreien ersten gezogen wird und die mysteria der natur die do verschlossen sind worden durch die alchimistischen autoren, aus welchen ich bilich mein theoric beider ursprung probiren mag der elementen in seiner producierung der annuallischen in seiner generation und aus inen nemen den grunt der theorif.

Das sibent capitel.

Nun weiter zu theorisiren aus was kraft die incarnativischen seient, alein aus mercurio der heilet vulnera in langer zeit, als durch den mercurium in resina, noch schneller als der mercurius in mumia, noch schneller als der mercurius in tartaro. der maßen auch in ulceribus, etlicher uclera cancrorum, etlicher esthiomena und herispelas. solcher mercurialischen kreften sind vil in elementaten und in annuallibus, die alle aus der experienz erfunden worden durch die die da verstēnt, in welchen der mercurius ligt und in welchen andere ligent. der gleichen auch wissen den selbigen mercurium zu bereiten, einen in topazinum, einen in crocum sandalinum, einen in einen spiritum, einen ietlichen in sein exaltationem, warin er sich freuen sol und am besten ist. und wiewol es alles ein mercurius ist, iedoch so wil er der maßen herfür gezogen sein wie man seinen bedarf. darumb wir hie reden das vis incarnandi und consolidandi, alein der mercurius seie, in dem kein sulphur noch kein salz sein sol, sonder in sein lauterem liquorem gezogen und gebracht. solchs ist auch vom sulphure und salz zu wissen, das ir der maßen mit hantlen und wissen ir exaltation, wöllent ir anderst medici geheissen sein und von freien stücken euer franken gesunt machen. es solt den porphyrium verwundern und irrig machen das saphirus sol der mercurius sein und der edel iapsis, dieweil er es nicht sech und in die hant

neme, der doch sonst bisher keiner experienz erfahren ist, noch zu lernen begert und billet doch selber an.

Das achte capitel.

Der maßen warumb ist der zinziber diaphoretisch? ursacht das salz aus welchem corpus er gemacht ist und ist die selbige kraft des ignis, durch wellichs ebulliren die generationes (ut in philosophia) und durch sein sieden deopilirt es und macht die humores sulphuris, salis und mercurii in den andern, dritten und vierten grad der ebulliz. und nach dem und es ist aus der igneitet des salz, demnach zündt es den grad an, durch welchen grad die humiditeten distilliren per poros und guttas heraus an tag. also auch die mundificativischen alein aus kraft des salzes mundificiren, als mel und andere, daraus auch folgt das in melle das salz balsamigt das nicht faulen laßt. also auch in balsamo welcher das edlste salz ist, aus der natur producirt. von virtute attractiva zu reden, das ist die sulphurisch art, als in gummis, die ziehen aus kraft ir sulphureitet; dan mastix ist sulphur also productum, also auch opopanax, galbanum und ander. und ist nicht zu halten der spruch etlicher die da sagen, *capitulum 22* *libi est attrahere*, sonder also sprechen sulphurum est attrahere, und das ist war. dan heiß ding zeucht alein do es ist, das ist, do es brent, und hat die ursachen, was do brent das ist der sulphur und ist nicht fix, darumb fleucht es, als dan die gummi tunt, lapativa ziehent und der gleichen von den enden da sie nicht seind gleich dem magneten. warumb aber die salia ziehent, macht das das salz dem sulphur imprimirt ist und durch den spiritum sulphuris coagulirt, darumb es zeucht weiter dan es ligt. also auch die repersussiva seind sulphurisch, sie seient heiß oder kalt, grün oder blau; dan es ist des repersussivischen sulphuris art das er ad centrum gêt und treibt vor im hinweg was er begreift de mobilibus. und ist nicht als die sprechen, frigidi

est repercutere. die guten leut meinen sie haben den fuchs bei dem schwanz, so haben sie im gar in ars griffen. es müßt ein subtiler Albertist sein, der die regel beschirmen wölt und wan er schon in der Graeci raten auch kem (latius in philosophia).

Das neunte capitel.

Was wir aber de confortativis sollen wissen, lernet die explanation archei der also ist gleich dem menschen und ligt in den vier elementen und ist ein archeus und ist in vier partes gesetzt. sag also, er ist der groß cosmus, der mensch der Klein, und ist einer wie der ander. aus dem kompt die kraft confortationis. also was da aus dem herzen archei gehet, das ist cordis confortativum, als aurum, smaragd, corallen und ander vil. was aus der lebern, confortirt dem Kleinen cosmo sein lebern, also für und für. solch sterckend kraft gibt der mercurius nicht, noch sulphur, noch das salz, es gibts aber cor elementorum und kompt aus dem. in elementis ist die sterck die sie producirt und macht aus einem samen einen baum und ist ein sterck des elements da der baum stet und bleibt und richt sich auf. also heu und stro auch, das ist ein eußerliche stercke die die augen sehen. also ist ein solche sterck auch in animalibus darin sie gont, III, 23 stont und bewegen; also ist sie auch in productis.

Nun ist noch eine die nicht vor den augen ligt und ist die sterck in ir selbst, das das jenig gsunt und frisch bleibt darin es ist. und ist der spiritus naturae, in der gestalt das ein ietliches ding den selben hat sonst verdurb es. der selbig spiritus bleibet fix in seinem corpus und ist der do confortirt den menschen nach dem und erkent wird. also gehet die kraft archei seiner glidern in den mindern cosmum durch das mittel der vegetabilien.

**VON DEN ERSTEN DREI PRINCIPIIS
ODER ESSENTIIS**

DAS ERSTE KAPITEL

Ein jegliches Gewächs, das sein Element erzeugte, wird in drei Dinge gesetzt, das ist sal, sulphur und mercurium; aus den dreien wird eine coniunction, die ergibt ein corpus und ein vereinigt Wesen. Was das corpus anbetrifft, wird hier nicht gemeldet, allein das Innere des corporis.

Seine Wirkung ist dreifach: eine ist des Salzes, die nimmt hin durch Purgieren, das ist Abführen, Mundificieren, das ist Reinigen, Balsamieren und andere dergleichen Wege, und herrscht über das, so zur Faulung geht.

Die andere ist des Sulphurs und herrscht über das, was aus den ändern zweien zu viel wird, oder zerbricht.

Die dritte ist des mercurii, und nimmt hinweg, das in die Consumption, das ist Verzehrung geht.

Nun wisse, was von den dreien die Form sei. Eins ist ein liquor und das ist mercurii, eins ist eine Öligkeit, die ist sulphuris, eins ist ein Alkali, dies ist vom Salz. Der mercurius ist ohne Sulphur und Salz, der Sulphur ohne Mercurio und Salz, das Salz ohne Sulphur und Mercurio, wenn ein jegliches in seiner potentia steht.

Nun welche operationes in morbis permixtis gefunden werden. Es muß verstanden werden, daß separatio rerum nit vollkommen sei, sondern daß zwei (Essentien) in einer Erscheinung begegnen, wie in hydropisi, der Wassersudu, und dergleichen. Denn permixtae aegritudines sind die, die über sein temperatum hinaus trocken oder feucht sind, wie in paralysin, der Lähmung, mercurius und sulphur aus der Temperatur treten, wenn da auch sulphur corporale mitläuft, oder daß er in der umliegenden confin, das ist Nachbarschaft, laediert ist. Darum ist hier darauf acht zu haben, daß ein jeglicher morbus zwiefach stehn kann, auch dreifach, das sind dann morbi commixtio. Darum muß in diesen Dingen der Medikus, wenn er ein simplex nimmt, beachten, wie hoch es in liquore stehe, wie hoch in oleo, wie hoch in sale, und wie der morbus in der confin laesion steht,

darnach muß er liquorem oder salem oder sulphur extrahieren, und nach seiner Notdurft attribuieren. Und in aller Kürze muß die Regel eingehalten werden, daß laesioni eine Medizin gegeben werde, morbo die andere.

DAS ANDERE KAPITEL

Die salia purgieren, jedoch auf mancherlei Art und Weise. Eins per secessum, das ist durch Abscheiden, und sind deren zwei, das eine ist sal rei und digeriert, das ist löst auf, die Dinge im Stuhl; das andere ist sal naturae und treibt aus, weshalb ohne Salz kein Stuhlgang geschehen kann. Aus dem folgt: das sal vulgi oder gemeine Salz den salibus naturae hilft. Etliche purgieren per vomitum, das ist durch Speien, und das ist das gröbste Salz; so es nit in digest, das ist in die Verdauung, gehen kann, erstickts oben in stomacho, das ist im Magen, — etliche per sudorem, das ist im Schweiß, und das ist das subtilste Salz, und ist das Salz, das in das Blut kommt. Denn die salia ad stercora, im Kot, und ad vomitum kommen nit in das Blut, weshalb sie keinen sudorem provozieren, und es ist nur das Salz, das herausgeht. Etliche provocieren, das ist purgieren durch urinam, denn der ganze Urin ist nur sal superfluum, das ist überflüssiges Salz, der stercus ist sulphur superfluum. Des liquoris geht nichts superflue heraus, sondern bleibt drin. Alle egest, das heißt Auswürfe, die aus dem Leibe kommen, sind durch das Salz ausgetriebenes phlegma, durch die Nasen, aus den Ohren, durch die Augen und noch anderwegs. Das geschieht durch den archeum, aus welchem sie ihre operationes nehmen, wie im Letzten angezeigt wird.

Wie nun aus dem archeo das Salz laxativischer Art geht, — eins purgiert stomachum, denn es kommt aus dem stomacho archei, eins purgiert die Milz, denn es kommt aus der Milz archei, und so auch mit cerebro, das ist Gehirn, iecore, das ist die Leber, pulmone, die Lunge, und mit anderen, — so ursacht das membrum archei das membrum oder Glied microcosmi.

Nun aber vom Alkali und Salz ist zu wissen, daß deren mancherlei sind. Eins ist süß wie cassia, das ist Wilder Zimmet, und das ist das separierte Salz, das in den mineralibus Antimonium heißt. Ein ist sauer, wie sal gemmae, eins reiß und ist im Zinziber (Ingwer?), eins bitter und ist im Rhabarber und colocynthide etc. Dann ist ferner zu wissen, daß viele alcali geboren werden, wie Harmel, das ist der Samen der Waldraute, viele extrahiert wie scammonia, das ist Purgierkrautsaft, viele coaguliert wie absinthii,

das ist Wermut, das zu verstehen ist aus dem, als was sie im Salz erkannt werden. Desgleichen purgieren etliche allein per sudorem, etliche allein durch consumieren, das ist verbrauchen, und dergleichen. Und so oft ein besonderer sapor, das ist Geschmack, so oft liegt vor eine besondere operatio und expulsio, das ist Austreibung, deren doch allein zwei sind: operatio rei und operatio extincta, das ist austilgende operatio.

DAS DRITTE KAPITEL

Der Sulphur operiert exsiccando, das ist austrocknend et consumendo das ist verzehrend, das superfluum; es sei von ihm oder von den ändern, so muß es durch den Sulphur consumiert werden, wenn es den salibus nicht unterworfen wäre oder ist. Wie in hydropisi, der Wassersucht, gehört die Medizin der salium aus der Leber archei, um hinzunehmen, was da putrefactum, das ist verfault, ist und corruptum, das ist verdorben. Weiter aber den morbum hinzunehmen, das muß durch den Sulphur geschehen, dem solche Krankheiten in ihrem Ursprung unterworfen sind, wiewohl es nit ein jeglicher Sulphur tut. So ist es aus der Natur des Elements produciert oder eingerichtet, daß eine jegliche Krankheit, die die Natur des Leibes macht, ein Gegenteil aus der Natur des Elementes habe, und das geschieht universaliter und particulariter. Drum sind aus den generibus, das ist Geschlechten, des Elements die genera morborum zu erkennen. So zeigt je eins das andere an.

So auch vom mercurio. Der selbige nimmt an sich das, das dem Salz und dem Sulphur absagt, als da sind die morbi ligamentorum, das sind die Krankheiten der Bänder, arteriarum oder der Arterien, iuncturarum, das sind die der Querbänder, articulorum, das sind die der Gelenke und dergleichen. Darum ist in den selbigen Krankheiten allein daran zu denken, daß der liquor mercurii genommen werde. So sollen durch die Dinge die genannten aegritudines genommen werden, wie es einem jeglichen zusteht. Und ein jegliches, wie es in sich selbst zu erkennen ist, wird De specialitate rerum natura angezeigt und in Philosophia de re et natura, und hier der Länge wegen vermieden.

DAS VIERTE KAPITEL

Es soll auch der medicus drei genera omnium morborum erkennen, ein genus ex sale, eins ex sulphure, eins ex mercurio. Ex sale dergestalt: ein jeglicher morbus laxus, das ist eröffnender Krankheit, wird ex sale generiert, wie fluxus ventris, das ist Bauchfluß, dysenteria, diarrhoea, lenteria, das ist der Magenruhr, etc. und ist das Salz, das jeweils an seiner Statt liegt.

Denn es kommt eine jegliche Egestion, gesunde und kranke, aus dem Salz; eine ist sal naturae, eine ist sal corruptum et resolutum, das ist aufgelöst. Daraus folgt, daß seine cura wiederum durch salia geschehen muß, so daß das Salz wiederum rectificiert, und das resolvierte Salz sich vom Ganzen scheidet. Dem nach folgt cura sulphurea als eine Confirmation oder Befestigung der Operierung im Salz, denn dessen ist sie gewaltig, und es ist sulphur speciatum ex vi ardhei etc.

Nun, ex mercurio kommen alle die Krankheiten, die in arteriis liegen, in ligamentis, das ist Bändern, articulis, das ist Gelenken, ossibus, das ist in Knochen, nervis etc. Denn an ändern Orten des Leibes praedominiert substantia mercurii corporalis nit, allein in den äußeren Gliedern.

Der Sulphur lindert membra interiora, die inneren Glieder, scilicet cor, das ist Herz, hepar, die Leber, cerebrum, renes, das sind die Nieren etc., und deren Krankheiten sollen sulphurisch geheißten werden, denn in ihnen liegt substantia sulphurea. Nehmen wir als Exempel das der colica. Da ist das Salz eine Ursache, wegen der Eingeweide, in denen das Salz praedominiert, das ist vorherrscht, und macht viel genera colicae, nämlich ein genus, wenn es sich resolviert, eins wenn es zu sehr induriert, das ist verhärtet, wird, wenn es über sein Temperament, das ist seine Ausgewogenheit, der Feuchte oder Trockenheit zuneigt, — drum soll in cura colicae das sal humanum durch salia elementata rectificiert werden. Und wenn ein ander Salz, wie das vom Sulphur, gebraucht wird, so halte das für submersiones salis, für eine Ertränkung des Salzes, und nicht für cura morborum colicae. So sollen auch dermaßen in morbis mercurialibus et sulphureis ihre res behalten werden und nit soll contrarium per contrarium gelten, allein proprium ad suum innatum. Kalt überwindet das Heiß nit, noch Heiß das Kalt in morbis natis; es geschieht die cura durch das, das den morbum generiert hat und an der selbigen Statt.

DAS FÜNFTE KAPITEL

Die genera morborum teilen sich auch aus in viel ramos, das sind Äste, und locustas, das sind Zweige, und folia, das sind Blätter, es ist jedoch stets die selbige Kur. Morbus mercurialis ist ein Exempel, daß der liquor mercurialis dermaßen viel ramos, locustas und folia hat. So sind in pustulis alle genera sub mercurio, denn der morbus ist mercurialisch. Einige galli, das ist Lues, liegen sub mercurio vulgari, einige pustulae sub mercurio metallino, einige sub mercurio xylohebeni das ist Ebenholz, einige sub mercurii antimonii, aus der Ursache, daß mercurius zu seinen Locusten und nit aus der Ordnung gehen will. Drum müssen die liquores mercurii erforscht werden, denn er ist der, der da dasjenige heilt, das sein eigen Salz zerbricht, und auch das andere, das in ihm liegt, vis consolidativa und incarnativa, das ist die festigende und fleischmachende Kraft, (ut pro natura mercurii.).

Der mercurius erscheint aber in mancherlei Gestalt; in metallis ist liquor mercurii wie ein Metall, in iunipero, das ist Wacholder, und hebeno, das ist Ebenholz, wie ein Holz, in marcasitas, talkis, cachimiis wie ein Mineral, in brassatella (Kohl?), persicaria, das ist Lausekraut, serpentina, das ist Schlangenkraut, wie ein Kraut, und es ist doch der selbige einige mercurius, der sich so mannigfaltig zeigt. Und wie de pustulis, so auch de ulceribus suis; einige wollen ihre cura vom mercurio de persicaria haben, einige vom mercurio de arsenico, einige vom mercurio de xylo guaiaco, das ist vom Guayakholz. Darum muß der medicus arborem morborum, das ist den Krankheitenbaum, und rerum, welcher etliche sind, kennen. Einer ist arbor salis, der Baum der Salze, und der ist zweifach, des rebis, das ist excrementum alvi oder Kot und des Elements. Ebenso auch arbor sulphuris und mercurii. Darauf wisse ein jeglicher medicus, daß er nicht zween Bäume in eine Kur einbrocke und die regulas halte: morbis mercurialibus mercurium zu geben, salem den morbis salinis, das Sulphur den morbis sulphureis, jeglicher Krankheit sein appropriatum, wie es sich geziemt. Denn im Grunde sind nur dreierlei Arznei und dreierlei Krankheiten, drum soll das lange Geschwätz der Cavillation, das ist Sophisterei, der Geigen Avicennas, Mesuae, ich mein auch der ändern, vermieden werden.

DAS SECHSTE KAPITEL

Nun, nach diesem: damit ein medicus sein Concept ohne Mühe und leicht trage, soll er alle Krankheiten unter die Namen seiner Arznei aufteilen, wie mit diesen vorgemeldeten Krankheiten angefangen worden ist. Und ich sage so: er solle nit sprechen: das ist icteritia, oder Gelbsucht, das ist unmeisterlich, denn die Kunst weiß ein jeder Bauernknecht. Aber du sollst so sprechen: das ist morbus leseoli, und das darum: hierin einbegreifst du curam, proprietatem, nomen, qualitatem dispositionem und artem und scientiam tuam in einem Namen. Denn leseolum kuriert icteritiam und sonst nichts als allein den morbum. Nun bist du ab omnibus erroribus absolviert und die Kur wird es erproben, daß in leseolo die höchste diaphonia, das ist Durchsichtigkeit des Salzes, liegt, die über fusum topazium, das ist Erguß des Topas, hinaus coloriert und figiert ist. Nun ist icteritia auch das diaphinierte Salz von der Gilbe und muß durch seinesgleichen hintan getrieben werden. Arsenicata und das Salz, das icteritiam macht, ist auch eine Mutter arsenicati und leseoli, aber ist aus zween Müttern geboren, der annualischen und der elementischen.

So will ich hier in diesem Buch, daß die drei arbores wohl zu verstehen seien, denn wer den Samen dieser Bäume nicht kennt, der ist voller Irrungen. Nun weiter: sage das ist morbus auri, und sprich nit lepra. Ich sage auch seine species nicht, und (aurum) ist gut arzneiisch geredet, da dieser Name anzeigt, was du für eine Kur in lepra hast, was viel mehr ist, als daß du sprächest: es ist lepra. Das weiß der Meßner auch. So sprech ich: das ist morbus tincturae; aus dem versteht der Erfahrene, daß du im Wissen habest, wie tinctura sei und wie tinctura regeneriere und das Alter renascieren, das ist wiedergebären, macht. So auch sage ich: das ist morbus vitrioli, und das beweist die Experienz, daß du nämlich species epilepsiae durch oleum vitrioli oder durch seinen spiritum kuriert hast. Solches lehren die Schriften hin und her. Weil es mir hier in die Theorie meines Vorhabens dient, was schadets anzuzeigen, wie die Theorie geändert werden müßte. Daß ich aber solches nach theorischer Art geschrieben habe, ist dieses die Ursache, daß die specialische Art aus den drei Ersten abgeleitet wird, und ferner die mysteria der Natur, die da durch die alchemistischen Autoren verschlossen worden sind, aus welchen mysteriae ich billig meine Theorie beider Ursprünge, der Elemente in ihrer Producierung, der annualischen in ihrer Generation, zur Probe stellen will und aus ihnen den Grund der Theorie nehmen.

DAS SIEBENTE KAPITEL

Nun ist weiter zu theoretisieren, aus was Kraft die incarnativischen seien. Allein aus mercurio; der heilt vulnera, das ist Wunden, in langer Zeit, nämlich durch den mercurium in resina, das ist in den Harzen, noch schneller als der mercurius in mumia, noch schneller als der mercurius in tartaro. Eben dermaßen auch in ulceribus, das ist in Geschwüren, einigen ulcera cancrorum, (das sind Krebsgeschwüre), einigen aesthiomena und herisipelas, (das sind Hautentzündungen). Solcher mercurialischen Kräfte sind viel in Elementaten und in annualibus vorhanden, die alle aus der Experienz gefunden worden sind durch die, die verstehen, in welchen Dingen der mercurius liegt, und in welchen andere liegen. Desgleichen muß man auch wissen den selbigen mercurium zu bereiten, einen in topasium, einen in crocum sandalinum, das ist Sandelholzblüte, einen in einem spiritum, einen jeglichen in seiner exaltationem, in der er sich erfreut und am besten ist. Und obwohl es alles ein mercurius ist, so will er doch in den Maßen hervorgezogen werden, wie man sein bedarf. Darum sagen wir hier, daß vis incarnandi und consolidandi allein mercurius sei, in dem kein Sulphur und kein Salz sein darf, sondern es wird in seinen lauterem liquor gezogen und gebracht. Solches ist auch vom sulphure und Salz zu wissen, daß ihr dermaßen mit ihnen handelt und ihre Exaltation wißt, wenn ihr anders medici geheißten sein und eure Kranken aus freien Stücken gesund machen wollt. Es muß den Porphyrius verwundern und irrig machen, daß saphirus und der edel iaspis soll der mercurius sein, dieweil er es nicht sehe und in die Hand nehme, — der doch sonst bisher keiner Experienz erfahren ist noch zu lernen begehrt, und bellt doch Kälber an.

DAS ACHTE KAPITEL

Warum ist der Zinziber (Ingwer?) diaphoretisch, das ist schweißtreibend? Das ursacht das Salz, aus welchem corpus er gemacht ist, und ist die selbige Kraft des ignis, das ist des Feuers, durch welche die generationes ebullieren, das ist sieden, und durch sein Sieden deopiliert es, das ist führt es ab, und bringt die humores sulphuris, salis und mercurii in den ändern, dritten und vierten Grad der Ebulliz. Und je nachdem es aus der Igneitaet des Salzes ist, darnach zündet es den Grad an, durch welchen Grad die Humiditaeten per poros und guttas, das sind Tropfen, heraus an den Tag destillieren. Die

Mundificativischen, das sind Reinigenden, mundificieren allein aus Kraft des Salzes, wie mel, das ist Honig, und anderes; daraus folgt auch, daß in melle das Salz balsami liegt, das nicht faulen läßt. So auch in balsamo, welcher das edelste, aus der Natur producierte, Salz ist.

Von virtute attractiva, das ist der anziehenden Kraft, zu reden, — das ist eine sulphurische Art, wie in gummis, die ziehen an aus kraft ihrer Sulphureitaet, denn Mastix ist sulphur productum, ebenso auch Opoponax, das ist Balsamstaudensaft, galbanum und andere. Der Spruch einiger, die da sagen „calidi est attrahere“, das ist: Wärme zieht an, ist nicht zu halten, sondern man muß sprechen: sulphurum est attrahere, und das ist wahr. Denn heißes Ding zieht allein da, wo es brennt, — und das hat die Ursache: was da brennt, das ist der Sulphur, und der ist nicht fix, darum fliegt er, wie die gummi tun; laxativa und dergleichen ziehen, gleich dem Magneten von den Orten, da sie nicht sind. Warum aber die salia ziehen, macht, daß das Salz dem Sulphur imprimiert ist und durch den spiritum sulphuris coaguliert, darum zieht es weiter, als es liegt. So sind auch die repercussiva, das sind Zurücktreibende, sulphurisch, sie seien heiß oder kalt, grün oder blau, denn es ist des repercussivischen sulphuris Art, daß er ad centrum geht und vor sich, was er de mobilibus ergreift, hinweg treibt. Und es stimmt nicht, was sie sagen „frigidi est repercutare“, das ist: Kälte läßt zurückgehen. Die guten Leute meinen, sie hätten den Fuchs beim Schwanz; da haben sie ihm gar in den Arsch gegriffen. Es müßte ein subtiler Albertist sein, der die Regel beschirmen könnte, und wenn er gleich schon in die Raden der Graeci käme.

DAS NEUNTE KAPITEL

Was wir aber de confortativis, das ist von den Stärkenden, wissen sollen, lehret die Explanation, das ist Ausbreitung, archei, der so gleich dem Menschen ist und liegt in den vier Elementen, und ist ein archeus, und ist in vier partes gesetzt. Sage also: er ist der große Kosmos, der Mensch der kleine, und ist einer wie der andere. Aus dem kommt die Kraft confortationis. Was da aus dem Herzen archei geht, das ist cordis confortativum, eine Herzstärkung, wie aurum, das ist Gold, Smaragd, Corallen und viel anderes. Was aus der Leber ist, confortiert dem kleinen Kosmos seine Leber, und so für und für. Solche stärkende Kraft gibt der mercurius nicht, noch der sulphur noch das Salz, es gibt sie aber cor elementorum und sie kommt aus dem. Die Stärke, die sie produciert, ist in elementis, und macht aus einem Samen einen Baum, und ist eine Stärke des Elements, daß der Baum

steht und bleibt und richtet sich auf. So Heu und Stroh auch; das ist eine äußere Stärke, die die Augen sehen. So ist eine solche Stärke auch in animalibus, aus der sie gehen, stehen und sich bewegen; so ist sie auch in productis.

Dann ist noch eine, die nicht vor Augen liegt, und ist die Stärke an sich selbst, dass dasjenige gesund und frisch bleibt, darin sie ist. Und das ist der spiritus naturae, dergestalt daß ein jegliches Ding denselben hat, sonst verdürbe es. Der selbige spiritus bleibt fix in seinem Corpus und ist der, der da den Menschen, nach dem er erkannt wird, confortiert. So geht die Kraft archei durch das Mittel der Vegetabilien in den minderen Kosmos.